00085988

Lon
915.15
And/Des
35988

00085988

Digitized with financial assistance from

HT Parekh FOUNDATION

An Initiative by HDFC

WITH YOU, RIGHT THROUGH

on 28 December, 2018

O DESCOBRIMENTO DO TIBET

3.8.58

...DÉMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

O DESCOBRIMENTO DO TIBET

PELO

P. ANTÓNIO DE ANDRADE

Da Companhia de Jesus, em 1624,

NARRADO EM DUAS CARTAS DO MESMO RELIGIOSO

ESTUDO HISTÓRICO

POR

FRANCISCO MARIA ESTEVES PEREIRA

3-6-58

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY.

E5988

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1921

3-6-58

Por 915.15
And/Des
~~85988~~
85988
Ref
951.5

PARECER

A respeito da publicação do estudo «Descobrimento do Tibet pelo Padre António de Andrade, da Companhia de Jesus, em 1624», apresentado à classe de letras pelo sócio efectivo Sr. F. M. Esteves Pereira

São bem conhecidas dos bibliógrafos as publicações que os Jesuítas, enviados como missionários nos fins do século XVI e XVII ao Oriente e ao Brasil, nos deixaram impressas. Preciosidades bibliográficas, escritas principalmente com o pensamento religioso, é certo que encerram também importantes dados geográficos e históricos e curiosas impressões sôbre o estado social dos povos, que procuravam converter à religião católica.

A *Relação* do Padre Luís Fróis, as cartas coligidas pelo Padre Amador Rebelo, e as *Anuas* do Padre Girão são outros tantos monumentos de alta valia para a história do nosso gigantesco esfôrço de além-mar.

Se Portugueses houve que se imortalizaram na descoberta de novos mares, novos continentes e novas ilhas, arando o oceano com quilhas ousadas, outros houve que se imortalizaram percorrendo os continentes ignotos aos europeus, lutando com as intempéries de climas vários, com a aridez dos desertos e com a selvageria e desconfiança dos indígenas.

Um dêstes foi o Padre António de Andrade, cuja viagem é agora objecto do estudo do Sr. F. M. Esteves Pereira. Em duas das suas cartas se funda o nosso erudito consócio: a primeira, publicada em 1626, intitulada *Novo descobrimento do Gram Cathayo*, mas cuja nova edição se impõe não só pelo interêsse do texto, como também por constituir hoje uma raridade bibliográfica; a segunda, ainda não publicada na íntegra em português, e de cujo original da primeira via se serviu o Sr. Esteves Pereira.

Supérfluo seria certamente encarecer tal documentação precedida pelo nosso consócio de comentários proficientes acêrca da biografia do intemerato jesuíta beirão, que evangèlicamente se intitulava *indigno filho* de V. P., bem como da descrição do Tibet, a região asiática descoberta pelo Padre António de Andrade.

Por tudo isto, pois, é a secção de História de parecer que se deve publicar tão valioso trabalho, acompanhando-o do *fac-simile* de algumas páginas do curioso original, incluindo-o assim nas suas publicações.

Academia das Sciências de Lisboa, 9 de Junho de 1921.

Pedro de Azevedo
José Maria Rodrigues
António Baião, relator.

Não se pode duvidar que os Religiosos da Companhia de Jesus, que nos séculos XVI e XVII foram mandados para as missões estabelecidas nos países do Oriente, eram animados de fé tão viva e de tão intenso sentimento de abnegação de si mesmos, que afrontavam com todas as dificuldades, e arrostavam os maiores perigos, tendo só em vista a glória de Deus e a exaltação da fé católica. Nem a distância dos lugares, nem a intempérie dos climas, nem as privações do que é mais necessário para sustentar a vida, da alimentação, do vestuário, e da habitação, os intimidava; abandonavam a família e a pátria, e iam prégar a fé cristã a povos de linguagem, usos e costumes diferentes, e muitas vezes hostis, que habitavam longínquos países, nos quais se estabeleciam, e que adoptavam como nova pátria. As virtudes que fizeram ilustres os Religiosos das missões de Etiópia, da Índia, da China, e do Japão, alguns dos quais a igreja católica venera como santos, não brilharam menos nos Religiosos que primeiro visitaram o Tibet, e ali fundaram a missão e deram começo à sua Cristandade.

Como o nosso principal intento é divulgar duas cartas do P. António de Andrade, Religioso da Companhia de Jesus, nas quais se referem os sucessos das suas duas viagens ao Tibet e o começo da Cristandade do mesmo país, pareceu necessário dar sucinta notícia daquêle país e dos seus habitantes para se avaliar a coragem, a perseverança, a resignação nos sofrimentos, e o zêlo apostólico, que o P. António de Andrade mostrou nesta empresa, pelo que o Conde Almirante, Visorei da Índia, o recomendava ao Rei de Portugal como mui digno de ser favorecido, porque era religioso de muita virtude.

A isto deve acrescentar-se que o P. António de Andrade foi o primeiro europeu que ousou subir as encostas do Himalaia, transpôr as suas montanhosas solidões perpètuamente cobertas de neve, atravessar o deserto, e entrar no Tibet, donde enviou notícias certas e circunstanciadas do que êle mesmo viu naquelas inóspitas regiões, e do que observou das feições e costumes dos seus habitantes, mostrando-se não menos intrépido viajante e perspicaz observador, do que zeloso apóstolo.

P. ANTÓNIO DE ANDRADE

DA COMPANHIA DE JESUS

António de Andrade (1) foi natural da vila de Oleiros, do distrito de Castelo Branco, na província da Beira Baixa. Seus pais chamavam-se Bartolomeu Gonçalves e Margarida de Andrade; e nasceu no ano de 1581. Entrou para a Companhia de Jesus no Colégio de Coimbra aos 15 de Dezembro de 1596. Quando no mês de Dezembro de 1597 começou a haver noviciado em Lisboa, para cuja fundação foram mandados noviços, uns do Colégio de Évora e outros do de Coimbra, entre os que foram enviados de Coimbra, um dêles era o Irmão António de Andrade. Depois de completar o noviciado pouco tempo se demorou em Portugal; porque na armada do ano de 1600 partiu para a Índia com mais dezanove Padres e Irmãos da Companhia.

O Irmão António de Andrade foi embarcado

---

(1) Acêrca da vida do P. António de Andrade veja-se P. António Franco, *Imagem da virtude em o noviciado da Companhia de Jesu na corte de Lisboa*, Coimbra, 1717, liv. II, cap. 31; C. Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, t. I, c. 329-331; C. Wessels, *Antonio de Andrade*, trad. portuguesa, p. 4, 5, 6, etc.

na nau S. Valentim, em que ia o Visorei Aires de Saldanha; a armada partiu de Lisboa a 22 de Abril de 1600, e chegou a Cochim a 22 de Outubro do mesmo ano (1).

O Irmão António de Andrade proseguiu e completou no Colégio de S. Paulo em Goa os estudos que professavam os Padres da Companhia de Jesus até receber ordens sacras. Depois foi mandado para a missão dos Mogores, cuja residência era em Agra, onde provàvelmente aprendeu a língua persiana com os Mouros de Cachemira (2).

A 30 de Março de 1624 o P. António de Andrade, que já então era o Superior da Missão dos Mogores, partiu de Agra com o Irmão Manuel Marques, com intento de acompanhar Jahangir rei dos Mogores (3), (1605-1627), que ia caminhando para Lahore. Chegado a Dehli, encontrou grande número de gentios (budistas) que iam em romaria a um famoso pagode, por nome Badré, situado a qüarenta dias de caminho do Industão, próximo do grande deserto que corre entre êle e o Grão Tibet. Querendo aproveitar

(1) Luiz de Figueiredo Falcão, *Livro em que se contem toda a fazenda e real patrimonio*, Lisboa, 1859, p. 193; *Compendio universal de todos os Visoreys, Governadores, Capitães Geraes*, etc., pelo P. Manuel Xavier, Nova Goa, 1917, p. 38.

(2) Quem for missionário no Mogol deve aprender a língua Industan e a Persiana que se fala na corte. (P. Fernão de Queiroz, *Conquista temporal e espiritual de Ceylão*, liv. 1, cap. XVI, p. 91.)

(3) N. Manucci, *Storia do Mogor*, ou *Mogol History*, translated by Williams Irvine, London, 1906-1908, vol. 1, p. 157-178.

esta ocasião que se lhe oferecia para ir até ao dito pagode, e dali seguir para o Tibet, resolveu fazer esta jornada com o Irmão Manuel Marques em companhia dos mesmos gentios.

Os principais lugares do itinerário seguido pelo P. António de Andrade e seu companheiro foram os seguintes (1):

Localidades	Latit. N.	Long. O. Green	Altitude
Agra	27° 12′	78° 14′	200m
Dehli	28° 41′	77° 18′	
Srinagar	30° 15′	78° 40′	2:300m
Badrinath	30° 52′	79° 28′	3:170m
Mana	30° 45′	79° 44′	3:178m
Mana Pass (Portela de Mana)	31° 6′	79° 30′	5:604m
Chaparangue	31° 29′	79° 45′	4:750m

O P. António de Andrade informa que a altura (de polo) da cidade de Chaparangue era de trinta e um para trinta e dois graus para o norte (2); isto mostra claramente que êle levava consigo na sua viagem um instrumento de medir a altura dos astros, provàvelmente astrolábio, e táboas da declinação do sol, e que sabia servir-se dêles.

Foram grandes os trabalhos e moléstias que os dois Religiosos sofreram na jornada pela es-

(1) As latitudes e longitudes são deduzidas das cartas do livro: *Western Tibet and the British Borderland*, by Charles A. Sherring, London, 1906; C. Wessels, *António de Andrade*, trad. port., p. 7, 8, 11, 20.

(2) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 15.

treiteza dos caminhos, pela aspereza do clima, e pela falta de mantimento, sobretudo ao atressar o deserto, onde não havia mato nem erva verde, mas tudo eram penedias ou chão coberto de neve. Chegados a Chaparangue, que era a principal cidade de Coqué (Gugue), um dos reinos em que se dividia o Tibet, visitaram o rei (Gyalpo), que supondo-os mercadores lhes preparava bom acolhimento pelo proveito que dêles esperava; mas sabendo que não traziam mercadorias os recebeu com friesa; contudo depois de os ouvir mais de vagar, foi melhor disposto em seu favor prometendo-lhes liberdade para prégarem a sua fé.

Tendo-se demorado em Chaparangue durante vinte e cinco dias, os dois Religiosos, com licença do rei, e com promessa de voltar no ano seguinte, partiram para o Industão, chegando a Agra depois de ter gastado sete meses nesta viagem.

O P. António de Andrade narra os sucessos desta primeira viagem na sua carta datada de Agra, de 8 de Novembro de 1624, dirigida ao Provincial André Palmeiro.

O P. António de Andrade não faltou ao cumprimento da promessa que fizera ao rei de Tibet (Coqué); e depois de receber ordem expressa dos seus superiores de Goa, empreendeu uma segunda viagem sendo acompanhado do P. Gonçalo de Sousa e do Irmão Manuel Marques. Estes Religiosos partiram de Agra a 17 de Junho de 1625, e seguindo pelo caminho mais curto, chegaram à primeira cidade do Tibet a 28 de Agôsto, não-

passando a viagem de dois meses e meio. No caminho não lhes faltaram incomodos, principalmente em Srinagar; porque apesar de se terem provido em Lahore de um formão do rei dos Mogores para o raja de Srinagar, e de uma carta do navabo Assafean para o mesmo raja, foi-lhes tomada a maior parte do fato que levavam. Chegados ao deserto o P. António de Andrade foi acometido de sesões dobres, bem intensas; contudo apesar disso proseguiram o seu caminho até chegarem a Chaparangue.

O P. António de Andrade descreve na carta datada de 15 de Agôsto de 1626, dirigida ao P. Mucio Vitelleschi, geral da Companhia de Jesus, o recebimento que teve na côrte, os trabalhos da fundação da missão, e a construção da primeira igreja em Chaparangue.

Não se sabe ao certo o tempo que o P. António de Andrade residiu na missão do Tibet; é certo que êle permaneceu ali durante o ano de 1627, porque são conhecidas três cartas dêle datadas de Chaparangue, de 2 de Fevereiro, de 29 de Agôsto e de 2 de Outubro do mesmo ano, e talvez ainda se demorou mais um ou dois anos; contudo sabe-se que em 1630 residia em Goa, era Provincial da Companhia de Jesus na Índia; e como tal enviou em 1631 quatro Religiosos da Companhia de Jesus para a missão do Tibet, como consta de uma sua carta datada de Goa a 4 de Fevereiro de 1633, em que trata circunstanciadamente da conversão dos gentios do Tibet.

O P. António de Andrade, depois de acabar o tempo que lhe pertencia de ser Provincial da Companhia de Jesus, foi Reitor do Colégio de Goa; êle sempre desejou muito voltar para a missão do Tibet, que tinha fundado; mas quando se preparava para partir para o Tibet com seis Religiosos, morreu de repente, a 19 de Março de 1634, havendo suspeitas de ter sido envenenado.

O P. António de Andrade era religioso de muita virtude, e tão estimado dos Padres e Irmãos da Índia, que o nomeavam por santo (1).

Entretanto os Religiosos da Companhia de Jesus (2), que estavam na missão do Tibet, foram obrigados a retirar-se para a parte ocidental do mesmo país; o P. Estevão Cacela chegou em 1627 a Gegaze, onde foi bem recebido; e por sua morte, sucedida em 1630, seguiu-se-lhe o P. Cabral. Uma revolução política obrigou-o a ir para Leh, na margem esquerda do rio Indo; e o soberano de Ladak aprisionou o rei de Chaparangue com toda a sua família, e mandou transportar para Leh todos os cristãos em número de quatrocentos. A 4 de Abril de 1631 partiram de Chaparangue para Leh os Padres Francisco de Azevedo e João de Oliveira, gastando vinte e um dias na viagem. Em 1642 ainda estava em Chapa-

(1) Veja-se a carta do Conde Almirante Visorei da Índia, de 28 de Fevereiro de 1627, e *Compendio universal de todos os Visoreys, Governadores, Capitães geraes* etc., pelo P. Manuel Xavier, da Companhia de Jesus, Nova Goa, 1917, p. 38.

(2) C. Wessels, *António de Andrade*, trad port., p. 24.

rangue o Irmão Manuel Marques; mas não se sabe se ali permaneceu sempre desde 1625. A partir de 1650 faltam as notícias da missão do Tibet; parece que ela se extinguiu por falta de Religiosos, em razão da grande mortandade que houve na viagem, da permanência em terras tão inóspitas, e emfim por causa da rigorosa perseguição que lhe fizeram.

É justo que não fiquem no esquecimento os nomes dos Religiosos da Companhia de Jesus, que estiveram na missão do Tibet; aqueles de que se alcançou notícia foram os seguintes (1):

1. P. António de Andrade;
2. Irmão Manuel Marques;
3. P. Gonçalo de Sousa;
4. P. Estevão Cacella, falecido em 1630 em Xegace;
5. João de Oliveira;
6. Alano dos Anjos, falecido em 1636 no Tibet;
7. Manuel Dias, falecido em 1629 em Morong;
8. Francisco de Azevedo;
9. Domingos Capere;
10. Francisco Morando;
11. Nuno Quaresma;
12. Estanislau Malpichi;
13. Ambrósio Correia;
13. Bonarte Godinho;
14. Manuel Monteiro.

(1) C. Wessels, *António de Andrade*, trad. port, p. 22, nota 1.

LIBRARY OF THE BOMBAY BRANCH OF THE ROYAL ASIATIC SOCIETY

O TIBET

O país(1), conhecido na Europa pelo nome de Tibet, é constituído pela sobreelevação da superfície da terra, que forma o núcleo do sistema orográfico e idrográfico da Ásia central, e está compreendida em 76° e 96° de longitude oriental de Greenwich, e 28° e 35° de latitude norte. Esta sobreelevação é limitada ao poente e sul pelas montanhas do Himaláya, ao norte pelos montes Kuen-lun, ao nascente pelos montes Bayan-kara. A sua superfície é avaliada em 3:800 milhares de quilómetros quadrados. O Tibet actual, como estado constituído, é limitado: ao poente pelo Himaláya de Cachemira, e pelos montes Tsong-ling; ao norte pelos montes Kuen-lun e Nan-chan, pelo deserto de Gobi, e pela parte sul da Mongólia occidental; ao nascente pelas províncias chinesas de Kansu, Sse-tchuen, e Yun-nan; ao nordeste, pelo Butan; ao sul pelo Sikkim, e ao sudoeste pelo Nepal.

Êste país(2) é denominado pelos naturais Bod-Yul, que significa *país de Bod*, sendo Bod a forma

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, Paris, 1906, p. 1.
(2) *Ibidem*, p. 1 e 2.

tibetense, a que corresponde a palavra sânscrita *Bhot*, pela qual os Indianos designam o mesmo país. Os Chineses dão a êste país o nome de Si-tsang ou Mei-tsang; e os Mongois, o de Tanqut. Entre os Europeus o mesmo país é designado pelo nome de Tibet, diversamente escrito, derivado da expressão tibetense Tho-bhod, *país alto*, provàvelmente por intermédio do persiano, que nos séculos XVI e XVII era a língua da côrte dos reis Mogores.

CLIMA. — O Tibet (1) pertence pela sua latitude à zona dos países temperados; mas a sua grande elevação acima do nível do mar (altitude), em média de 3:600^{m}, torna-o igual ao das regiões mais frias como a Sibéria. O verão dura desde Junho a Setembro; de dia o calor é intenso; mas de noite é grande o frio, havendo geadas até em Julho. No inverno, que se segue quási sem transição ao verão, o frio é extremamente rigoroso e acompanhado de abundantes e freqüentes neves. O clima do Tibet é muito incómodo não só pela baixa temperatura do inverno, mas sobretudo pelas seguintes causas: excessiva rarefação do ar, que produz, nas pessoas não acostumadas a climas frios, a doença chamada mal das montanhas; grande secura do ar, que faz murchar e secar os vegetais, e desconjuntar e fender os objectos e móveis de madeira; freqüência e violência do vento,

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 22 a 24.

que nos meses do verão levanta e arrasta nuvens de poeira e de areia que produzem a cegueira, e no inverno torna o frio insuportável, chegando a produzir a morte até de animais bravios.

População. — A população do Tibet (1) compõe-se de elementos muito diversos, sobretudo nas fronteiras, sendo mesclados com os Uigures, Mongois e Chineses; é na parte central do país que se encontra a raça mais pura, a que os naturais dão o nome de Bod-pa, e os Chineses chamam Tu-fan, Tu-pho e Si-fan.

O Tibetense pertence à família mongol, mas muito mesclada com outro elemento, que lhe tirou parte das suas feições características. O Tibetense é de alta estatura; tem os ombros e peito largos; os membros vigorosos. O rosto é quadrado e grande; a testa alta e recta; o nariz pequeno, a boca larga, os lábios delgados, o mento quadrado, e a mâxila inferior pesada. As maçãs do rosto são menos salientes, que as dos Chineses, e os olhos menos apertados. O cabelo é preto, e a barba rara. A côr do corpo é antes trigueira do que amarela, e algumas vezes inteiramente branca, nas pessoas das classes superiores. É ágil, flexível e robusto.

A população do Tibet é actualmente avaliada em seis milhões de habitantes estáveis, e em quinze milhões de nómadas.

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 48, 49 e 47.

Divisão política. — Marco Paulo, veneziano, que viajou na Ásia nos anos de 1270 a 1291, e esteve na côrte do Grão Cão (Kubilai khan), rei dos Tártaros, escreveu a relação de tudo o que viu e ouviu no curso das suas viagens. No seu livro, Marco Paulo descreve brevemente o país do Tibet; diz que é muito grande, e que nele havia oito reinos, e grande número de cidades e de castelos (1).

Segundo informa o P. António de Andrade (2), no princípio do século xvii fazia-se distinção entre o país que os Pársios denominavam Grão Tibet, que os Industanes chamavam Potente, e o pequeno Tibet, que era situado além do reino de Cachemira, e que, sendo de gentios, havia poucos anos que tinham recebido a seita de Mahamed. No mesmo tempo o Grão Tibet, ou Potente, compreendia os seguintes reinos: Coquê, Ladaca, Mariul, Rudoc, Utsang, e mais dois que ficavam para o oriente; e todos estes reinos com o grande reino de Sopó (Mongólia) faziam a grão Tartária. Em todos aqueles reinos a gente era da mesma seita, e falavam a mesma língua com pouca diferença.

Dos oito reinos ou províncias, em que antigamente se dividia o país do Tibet, no princípio (3) do século xix os Chineses anexaram ao seu im-

(1) *Voyage de Marc Pol*, chap. cxvi, no *Recueil des voyages et de Mémoires*, tome I, Paris, 1824, p. 128; *The Book of ser Marco Polo*, trad. Yule et Cordier, II, Paris, 1903, liv. II, cap. xlvi (p. 49).

(2) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 5.

(3) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 32 e 38.

pério as províncias de Kansu e de Sse-tchuen; o rei de Cachemira anexou a província de Ladak, e o Govêrno da Índia Inglesa estendeu o seu domínio sôbre a província de Sikkim; de modo que actualmente o Tibet sòmente compreende as províncias de U, de Tsang, de Nagari e de Khams.

A província de U (dBus) é situada no centro do Tibet; a sua principal cidade é Lhasa, onde reside o Dalai-Lama, e que é a capital do Tibet. Foi fundada em 758 J. C. pelo rei Thi-srong de Tson; em 1640 Ngavang Lobzang, quinto Dalai-Lama, transferiu para ela a sede dos Dalai-Lama, depôis de ter derrubado o rei do Tibet com auxílio do exército da Mongólia.

A província de Tsang é situada a sudoeste do Tibet, e confina com a província de U. Estas duas províncias constituem o Tibet central; é a região que os Chineses designam pelo nome de Us-Zang (U e Tsang). A sua principal cidade é Digartchi.

A província Ngari (n Ngari) é situada na parte ocidental do Tibet, e divide-se em três distritos: Ludauk ou Ruthok, Gugué e Purang; as suas cidades mais importantes são Garthok no distrito de Ludauk, Tchabrang (Chaparangue) no distrito de Gugué, e Purang-dakla no distrito de Purang.

A província de Khams é situada na parte oriental do Tibet, e confina com a China; a sua capital é Tsiamdo, outrora chamada Kam.

Se se compara a divisão do Tibet indicada

pelo P. António de Andrade com a precedente parece que deve identificar-se:

Ladaca, com a província de Ladak anexada pelo rei de Cachemira;

Mariul, nome antigo da região situada ao sul de Ladak;

Coquê, com o distrito Gugué da província de Ngari;

Rudoc, com o distrito de Ruthok ou Ludauk na província de Ngari;

Utsang, com as províncias de U e Tsang.

Os *dois reinos situados ao oriente,* com as províncias de Kansu e Sse-tchuen, anexadas pelo império chinês.

Língua e escrita. — A língua falada (1) pelas gentes do Tibet pertence à família mongol, e tem grande afinidade com o chinês, o siamês, o anamita, e sobretudo com o birmanês; é uma língua monosilábica, sendo cada palavra formada por uma consoante com uma vogal; para aumentar o número tão restrito de palavras assim formadas, empregam-se prefixos e sufixos, constituídos ou por uma só consoante, ou por uma sílaba formada de consoante e vogal. A língua escreve-se com caractéres especiais, que, segundo é tradição, foram compostos no século VII por Theomi Sambota, à imitação dos caractéres *devanagari* do sânscrito usado no Nepal.

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet,* p. 11 e segs.

Religião.—A religião antiga dos Tibetenses (1), chamada Bon-po (seita de Bon), consistia na adoração animista e fetichista das fôrças da natureza, e de espíritos que podiam ser bemfazejos ou malfazejos, conforme eram satisfeitos ou descontentes do culto que lhes prestavam.

Esta crença persiste ainda em uma parte da população geralmente a menos civilizada. Segundo o testemunho dos anais chineses, o buddhismo foi introduzido no Tibet no reinado do imperador Tai-tsung da dinastia dos Tang (627--650 J. C.); porém esta doutrina não era a que o Çakya Muni tinha ensinado, mas a doutrina da escola Mahâyâna, ou denominada buddhismo do norte; e esta doutrina modificou-se e desenvolveu-se no próprio Tibet com o decorrer dos séculos. O buddhismo do Tibet, assim transformado, dividiu-se em diversas seitas, das quais a mais importante, denominada Gelugpa, foi devida às reformas feitas por Tsongkhapa no século xv, que estabeleceu a sede da sua seita no mosteiro de Galdan. Os seus sucessores instituiram o dogma da *incarnação* dos Grandes Lama da seita Gelugpa, fundaram o mosteiro de Tachilhumpo em 1445, transferiram a sede pontifical do mosteiro de Galdan para o de Depung, e adoptaram o título de *Gyetso (Rgya mtso), oceano de Majestade,* em mongol *Talé,* donde a forma Dalai.

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet,* p. 153 e segs.; E. Schlagintweit, *Le Bouddhisme au Tibet,* trad. fr., Paris, 1902.

O quinto Dalai-Lama, Jé-Nvagang-Lozang-Thubtan-Jismed-Gyetso (1617-1682), aproveitando as circunstâncias, e para defender a religião, que dizia ameaçada, promoveu a guerra dos Mongóis Kochot contra o rei do Tibet; e sendo êste vencido, os vencedores entregaram o reino ao Dalai-Lama, que reüniu assim a soberania espiritual e temporal, que ficou intacta em poder dos Dalai-Lama seus sucessores sob a protecção da China, elevando ao mesmo tempo a seita Gelugpa à condição não só de religião dominante, mas governante por meio de uma teocracia absoluta. Ao mesmo Dalai-Lama é atribuído o dógma da incarnação perpétua do Dhyâni-Bodhisattva Tchanresi (em sânscrito Avalokiteçvara), padroeiro do Tibet, nos Dalai-Lama que se sucedessem.

A religião assim modificada é designada pelo nome de Lamaimismo, e compreende não só as instituïções religiosas e sociais do Tibet, mas também a teocracia absoluta identificada no Dalai-Lama, o qual ainda atualmente estende a sua autoridade espiritual não só sôbre o Tibet, mas sôbre parte da China ocidental, sôbre a Mongólia, sôbre os Buriates da Sibéria, e sôbre parte dos Cossacos do Don.

São muito interessantes as notícias acêrca da religião dos Tibetenses, que o P. António de Andrade dá nas duas cartas, apesar do pouco conhecimento que áquele tempo êle possuia da língua tibetense, a cujo estudo logo se aplicou para

poder catequizar. As principais podem resumir-se no seguinte (1).

Os Tibetenses crêem e confessam que Deus é Trino e Uno. A primeira pessoa chamam *Lamà Conjoe*, a segunda, *Cho Conjoe*, que quere dizer livro grande, e a terceira *Sanguià Conjoe*, que quere dizer ver e amar na glória. Os seus sacerdotes, a que dão o nome de *Lamàs*, dizem que a segunda pessoa *Cho Conjoe*, é o livro grande de Deus, por onde êles lêem e trazem entre suas mãos. A primeira pessoa *Lamà Conjoe*, em tibetense *blama dkon mchog*, significa *o respeitável precioso;* a segunda pessoa *Cho Conjoe*, em tibetense *chos dkon mchog*, significa *a lei preciosa;* a terceira pessoa *Sanguià Conjoe*, em tibetense *sangha dkon mchog*, significa, o *sangha comunidade, precioso*. Assima trindade que os Tibetenses confessavam, corresponde ao *tri-ratna, tres joias* do Buddhismo, isto é: o *Buddha*, o *Dharma* (Lei), e o *Sangha* (comunidade) (2).

Os Tibetenses (3) têm outras divindades que chamam *Lás*, e correspondem aos anjos; estes são sem número, e reduzem-se a nove classes, todas espíritos puros incorpóreos. *Lá*, em tibetense *lha*, significa *ente divino*, e corresponde ao sânscrito *deva;* e compreendem-se sob êste nome diversas divindades inferiores, que têm a seu cargo a guarda do universo.

(1) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 19.

(2) Sylvain Lévi, *Carta particular*.

(3) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 8; e L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 217 e 218.

Lamás. — Os seus eclesiásticos ou sacerdotes têm o nome de Lamás; esta palavra é escrita *lambás* na carta primeira, e *Lamàs* na segunda; ela é a transcrição do tibetense *Bla-ma* [que se pronuncia *la-ma* (1)].

Os Lamás (2) são em grande número, dividem-se em dez ou doze classes, mas todos professam a mesma crença. Os Lamás não casam; uns vivem em comunidade com superior em seus mosteiros, outros em suas casas particulares; todos porém se sustentam de esmolas que pedem. Seu trajo é de panos de lã; trazem um vestido semelhante à roupeta, mas sem mangas, ficando os braços nus; pela cintura cingem um outro pano que chega até aos pés; a capa é de duas ou três varas de comprido e pouco mais de uma de largo; todo êste trajo é de côr vermelha, sòmente a capa é de côr vermelha ou amarela. Têm duas espécies de barretes, um a modo de capelo de frade, que só cobre a cabeça e pescoço, e não o peito; outro de forma semelhante a mitra, mas fechado na parte superior. Sua profissão (3) é rezar grandes lendas, e ler pelo seu livro, a qual lição tem para si ser tão boa como a oração, e que por ela Deus perdoa muitos pecados.

Os Lamás usam (4) resar com rosário de cento

(1) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 320 e segs., e 49.
(2) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 6.
(3) Idem, *Ibidem*.
(4) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 245-246 e 253.

e oito contas(1); e a sua reza mais ordinária são as palavras: *Om mani patmeonri;* mas não sabem a sua significação. O P. António de Andrade(2) lhe deu por significação a frase seguinte: *Conjô sumbo ja dipâ ta e Rô,* que significa: *Senhor, perdoai-me os meus pecados.*

Como se sabe a expressão acima indicada é a celebre fórmula mística de seis silabas *(vidyâ sadaksarî),* em sânscrito: *Om mani padme hûm*(3), que significa: *Salvè, jóia no lodaõ; assim seja:* que, segundo é tradição, foi ensinada pelo Bodhisattva Tchanresi(4), e já se encontra em uma obra traduzida em chinês entre os anos de 980 e 1001 J. C.(5).

Os Lamás têm duas espécies de jejuns(6); em um que observam em certo dia do ano, e chamam *Nhuná,* que quere dizer jejum de grande aperto (rigoroso); outro que observam em determinados dias, e que chamam *Nhenâ,* que quere dizer jejum ordinário, que è menos rigoroso, podendo comer sobretudo depois do meio dia.

Os Tibatenses(7) traduzem em seus livros pela palavra Lamà o sânscrito *guru,* que significa mes-

---

(1) Sven v. Hedin, *En el corazon de Asia, Através del Tibet,* trad. P. Vizuete, Barcelona, 1906, p. 256.

(2) P. António de Andrade, *Carta segunda,* p. 25.

(3) Monier Williams, *Sanskrit-English Dictionary,* p. 235.

(4) *Journal Asiatique,* 1913, I, p. 314 e nota; L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet,* p. 246 e 271.

(5) *Journal Asiatique,* 1913, I, p. 314 e nota.

(6) P. António de Andrade, *Carta segunda,* p. 6 e 7.

(7) L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet,* p. 212 e 213, 220 e 221.

tre, director espiritual; mas pelo seu trajo e maneira de viver sustentando-se de esmolas, os Lamás correspondem aos *bikhsu* dos Buddhistas da Índia.

Os Lamás pouco ou nada sabiam acêrca da Santa Cruz; tinham-na debuxada no seu livro com um triângulo no meio e certas letras misteriosas, que êles não sabiam explicar (1). Esta cruz era provàvelmente o sinal denominado em sânscrito *svastika,* que é, como se sabe, uma cruz de quatro braços iguais, cujas extremidades são dobradas no mesmo sentido. O P. António de Andrade conta (2) que em Chaparangue viviam três ou quatro ourives naturais de outras terras, que distavam da mesma cidade dois meses de caminho, que professavam a mesma seita (buddhismo) que os Tibetenses; e que êles lhe afirmaram que na sua terra tinham nas igrejas algumas cruzes, umas feitas de madeira e outras de vários metais; e que em sua língua a cruz tinha o nome de *Iamdar.* Os ourives (3) eram certamente do Nepal, e a palavra *Iamdar* corresponde com bastante exactidão ao nome sânscrito *Indra,* que no Nepal é vulgarmente pronunciado Indar, e em honra de quem eram feitas as mesmas cruzes.

Notícias antigas. — As mais antigas notícias,

(1) P. António de Andrade, *Carta segunda,* p. 20.
(2) Idem, *ibibem.*
(3) Silvain Lévy, *Le Nepal,* Paris, 1905, p. 79-80.

que conservaram os escritores do ocidente (Europeus) acêrca do Tibet, tiveram por motivo o comércio de uma droga empregada na farmácia e na perfumaria, o almiscar.

Como se sabe, o almiscar é produzido por um pequeno ruminante da família dos cervos, *Moschus moschiferus,* que habita nas altas planícies e montanhas da Sibéria, da Mongólia e do Tibet. O almiscar é a secreção de uma glândula que existe sòmente no macho; esta glândula tem a forma de um saco (ou papo), e o volume de uma laranja pequena; e é situada, entre a pele e a carne, no abdomen, tendo o orifício aberto um pouco adeante do prepúcio. A secreção da glândula é da côr do chocolate, escura (castanho); tem a consistência oleosa quando está fresca, e torna-se compacta, quebradiça e granulosa pela desecação. Os caçadores, depois de morto o animal, tiram a glândula inteira com o seu conteúdo, e a fazem secar. É sob esta forma bruta, almiscar em papos, que é vendida nos mercados da China e da Índia, donde esta droga é trazida para a Europa, e outros países da Ásia, África e América, para ser empregada como droga medicinal e como perfume (1).

A mais antiga menção do almiscar é dada

(1) *Grand Encyclopedie,* s.v. musc. Veja-se a notícia acêrca do almiscar: *Voyage de Marc Pol* no *Recueil de voyages, et memoires,* Paris, 1824, cap. LXXII, (p. 73); *The book of ser Marco Polo,* ed. Yule et Cordier, London, 1903, I, p. 275 e 279; *Livro de Duarte Barbosa,* (1516), ed. da Academia, 1867, p. 362.

por S. Jerónimo (346-384) nó tratado contra Joviniano (lib. II, ed. Vallarsi, II, p. 337).

Na medicina (terapêutica) o almiscar é mencionado em um receituário de Aécio de Amida, físico, que exercia a sua profissão em Constantinopla pelos anos de 540 J. C. (1).

Uma notícia muito interessante acêrca do almiscar e do animal que o produz, é dada por Cosmas Indicopleustes (cêrca de 545 J. C.) na sua *Topografia christã*; é como se segue (2):

«Kastûri. — O moschos (cervo do almiscar) é um animal pequeno; e os naturais do país, em sua própria língua, chamam-lhe kastûri; e êles perseguindo-o, trapassam-no com frechas, e atando (o saco ou papo que contém) sangue coalhado, junto do umbigo, o cortam; porque esta é a parte dêle, que tem bom aroma, isto é, o que entre nós é chamado moschos (almiscar); e a parte restante do corpo dêle lançam fora.»

O nome grego kastûri corresponde perfeitamente ao sânscrito *kastûri*, almiscar, e ao industani *kasturi*. Em sânscrito *kastûrika* designa não só o almiscar, mas também o animal que o produz. O grego μόσχος, *moschos*, corresponde bem ao sânscrito *muska*, que significa *testículo, scroto*, certamente pela confusão dêste órgão com o saco

(1) Jarl Charpentier, *Some additional remarques...* em *Geografiska Annalen*, 1919, p. 3-4.

(2) *The Christian Topography of Cosmas Indicopleustes*, ed. Winstedt, Cambridge, 1909, p. 319 e nota p. 340.

ou papo, em que a glândula segrega o almiscar. Os Tibatenses ao almiscar chamam *latsé;* e ao melhor e mais fino chamam *latsé karpo,* almiscar branco (1).

Outro físico (médico) bisantino (2) Simeon Seth, que viveu pelos anos de 1075 J. C. deu a descrição do animal que produz o almiscar; diz que é um antilope da corpulência do mais grosso unicórnio, o que é exagerado; mas o que é interessante da sua descrição é o seguinte: τοῦ μόσχου διάφορα εἴδη εἰσιν ὧν ὁ κρείττων γίνεται ἐν πόλει τινὶ πολὺ τοῦ Χοράσες ἀνατολικοτέρα λεγομενῆ Τουπάτα. Isto é: «há diferentes espécies de almiscar, a melhor das quais é produzida em uma cidade, que é a mais oriental de Chorasene, chamada Tûpata.»

A palavra *Tûpata* é provàvelmente a transcrição do chinês *Tu-pot,* pela qual os Chineses designam o país do Tibet.

NOTÍCIAS DOS VIAJANTES DA IDADE MÉDIA. — Marco Paulo, veneziano, que viajou na Ásia nos anos de 1270 a 1291, no seu livro que escreveu, dá notícias do Tibet (3); mas êle não esteve neste país, e limitou-se a transmitir as notícias, um pouco confusas, que alcançou dos mercadores,

(1) *The book of Ser Marco Polo,* ed. Yule et Cordier, I, p. 279.

(2) Jarl Charpentier, *Some additionel remarques on vol. I of Dr. Sven v. Hedin Southern Tibet,* nos *Geografiska Annalen,* 1919, H. 3-4.

(3) *Voyage de Marc Pol,* na *Recueil de voyages et de mémoires,* Paris, 1824, cap. CXV et CXVI.

que freqüentavam a côrte do Grão Cão (Kubilai khan).

Frei Odorico de Pordenone, religioso da Ordem de S. Francisco, que viajou na Ásia central nos anos de 1318 a 1330, na relação das suas viagens descreve do modo seguinte(1) um reino de nome Riboth, que tem sido identificado com o Tibet:

« Cap. xxix, Du Royaume de Riboth.

« De ceste province m'en alay jusques à une autre très grande qui a nom Riboth, et marchist à Inde. Cet royaume est subgiet au grant Caan, et y treuve on pain et vin en très plus grant habondance que en nulle part du monde. Les gens de ce pais demeurent en tentes de fuerre noir. Leur maistre cité est moult belle toute de blanche pierre, et les rues bien pavées. Elle est appelée Gota. En ceste cité nul ose espandre sang humain, ne aussi de quelque best pour la reverance d'un ydole qu'on y adore. En ceste cité demeure iobassy c'est à dire leur pape en leur langage. Il est chef de tous les ydolatres et donne les benefices du pays à sa guise. »

Os comentadores desta passagem identificam *Riboth* com Tibet (2); *Gata* com Lhasa (3); e consideraram *iobassy* como defeituosa transcrição

(1) *Les voyages en Asie au XIV siècle du bienheureux Frère Odoric de Pordenone, Religieux de Saint François*, publiés par H. Cordier, Paris, 1891, p. 449 e 450.

(2) *Les Voyages en Asie*, p. 455.

(3) *Ibidem*, p. 458.

oriental, *ulug bakhschy,* que significa grande lama, que é a designação vulgar do superior do convento (1).

Durante muito tempo Frei Odorico Pordenone foi considerado como o primeiro europeu que visitou o Tibet; esta opinião foi aceita por muitos eminentes geógrafos, entre outros por H. Yule, H. Cordier, e pelo Dr. Sven v. Hedin; mas o Dr. Laufer, depois de atento exame da passagem acima transcrita, concluiu que Frei Odorico Pordenone não atravessou o Tibet próprio nem esteve em Lhasa (2). Deve ainda acrescentar-se que a cidade de Lhasa é séde do Dalai Lama sòmente depois de 1640.

Notícias dadas pelos Portugueses. — Durante os três séculos XIV, XV e XVI nenhuma outra notícia positiva acêrca do Tibet é dada pelos escritores ocidentais; e também nenhum viajante europeu se aventurou a visitar aquêle país, que era assim conhecido só de nome.

Nos primeiros anos do século XVII constou aos Portugueses estabelecidos em Goa, que um Português, por nome Diogo de Almeida, tinha residido no país do Tibet durante dois anos. Frei António Gouveia, religioso da Ordem de S. Agostinho, no seu livro intitulado *Jornada do Arcebispo de Goa D. Frey Aleixo de Menezes, Primaz da In-*

(1) *Les Voyages en Asie,* p. 462.
(2) Jarl Charpentier, *Some additional remarks,* p. 272.

dia oriental, Religioso da Ordem de Santo Agostinho, impresso em Coimbra em 1606, refere da maneira seguinte os sucessos relativos ao mencionado Diogo de Almeida:

«Livro I, capítulo I.

«... Conforme a noticia e informação que foy dada ao Arcebispo [D. Aleixo de Menezes] por hum Portugues chamado Diogo de Almeida, homem de credito, depois de partido, affirmão, Bento de Goes, não deve ser a Christandade de que se deu noticia na Corte do Mogor a do Catayo, como primeyro se cuidava sem outro fundamento mais, que não se saber doutra Christandade, situada pera aquellas partes alem dos Reynos do Mogor, senão a do Cathayo: mas outra muito mais perto das terras do Mogor, e com que ha mais comercio, que chamão Thibete, aonde este Portugues residio dois annos, e diz estar o Reyno de Thibete alem do de Guixumir, que ha pouco sogeitou o Rey Mogor, antre o qual e o de Thibete se não metem mais que hũas serras altissimas, que por rezão da muita neve se não podem passar em certos tempos do anno, quando ella cae; senão quando com a força do sol se desfaz e derrete; donde vem a ser o caminho mais difficultoso, que comprido por ser forçado aos que caminhão (se não vão em monção) esperar por ella, não avendo de lá à entrada deste Reyno mais que quinhentas legoas de sertaõ, cujo Reyno chamão Tammiquia; e em todo o Reyno se não consente infiel algum, senão mercador de passagem; e a

fortaleza principal em que o Rey mora que he senhor grande, e isento, se chama Babgo; he o Reyno rico de ouro e pedraria, com a qual se ornão as molheres, e se tratað custosamente; são os naturais na cor alvos, a modo de Jaos, e bem acondicionados; tem em si muitas Igreijas ricamente ornadas com retabolos e imagens de Christo nosso Senhor, e de nossa Senhora, e dos Sagrados Apostolos (1); tem muitos saçerdotes, que guardam continencia, como os nossos, e nos trajos se parecem com elles, tirando trazerem toda a cabeça rapada; tem Bispo a que chamão Lambão, e o que tinhão de presente era tido entre elles por santo, e contavão delle muitos milagres, e entre outros que fazendo sua mais continua habitação com grande penitencia num aspero deserto, que com hum rio largo se divide da principal cidade, quando vinha celebrar os officios divinos a ella nas solenidades principais, não tomava outra embarcação pera passagem do rio, senão o manto que trazia, ou hũa pelle de cabra sobre que se assentava, chegando enxuto á cidade; o que tudo

(1) O Bodhisattva Avalokiteçvara é muito venerado na China sob o nome de Kuan-yiu, e no Tibet sob o nome de Padmapani. Parece que esta divindade é a apropriação de uma antiga deusa da China, que fizeram uma incarnação de Avalokiteçvara; por causa desta origem, ela é representada umas vezes como homem, outras vezes como mulher, outras vezes com muitas mãos. Padmapani é a divindade padroeira do Tibet; é a deusa da misericordia, que dá socorro aos fracos e consola os aflitos; os Tibetenses representam-na por uma mulher que tem nos braços um menino, o que lhe dá certa semilhança com a Virgem Maria dos Christãos. (*Journal Asiatique*, 1914, I, p. 425 nota 2, e 427 nota 1.)

testemunhou o dito Portugues Diogo de Almeida diante do Arcebispo no anno de 603, dandolhe juramento aos Santos Evangelhos, com intento de procurar o bem desta Christandade, sendo assi, e mandar ministros a ella, da qual por ser secular, e não ter mais intelligencia das cousas ecclesiasticas, não sabia dar outra informação de seus ritos, nem de erros alguns se os tinhão. Do que tudo se espera que traga perfeita informação o dito Irmão Bento de Goes, porque se entende que esta sem falta he a Christandade, de que os Mouros mercadores davam noticia na corte do Mogor, e não a do Cathayo que he muito mais longe; e além deste Reyno do Thibete ha outro, que tambem chamão Thibete pequeno, que possuem Mouros da ceita do Xaa Rey da Persia, que por ventura sera aquella provincia de Thibete, de que fala Marco Paulo em seu livro não fazendo menção de nella haver Christandade alguma. »

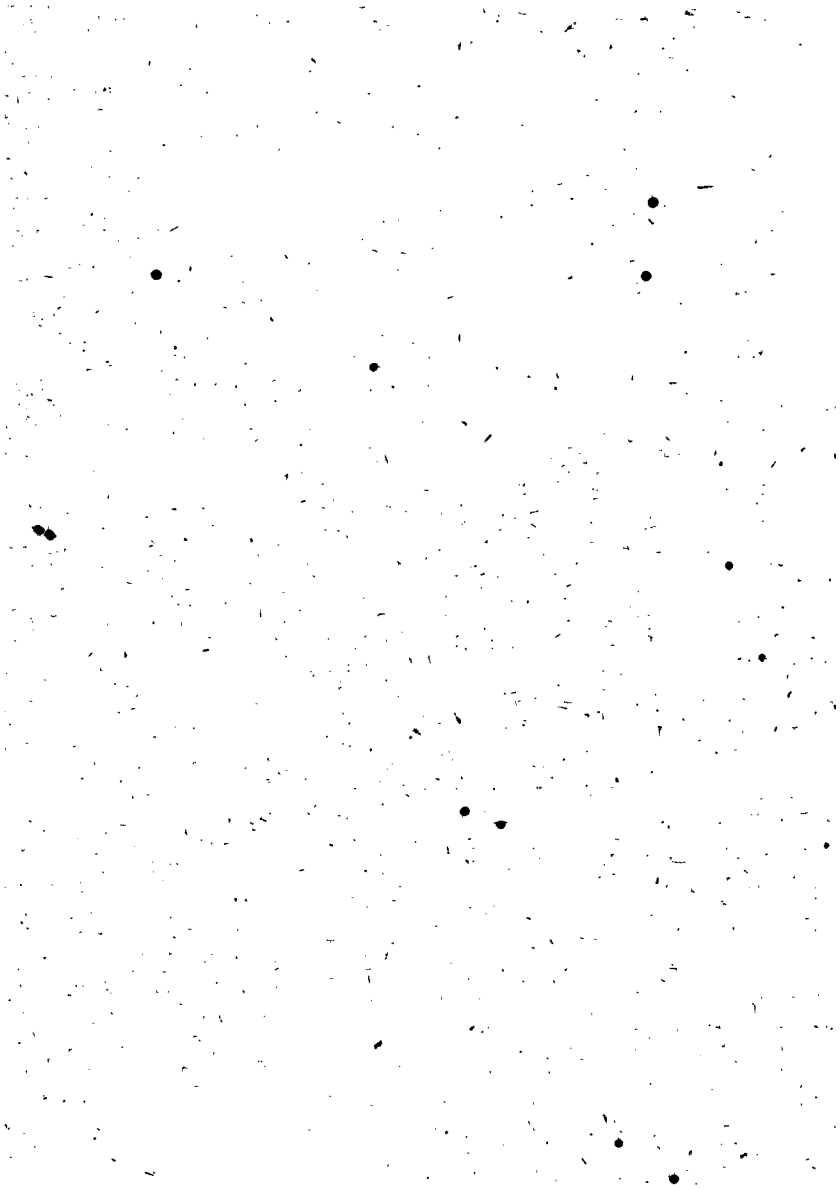
Pelo mesmo tempo, isto é, no começo do século XVII os Mouros de Cachemira (1), que vinham comerciar às terras mais próximas do Industão, afirmavam que o Grão Tibet era todo povoado de cristãos, pela semelhança que havia entre os seus templos e as igrejas dos cristãos. Os Religiosos da Companhia de Jesus, que então residiam na côrte do Rei Mogor, tendo ouvido estas notícias, julgaram conveniente tomar mais inteira informação do que passava na verdade; e para isso

(1) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 1.

partiu de Cachemira um Padre em descobrimento do mesmo país; mas foram tantas as dificuldades que encontrou, principalmente por causa das neves que de contínuo cursam nos caminhos, que foi obrigado a voltar para o Industão.

Alguns anos depois, o P. António de Andrade(2), que residia na côrte do Rei Mogor, e era superior da missão estabelecida em Agra, teve várias informações por via dos Mouros de Cachemira e de outras pessoas dignas de fé, que todas eram conformes entre si, pelas quais parecia que a gente do Tibet era cristã e tinha recebido a fé em tempos antigos; mas a princípio não encontrou modo de passar ali por causa das grandes dificuldades, que os Mouros representavam haver nesta viagem; até que no ano de 1624 se lhe ofereceu ocasião de empreender a jornada, que efectuou como atrás se disse.

(1) P. António de Andrade, *Carta segunda*, p. 1 e 2.



DUAS CARTAS DO P. ANTÓNIO DE ANDRADE

CARTA PRIMEIRA

A carta do P. António de Andrade, datada de Agra, de 8 de Novembro de 1624, foi publicada sob o título:

Novo descobrimento do Gram Cathayo, ou reinos de Tibet, pello Padre Antonio de Andrade, da Companhia de Jesus, Portuguez, no ano de 1624. Com todas as licenças necessarias. Em Lisboa, por Matheus Pinheiro. Anno de 1626.

É um folheto de 16 fôlhas, do formato de 8.°, medindo $0^m,190 \times 0^m,140$; cada página tem 32 linhas quando completa; e mais uma na parte superior com o título *Novo descobrimento do Gram Cathayo;* cada linha tem em média 46 letras. As fôlhas são numeradas na página reto de 1 a 15, seguindo-se outra fôlha sem numeração, em que estão impressas as licenças do Santo Ofício e do Ordinário.

Êste folheto é muito raro; há um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa (História, 5911, P), e outro na livraria do Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo.

No Cod. 49-v-7, fôlhas 425-436, da Biblioteca da Ajuda existe uma cópia desta carta feita na Índia. O manuscrito tem na lombada o título: «Jesuitas na Asia — China».

Esta carta foi transcrita, modificada na forma, pelo P. António Franco na *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesu na corte de Lisboa,* Coimbra, 1717, p. 376-400.

Em Castelhano foi publicado em Madrid, por Luis Sanches, 1626.

Em italiano, em Roma por Francisco Corbelleti, 1627; em Napoles, por Egidio Longo, 1627; *Nuovo scoprimento del Gran Cathayo...* da G. Gabrielli, Napoli, 1827.

Em francês: *Le Gran Cathay ou royaumes de Tibet nagueres decouverts,* Gand, 1627; *Relation de la nouvelle decouverte du Grand Cathay*, Pont-à-Mousson, 1628.

Em Polaco: Cracovia, por Frederico Szembeck, 1628.

Em flamengo: Gante, por Jacobo Dyckio, 1631.

Veja-se: Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana,* t. I, p. 203, s. v.

Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico Portuguez,* t. I, p. 86-87.

C. Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus,* t. I, c. 329-331.

CARTA SEGUNDA

A carta do P. António de Andrade, datada (de Chaparangue) de 15 de Agôsto de 1626, não

foi até agora publicada em português na íntegra. Existe em manuscrito autógrafo, cuja cópia fotográfica serviu para a impressão feita adiante.

O manuscrito é um folheto de 20 fôlhas medindo $0^{m},210 \times 0^{m},153$, sem numeração; na cópia fotográfica as páginas são numeradas de 1 a 40.

Em uma fôlha que serve de capa está escrito por letra diferente da da carta:

Goa
Annua do Tibat do Anno
de 1626
1.ª Via

Uma via desta carta foi remetida ao Rei de Portugal pelo Conde Almirante Visorei da Índia, com a sua carta datada de Goa a 28 de Fevereiro de 1627, como se vê do sumário inserto no Livro das Monções, livro 26, fl. 14 v. a 15 v. (1).

Esta carta foi extratada pelo P. Manuel da Veiga na *Relaçam geral do estado da Christandade de Ethiopia... e do que de novo succedeo no descobrimento do Thibet, a que chamão Gram Cathayo,* Lisboa, por Mateus Pinheiro, 1528, fl. 130 v. a 124 v.; e ainda pelo P. António Franco, na *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesu na corte de Lisboa,* Coimbra, 1717, p. 400 a 418.

Traduzida em castelhano foi publicada sob o

(1) Veja-se adeante pág. 42.

título: *Segunda carta. Prosigue el descubrimento del gran Catayo, o Reyno del Gran Thibet, por el Padre Antonio de Andrade, de la Compañia de Jesus, Portugues, escrita a su General; y enviada del Visorey de la India a Su Majestad, en este año de 1627.* s. l. e a. fol. fôlhas 6. No fim: De Chaparangue corte del Rey del gran Thibet, 15 de Agosto de 1626. El Padre Antonio de Andrade. Con licencia del Señor Don Gonçalo Perez de Valençuelo, en Segovia, por Diego Framenco.

Traduzida em italiano foi publicada no livro: *Lettere annue del Tibet de* MDCXXVI, *et della Cina del* MDCXXIV *scritte al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia de Giesu,* Roma, 1628.

Veja-se: C. Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus,* Bruxelles, 1893, t. I, c. 329-331.

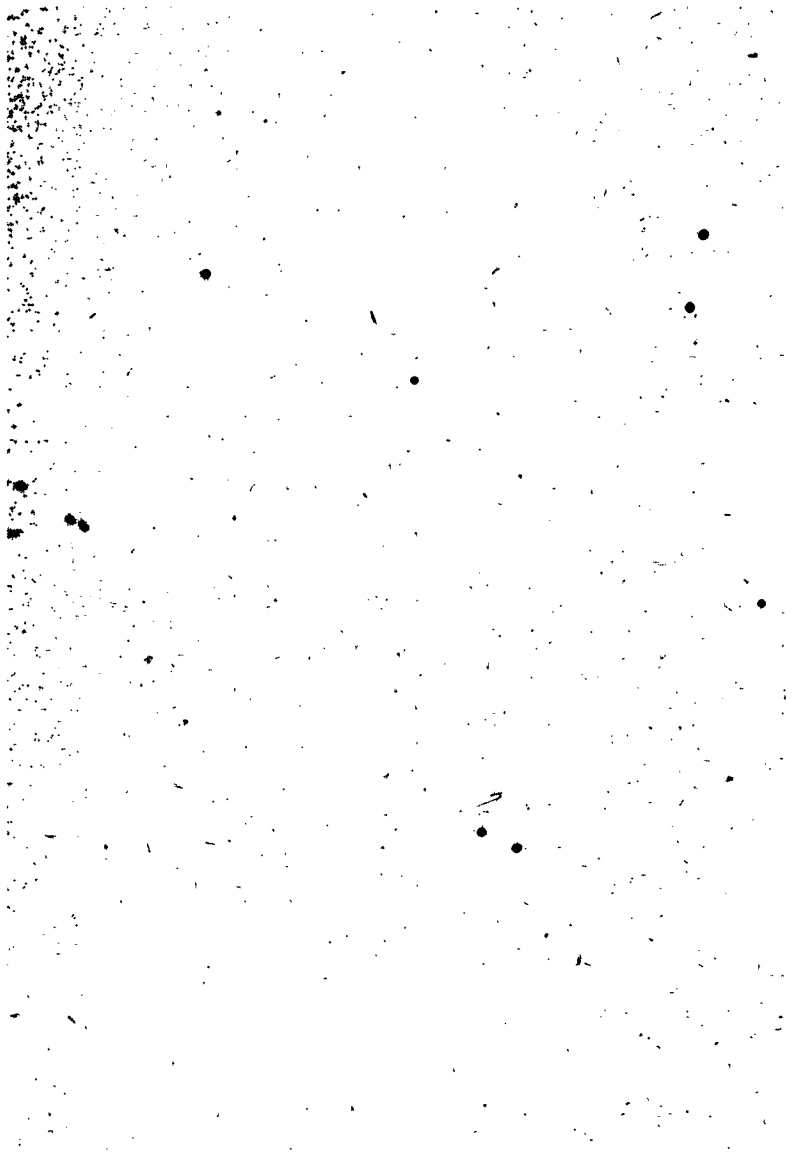
N.º 85

O Provincial da Companhia a quem pedi relação do que passaua nesta christandade, e estado em que hora está, me enuiou o que vai na primeira via, que por ser muito grande e se me dar tarde não ouue lugar de se copiar por mais vias, e conforme ao que se diz desta noua christandade he hũa cousa mui grande e mui digna de ser fauorecida de V. Majestade, e o Padre Antonio dAndrade que a descobrio he religioso de muita virtude, e he de crer que por ella e pollo muito que trabalhou nêste descobrimento foi

nosso Senhor seruido de lho conceder a elle. Guarde Deus a Catholica pessoa de V. Magestade como a christandade ha mister. De Goa a 28 de fevereiro de 1627. *O Conde Almirante.*

Livro das Monções, Livro 24, fl. 14 v. e 15 r.

Lisboa, 25 de Maio de 1921.



CARTA PRIMEIRA

NOVO DESCOBRIMENTO DO GRAM CATHAYO OU REINOS DE TIBET, 1,r
PELLO PADRE ANTONIO DE ANDRADE,
DA COMPANHIA DE JESU, PORTUGUEZ, NO ANNO DE 1624.
COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS.
EM LISBOA, POR MATHEUS PINHEIRO. ANNO DE 1626.

Entre as grandes felicidades e victorias do notauel anno de 1625, pode Hespanha com razão contar e cantar a alegre noua do nouo descobrimento do Gram Cathayo, e Reynos de Tibet, cousa tantos annos ha dos Portuguezes desejada, e com tantos trabalhos e perigos dos Prègadores Euangelicos em vão té agora intentada. Digo felicidades e victorias do anno de 1625, por ser o Santo, e nelle a Rainha S. Isabel, Padroeira e Senhora deste reino canonizada; a Bahya restaurada com tanta gloria nossa, quanta infamia dos imigos; Bredà rendida, depois de tão perfiado cerco; a armada dos Olandezes vencida pella Portugueza no Oriente; a de Inglaterra frustada de seus intentos, e rebatida dos nossos com tanto valor no Occidente; a Frota e naos da India, liures quasi milagrosamente da dos imi(*)gos. 1,v
Felicidades são, que fazem notauel, e memorauel o anno de 1625; e a nós notauel obrigação a ser dellas sempre lembrados, pera dar a sua diuina Magestade as deuidas graças. E com muito mòr rezão deue o mundo todo festejar a redução do grande imperio de Ethiopia á obediencia da Sancta Igreja Catholica Ro-

mana: império tão grande, que elle só he igual, ou mayor que toda nossa Europa, pois tem de largo quinhentas legoas, e de comprido setecentas. Ambas estas emprezas tão gloriosas guardou a diuina Prouidencia, por tantos seculos, pera os generosos espiritos Portuguezes, e pera o espirito e zelo das almas dos reuerendos Padres da Companhia de Jesu, como veremos nas relações seguintes, das quais a primeira, como mais breue, sairá logo, e a outra apos ella, Deos querendo, pois não he rezão fiquem em eterno silencio sepultadas duas das mores façanhas que ha muitos seculos fizerão os varões Apostolicos, e Euangelicos conquistadores. O teor da primeira relação, fielmente tirada do seu original, he o seguinte.

Nesta darei conta a V. R. da peregrinação que fizemos ás terras do Tibet, deixando muitas particularidades, assi por escusar ser comprido, como porque nem pera escreuer esta, tenho tempo. Aos trinta de Março de 1624 partimos de Agra, o Padre Manoel Marquez e eu, pera acompanhar a el Rey, o qual eu tinha deixado quando passou por Agra, por rezão de hũa grande doença em que cahi; chegamos á cidade do Deli, da qual actualmente partião muitos Gentios a hum famoso Pagode, em romaria, que dista de Agra mes e meo de caminho; e como tinhamos muitas informações tiradas por varias vias com grande diligencia, com as quais nos certificamos, serem aquelles Reynos de Christãos,
2,r alem da fama, que de vinte annos a (*) esta parte, tinha chegada aos Padres na mesma conformidade: vendome em companhia de gente, que me podia seruir de guia em grande parte do caminho, e que perdida esta ocasião, tarde se offerecia outra: me resolui a ir tomar noticia daquellas nações, principalmente sendo em tempo que el Rey hia pera o Reyno de Caximir, na qual jornada bastaua acompanhalo hum Padre, como

de effeito o acompanhou; e eu já de volta, intentaua vir tomalo a Laor, quando saisse do Caximir, e pello que tomada resolução ultima, e ordenadas algũas cousas tocantes a esta missão, e deixando por superior della ao Padre Francisco Cursi; e não duuidando ser esta a vontade de V. R., pois a empreza mostraua ser de grande gloria de Deos, e por outra parte não ficaua faltando nada nesta estancia, nos pozemos a caminho pera o Tibet, na maneira seguinte.

Com todo o segredo possiuel nos partimos da cidade do Deli, hũa madrugada, indo vestidos como os Mogores por baixo das lobas, e logo em saindo das portas pera fóra, como era escuro as despimos e aparecemos com toucas e cabayas, sem disto terem noticia os proprios Christãos e moços nossos, que até li nos tinhão acompanhado caminho de Laor: deixado o caminho real, começamos à trauessar as terras del Rey, por caminhos mais breues que nos foi possiuel, até que passados quinze dias chegamos ao cabo dàs terras do Indostam, e ficamos ao pé das serras, que são do Raja de Siranagar. Grandes difficuldades tiuemos destas saidas das terras del Rey Mogor, e entrando nas terras de Siranagar; desta banda nos tinhão por Mogores fugidos, e que por nenhum modo nos deixarião passar, antes presos nos mandarião a elRey, por terem ordem sua pera isso; e confirmauãose, vendo que nem eramos Gentios, nem mercadores, pois não leuauamos fato; por outra parte os de (*) Siranagar auião que eramos Mogores, mandados pera espiar a terra, pello muito que se temem deste Rey; e passados algũs dias, vendonos nestas talas, quando parece se fechauam de todo os caminhos pera nós, nos deu o Ceo franca passagem, ensinandonos a pôr só confiança naquelle por cuja gloria faziamos esta jornada. 2,v

Com muita diligencia, e maior alegria, começamos a subir as serras; são ellas as mais fragosas e altas,

que parece pode auer no mundo, e bem longe estou de poder declarar a V. R. a difficuldade com que por ellas subimos; basta saber depois de andar dous dias desde pella manhãa até noite, não acabauamos de passar hũa, cortando pellos mais altos picos, e nelles por caminho taõ estreito, que por muitas vezes não he mais largo, que quanto cabe hum só pé, andando bõs pedaços assi, pé ante pé, pegados com as mãos, pera não resualar, pois o mesmo he errar o pòr o pé bem dereito, que fazernos em pedaços pellos ares. São pella maior parte aquellas serras tão talhadas a pique, como se por arte estiuessem a plumo, correndolhe lá no profundo como em hum abismo o rio Ganga, que por ser mui caudaloso, e se despenhar com notauel estrondo por grande penedia entre serras tão juntas acrescenta com seu echo o pauor, que a estreiteza do caminho causa, a quem vai passando. Tem as descidas mais difficultosas e perigosas, pois carece homem em muitas partes de remedio de se poder pegar com as mãos como nas subidas, e assi he necessario descer em muitas partes, como quem desce escada de mão, dando as costas ao caminho que vai fazendo. Duas considerações nos facilitauão muito estas difficuldades das serras; a primeira, ver que assi as passauaõ com muita alegria muitos Gentios que hião em romaria ao seu Pagode, e nós por gloria de Jesu Christo nosso Deos não faziamos mais que elles; outra que entre estes idolatras auia muitos de creci(*)da idade, já com os pés na coua e muito inferiores a nós nas forças e na idade, que nos seruiaõ de boa confusão, e tambem de nos animar neste caminho. Costumão estes Gentios ir assi muitos juntos, hũs após outros, por o caminho não dar lugar a ir dous par a par; e vão dando grandes viuas e euges a seu Pagode de contino com estas palavras (ye Badrynate ye ye) aleuantando qualquer a primeira palaura, e respondendo todos; com bem magoa nossa ouuiamos

3,r

nós estas vozes do inferno, e já que não podiamos tomar outra vingança do maldito Pagode, nos apostauamos a lhe lançar com a mesma frequencia, outras tantas maldições, e pedir á corte do Ceo, em nosso nome, desse outros tantos louuores e glorias ao Senhor Jesu. Logo na primeira jornada, a cada tiro de frecha, achauamos varios Pagodes de obra sumptuosa, pella mayor parte, todos com alampadas acesas, mas todos de varias figuras, e todos abominaueis, e redicolos; por guardas e seruidores tem muitos Jogues, que logo nas figuras mostrão serem ministros do diabo; entre outros vimos hum já muy velho, com as unhas e cabelo taõ crescido, e a catadura tão disforme que parecia o proprio diabo; e elle sem fallar palaura, como hũa estatua, recebia os louuores e reuerencias dos Gentios, que debruçados por terra lhe beijauam os pés. Desejei a este, o que dous meses antes tinha este Rey mandado fazer a outro mais disforme; e foi que indo elle á caça em Agmir, ao longo de hum grande tanque, onde concorrião naquelles dias grande numero de Gentios pera suas superstiçoens, vio hum Jogue tam horrendo na figura, que tinha os cabelos da cabeça compridos de quatro couados, e as unhas mais de palmo; e elle tam sem pejo, que com nada se cobria; era grande o concurso de Gentios, que lhe hiaõ a beijar os pés, e tudo el Rey foy notando, ficando o Jogue immouel, sem lhe fazer (*) nem hũa minima reue- 3.v
rencia; voltando o Rey da caça, o mandou chamar; deu o Jogue por reposta que não iria senão a hombros de homens em o andor real; ouuindo el Rey esta reposta, o mandou trazer a rasto pellos cabellos, e tendoo diante de si, lhe disse que ou elle era diabo, ou retrato viuo do mesmo, pois não se podia imaginar cousa mais enorme; e logo lhe mandou cortar os cabellos e unhas, e dar outro castigo deuido á sua descompostura, e apos isso hum grande numero de assoites, e que o leuassem pelos Basares, pera que os rapazes com suas zomba-

rias vingassem, ou recompensassem os louuores e reuerencias que lhe fazião os Gentios: outro tanto se deuia ao Jogue de que assima fallei.

Mas tornando ás serras são ellas pella mayor parte cheas de muito aruoredo, do meo pera baixo, como grandes pinheiros de varias castas, e de estranha grandeza, hũs como os nossos, e outros mais frescos, que não dão fruto, mas de muito melhor madeira, tão altos, sem tortura algũa, que passão por duas e tres alturas da torre do Bom Jesu de Goa; não he encarecimento, senão realidade muito certa; em muitas partes achamos grande numero de peçegueiros e pereiras carregadas de muita fruta verde, e muitas aruores de canela, cyprestes, lymoeiros, rozais grandissimos, com rozas sem numero, muitos amoras de sylua, hũas pretas, como as nossas, outras vermelhas como medronhos, mas todas muito boas; hũa serra vi toda de aruores de S. Thomé, sem folha, mas tão carregadas de flores, hũas brancas e outras como as da India, e ellas tocandose hũas ás outras com os ramos, de sorte que parecia toda a serra hum monte de flores, ou hũa só flor; e foi a mais fermosa vista neste genero que em toda a minha vida tiue; ha grande numero de outras aruores, como castanheiros, sem fruta, mas quebram com ramalhetes de fermosissimas flores, de maneira que cada cacho he (*) hum fermoso e grande ramalhete da figura de hum acypreste, taõ talhado, que não deixa a natureza lugar a se lhe acrescentar cousa algũa pera sua perfeição. As flores como as nossas são muitos lyrios, rozas, e asusenas, e outras em grande numero, tão perigrinas, como fermosas, e em muitas partes vi grandes tractos de terra, cuja erua era só manjerona, tão fina como a nossa, mas a folha mais meuda; porém o que faz as serras mais apraziueis, e menos difficultosas aos caminhantes, são as muitas fontes que dellas correm, hũas despenhandose dos mais altos picos, outras bro-

tando de viuas pedras ao longo do caminho, de agoa tão cristalina e fresca, que não ha mais que desejar. Assi chegamos á cidade de Siranagar, aonde reside o Rajà, e não tem outra, porém hum grandissimo numero de aldeas como villas pequenas. He a gente desta terra nos costumes muy differentes da gente Industana, não degolão os carneiros e cabras, que comem, mas afogãonas, e dizem que ficando o sangue espalhado, faz a carne mais gostosa; e assi sem esfolar as rezes, com a pelle chamuscada, e a carne mal assada correndolhe o sangue, a comem; de ordinario andão descalços e com os pés gretados e cheos de golpes, e tão calejados, que correm sem molestia algũa por sima de pedras muy agudas e espinheiros, sem se ferirem.

Nesta cidade nos fizerão grandes exames de quem nós eramos, de nossa pretenção; não podiamos dizer que [eramos] mercadores, que fora acertado, pois não leuauamos fato; respondi, que eu era Portuguez, e que hia ao Tibet em busca de hum irmão meu, que hauia annos lá estaua, segundo as nouas que me chegaraõ, entendendo ser o Rey; e reuoluendonos o fato de vestir que leuauamos, quando virão as lobas pretas, perguntarão a rezão; ao que respondi, que leuauamos pera as vestir, se acaso aquelle meu irmão fosse morto, em sinal de (*)dó, por ser aquella a côr que se usaua nas nossas terras; então ficarão mais persuadidos que teria lá algum irmão, como dizia; depois de cinco dias nos deixarão passar por particular mercê de Deos; e nós com toda a breuidade possiuel, fomos caminhando obra de quinze dias por serras menos fragosas que as passadas; e passadas ellas, chegamos a outras cheas de neue, nas quaes a sombra e a frescura de fontes nos era já menos necessaria por auer já grande frio. Passamos o rio Ganga muitas vezes, não por pontes de corda bem difficultosas, como no caminho que tinhamos deixado atrás, mas por sima da neue que o cobria por

grandes tratos, indo elle fazendo por baixo seu curso com grande estrondo. Não pude entender, como era possiuel cair tanta neue, que abobadasse tão caudaloso rio, sem serem bastantes suas agoas a leuala, e derretela; pareceme que das serras ao pee das quaes elle corre, não podendo sustentar a machina, e grande pezo da neue, cae sobre este rio como a montes, ficando com o pezo, e queda mais composta e densa, cobrindo assi por sima em muitas partes, como hum tiro de espingarda, em outras mais, e em outras menos; deixando em lugares hũas concauidades, e aberturas medonhas, que não causão pequeno pauor aos que passão por sima, não sabendo a que hora e ponto cahirão aquellas abobadas, como caem muitas vezes, seruindo a muitos de sepultura. Assi fomos passando algũs dias, até que a cabo de mes e meo chegamos ao Pagode Badrid, que está nos confins das terras do Siranagar; a este ha grande concurso de gente, ainda das partes mais remotas, como de Seylaõ, e Bisnaga, e outras que a elle vem em romaria. Quando de Goa voltamos, vierom em nossa companhia dous moços Chingalás de Seylaõ, comprida já sua romaria a este Pagode; queixaraõse que não acharão esmolas pera se sustentar, e que padecião
5,r muita fal(*)ta; compadecime delles, e mandeilhe dar hũs bazarucos, que faziam hũm larim de Goa; porém sabendo elles que não eramos gentios, não asseitarão esmola, dizendo que só de Bramenes, ou de Baneanes a recebião.

Está este Pagode Badrid situado ao pé de hũa serra, de que nascem varias fontes de muito boa agoa; entre outras brota hũa de agoa taõ quente, que a não pode soportar a mão por breue espaço, a qual se reparte por tres partes, ficando a cada hũa como um boi de agoa; e assi entra em varios tanques, nos quaes temperada com outra fria, se lauão os romeiros, auendo que com ella purificauão suas almas, e ficão sem peccado algum;

e não ha pera elles na vida bemauenturança maior, que se chegar a se lauarem nesta agoa purificadora de suas almas. Está este Pagode com os pés em o proprio lugar donde a fonte brota, que aquí o poserão os seus Bragmenes, fingindo a esta outras mil patranhas; entre ellas dizem, que o fogo vendose cheo de peccados, pellos muitos males que fazia no mundo, abrasando casas e fazendas, consumindo campos e aruoredos, pezaroso de tão graues culpas se fora pedir remedio dellas ao Pagode Badrid, o qual lhe disse, que ficasse naquelle lugar com elle, que assi ficaria purgado de todos aquelles pecados; teue o fogo por grande merce esta que lhe fazia o Pagode, e assi se ficou a seus pés; e por isso sahia aquella fonte de agoa tão quente como viamos. Fizlhe instancia, que se o fogo estaua aos pés do Pagode, como dizia, tão manço e quieto, como fazia ainda pello mundo os mesmos males que primeiro, abrazando quanto encontraua? Responderão, que o fogo que andaua agora pello mundo, era hũa só parte das quinze que tem o fogo, e que ficando as quatorze quietas aos pés do Badrid, aquentando aquella fonte, a decima quinta fazia os males que lhe apontauão. Dizem mais que o Pagode tudo quanto tocaua pri(*)meiro, tornaua em ouro, ou fossem paos, 5.v ou pedras, ou qualquer outra materia; mas que hum ferreiro por cobiça, leuou certa cantidade de ferro, e lançandoo no fogo que aos pés do Badrid estaua por assi o abrandar, e fazer maior pera ficar com mais ouro, tocandoo no Pagode com esta cobiça e com o ferro ainda quente se ressentira tanto delle, que nunca mais quizera conuerter as cousas em ouro, como de primeiro; destas patranhas contão muitas. As offertas que no seu thesouro entrão, são sem conto, e assi dizem que he grandissimo o thesouro que tem de ouro, prata, aljofre, e pedraria. Tirados tres meses do anno todos os mais está este Pagode coberto e encrauado na muita neue,

que cae sobre elle, e as aldeas á roda sáo neste tempo inhabitaueis, passandose seus moradores pera outras, que estão mais abaixo, tres ou quatro jornadas, onde a neue faz menos impressão.

As gentes destas terras, posto que pertencem ao Rajà de Siranagar, são porém de outra casta; a lingoagem he differente; comem carne crua, e assi como vão esfolando o carneiro, o vão comendo, principalmente toda a gordura que tem; e os neruos dos pes he pera elles o melhor bocado; as tripas depois de mal enxagoadas na agoa, as fazem em bocadinhos, e assi as vão logo comendo; algũa porém cosem, mas não lhe esperão mais que a primeira feruura, dizendo que a carne muito cozida perde o sabor e substancia. Comem a neue como entre nós o pão, ou doce; vendo eu hum menino de dous pera tres annos com hum pedaço nas mãos comendo delle, me pareceo que lhe faria muito mal; mandeilhe dar hũas passas, que atualmente nos mandara dar o Rajà do Pagode, e que lhe tirassem das mãos o torrão da neue; tomou elle as passas, e começando a comer as botou fora logo, chorando pella sua neue; e assi me-
6,r ninos, grandes (*)e pequenos comem a carne crua, e arrós, assi como vem de Eyra, e outras sementes desta sorte; e com isto ficam muto fortes e sãos, bem fora das colicas da India. Aqui lauram e semeiam as molheres; e os homens fião; estas trazem por joias nas orelhas hũas folhas como olas de palmeira, enroladas de maneira, que representão dous fusos, que saindo das orelhao assim dereitos, lhe correm pello rosto hum palmo e meo de comprido.

Na ultima destas pouoaçoens chamada Manà, estiuemos alguns dias esperando que quebrassem as neues de hum famoso deserto, que corre daqui atee as terras do Tibet, que se pode passar em dous meses do ano sómente, não dando ellas lugar nos outros dez a comercio algum. Desta aldea ultima vão sobindo logo

algũas grandes serras, que nos dous meses que por ellas ha passagem, se atrauessam em vinte dias; não tem pouoação algũa, porque nem lugar ha em que a possa auer, nem aruore, nem erua, nem outra cousa mais que penedias de neue, chouendo de continuo sobre ellas; porem nos dous meses do anno, em que ha passagem, fica a terra descuberta na fralda dos montes por algũas partes, e onde não fica, estão as neues tão compactas, que he facil passar por sima; não se acha porem lenha nem cousa em que acender fogo; e assi a matalotagem que uzão os passageiros, he farinha de seuada assada, a qual, quando querem comer, deitam em agoa, e fazem um polme que bebem, sem mais tornar ao fogo, porque o não ha; e desta maneira passam, e se sustentão naquelle deserto; e morrem porém muitos, e dizem elles, que ha certos vapores pesonhentos que a terra descuberta de si lança, de modo que estando um homem sem lhe doer pee, nem mão, lhe dão hũs desmaios que em menos de hum quarto de hora (*)acabam; e eu creo que nasce isto da grande frial- 6,v
dade e falta de comer; e assi se lhe apaga o calor natural e falecem de repente. Tanto que as neues dão qualquer lugar, logo o Rajà do Pagode de Badrid manda pedir licença ao Rey do Tibet, com certo tributo que lhe paga, pera de cá irem as cafilas ás suas terras. Algũs dias estiuemos esperando com determinação de passar na primeira cafila; porem neste meo tempo tiuemos muitos auisos e sinais manifestos, que o Rajà de Siranagar nos mandaua represar, e que não passassemos adiante; certificados disto, foi grande a aflição que passamos, vendo que depois de tantos trabalhos passados, e caminhos tão compridos, se cortaua assi a nossa pertenção, e se acabauam as esperanças de entrar naquella terra, que pera nós era de mais valia que a de Promissão. Depois de varios discursos nesta materia, e posto o negocio nas mãos de Deos, pois era seu, me

resolui de intentar o caminho do deserto occultamente, em que fosse fora de tempo, não duuidando do particular fauor e protecção do Ceo. Depois de tomadas todas às informações do caminho, e do tempo que na passagem se podia gastar, deixei o irmão nesta aldea, por me parecer que não passaria mal algum, e me pus a caminho hũa madrugada sem ser visto, leuando comigo a dous moços Christãos, e hum serrano daquelles por guia; elle e qualquer de nós leuaua hum cambolim pera se cobrir, e hum alforje com algũa cousa pera comer. Caminhamos dous dias com a maior pressa que nos foi possiuel, posto que com trabalho, por rezão das neues que neste logar começauão a se passar com difficuldade; se não quando a outro dia pella menhãa chegarão a nós outros tres serranos, mandados pelo Gouernador da terra, com grandes ameaças e medo aos que nos guiauão, se fossem mais por diante; dizendolhe que sua molher e filhos ficauão em estreita prizão, e
7,r seu fato (*)confiscado; e se logo não voltasse, auião de morrer todos; e a mim com varias ameaças e medos, procurarão amedrontar, dizendo que meu companheiro, que estaua na aldeia, passaria muito mal, se eu logo não voltasse; e o fatinho que tinhamos, seria tomado por perdido, e sobre tudo que auia de morrer infalliuelmente, se hia por diante, por não ser ainda tempo de passar aquelle deserto, com outras muitas cousas e espantos desta calidade. O serrano que nos guiaua, voltou logo; e eu como tinha todas as informaçoens do caminho, me fui por diante com os dous moços, por se não atreuerem tres que tinhão vindo a mais, que a nos mouerem com palauras. Inuocado o nome de Jesu e ajuda do Senhor, continuamos por diante; porém o trabalho que passamos foi muito excessiuo, porque nos acontecia muitas vezes ficar encrauados dentro na neue, hora até os hombros, hora até os peitos, de ordinario até o joelho, cançando a sair asima, mais do que se pode

crer, e suando suores frios, vendonos não poucas vezes em risco da vida; muitas vezes nos era necessario ir por sima da neue com o corpo, como quem vai nadando, porque desta maneira não se encraua tanto nela; assi fomos continuando, dormindo ás noites sobre a mesma neue, sem ter mais abrigo que deitar hum dos tres cambolins que leuauamos, por sima della, e cobrindonos todos tres com os outros dois; e não era este o maior trabalho, porque mais sentiamos a neue, que começaua a cair, das quatro horas da tarde por diante, quasi toda a noite, tão meuda e tão espessa, que nos não deixaua ver, estando juntos, acompanhada com hum vento tezo e sobre maneira frio, cobrianos por sima dos cambolins; e o remedio era sacudila por muitas vezes, pera não ficarmos enterrados debaixo della. Nos pés, mãos e rosto, não tinhamos sentimento, porque com o demasiado rigor do frio, ficauamos totalmente sem (*)sen- 7.v
tido; aconteceome pegando em não sei que, cahirme hum bom pedaço do dedo, sem eu dar fee disso, nem sentir ferida, se não fora o muito sangue que della corria. Os pees foram àpodrecendo de maneira, que de muy inchados, nolos queimauão depois com brazas viuas, e ferros abrazados, e com muy pouco sentimento nosso; a isto se acrecentarão dous grandes males, o primeiro que cada hum de nós tinha hum mortal fastio, com que ficauamos como que impossibilitados pera comer; não me lembra que em doença tiuesse outro igual a este; mas a necessidade precisa fazia que sobre todas as repugnancias comesse algũa cousa, e com muita força e com algũas inuençoens, procuraua com os moços o mesmo, mais do que nunca fiz a doentes graues. A outra cousa que nos foi de pena, era não achar agoa pera beber, a qual ainda no meo de taes frios nos era bem necessaria, por rezão da secura que causaua o muito trabalho; não era esta falta por faltarem fontes, mas por todas correrem occultamente por baixo da neue, e pella

mesma maneira o rio Ganga, vindo quasi todo este caminho por baixo della. Comiamos pedaços da mesma neue, e ás vezes quando o sol começaua de aquentar, derretiamos hũa pouca em hum prato de latam. Nesta forma fomos caminhando atee o alto de todas as serras, onde nasce o rio Ganga de um grande tanque, e do mesmo nasce tambem outro, que rega as terras do Tibet. Já neste tempo tinhamos a vista dos olhos quasi toda perdida, mas eu a perdi mais tarde que os moços, polla muita diligencia que fiz em resguardar os olhos; mas não foi bastante pera não ficar quasi cego, por mais de vinte e cinco dias, sem poder rezar o Officio Diuino, nem ainda conhecer hũa só letra do Breuiário.

8,r (*)Tanto que chegamos ao alto das serras, se seguiam logo hũas grandes campinas das terras do Tibet; mas como já viamos muito mal, nem diuisauamos mais que tudo branco, sem se poder discernir por que parte podiamos passar adiante; e assi perdemos todas as esperanças de o poder fazer, faltandonos os sinais, pellos quais o faziamos atee aly; e ja neste lugar não estauamos da cidade real mais que cinco legoas de caminho, e termos como por impossiuel podermos já passar auante, pois não aparecia mais que campinas de neue, e por outra parte irnos faltando o mantimento; e os tres moços que era necessario calsalos, e descalsalos, cobrilos e descobrilos, e ainda meterlhe o comer na boca. Tratei com elles o que deuiamos fazer, e assentamos naquella noite que a outro dia pella menhãa voltassem elles pera a aldea, onde tinha ficado o irmão, e poderião lá chegar, andando bem em seis dias; e eu me ficaria entretanto soo ao pee daquella altissima serra, em hum lugar que por ser muito humido, se derretia nelle a neue, e tinha algum abrigo do vento, ao longo de hũa grande pedra, com abunduncia de agoa do tanque, que asima disse, ficandome bastante prouimento do necessario, pera oito ou noue dias, em que o irmão

da aldea me poderia mandar outro, ou ser Deus seruido, que apparecesse algum que me guiasse no que restaua de caminho atee o Tibet.

Chegada a menhãa, me despedi dos moços, encomendandolhe quanto pude a deligencia no caminhar, que como hauia de ser sempre pera baixo, e por caminho que ja sabiam, poderião muy bem hir com mais presteza, como lhe importaua, porque incorria a sua vida e a minha: a reposta foi poremse a chorar como meninos, e que elles (*)sem mim não podião dar qua- 8,v
tro passos, e que por nenhũa via se atreuião sem mim, como na precedente noite me tinhão prometido. Nunca com elles pude acabar outra cousa; e assi parece foi Deos seruido, porque sem duuida elles morrerião no caminho, se fossem sós, como logo experimentei. Nesta forma fui forçado a voltar, quasi do cabo da jornada, com os mesmos sobresaltos de ser lá represado, com que tinha chegado aly, dos quais me parecia estar já seguro, com ser o caminho á volta muito facil, pois era de continua descida; foi comtudo grande o trabalho que tiue, em fazer andar os moços, porque já os pees hião taes, que se não podião ter sobre elles; e assi caminhamos de volta tres dias e meo, quando sobre a tarde ouui hũas vozes como de homem que bradaua naquelle deserto, mas não vimos quasi nada, nem podiamos saber o que seria; fomos porem endireitando pera aquella parte onde soauão os brados, donde nos veo encontrar hum serrano com nouas do irmão, o qual lhe deixaram mandar os de Mana, antes o solisitarão muito pera isso, achandose muy alcançados do que tinhão feito, temendose que se nos acontecesse algũa desgraça, como como já imaginauão, lhe tomara o Rey do Tibet estreita conta quando o soubesse. De grande consolação nos foi este homem, do qual soubemos nouas certas do irmão; e como os temores de sermos represados estauão já apagados, buscando os da aldea cousas que dar ao

Rajà pera nos não impedir, que foi noua de grande alegria. Por este homem nos mandou o irmão hum pouco de refresco de grande estima; e foi hũa pouca de farinha de seuada assada, e hum pouco de mel, e juntamente pera nos cobrir roupa, e pera nos amparar do frio; seruionos este homem de guia por outros tres dias, no cabo dos quaes chegamos a hum lugar, em que a neue era pouca, e hauia couas de pedras, debaixo das
9,r quaes nos podiamos reco(*)lher; distaua este logar da aldea tres jornadas; aqui descansamos alguns dias atee o irmão chegar, e com elle hũa cafila que se antecipou por nosso respeito; quando chegou o irmão, não o pude conhecer, senão depois de o ter nos braços. Julgue V. R. que consolação aueria entre nós, ainda algũs dias depois do descanso; he porém certo, que nunca me vi com tanto alento e forças, como neste tão trabalhoso caminho, e mal poderia quem me conheceo, julgar que em mim as aueria pera tantos trabalhos. Depois do irmão chegar nos detiuemos por alguns dias naquelle lugar, em quanto quebrauão mais as neues, em que se passou quasi hum mes, e ouue lugar a tornarmos a fazer de nouo o proprio caminho, mas já com mais facilidade, e sem trabalho, que tiuesse semelhança com o primeiro; só me faltaua a mim a vista, e não he muito pois atee os mesmos serranos, que desta segunda vez foram comnosco, com serem costumados, e nascidos entre as mesmas neues, padesserão grandes dores nos olhos por alguns dias, sem lhe valer antolhos de certas redes que fazem pera defender a vista dos rayos do sol, que ferindo a neue, cegaua os olhos com a continuação de poucos dias.

Já neste tempo se tinha mandado recado ao Rey do Tibet; e assi teue de nós noticia, mandando ao caminho dous homens, pera nos acompanharem e seruirem, ordenando aos da cafila, que tiuessem de nós grande cuidado, e nos leuassem como cousa muita sua; e a

mim me mandou escreuer que fosse muito alegre pera suas terras, porque quanto dellas me seruisse, me daria. Tudo isto succedeo, pollo que se escreueo de nós ao mesmo Rey, que eramos gente muyto estranha, e nunca vista por aquellas terras. Tres dias antes de chegarmos, nos mandou tres cauallos, dous pera nós, e outro pera algum dos moços, sendo necessario; quando já che(*)gamos á cidade, sahia a gente pellas ruas, e as molheres ás janellas a nos ver, como cousa muy rara e estranha. O Rey por então não apareceo; estaua porém a Raynha a hũa varanda do paço, donde nos quiz ver; fizemoslhe a deuida reuerencia, e assi nos recolhemos pera hũas casas que nos tinhão aparelhadas. Imaginaua el Rey, e assi lho tinhão escrito, que nós deuiamos trazer algũas perolas e joyas de grande preço, posto que não eramos mercadores, pois não podia auer outro fundamento de viagem tão trabalhosa, que emprenderamos. Certificado porém já por via de outros quem eramos, e que não eramos mercadores, nem traziamos peças ricas como cuidaua, ficou com menor aluoroço de nossa vinda; e sem nos querer fallar dous ou tres dias, mandando perguntar o pera que tinhamos vindo; respondi que eu não viera a suas terras pera comprar e vender, porque não era mercador; assi mais que não tinha vindo pera dellas leuar cousa algũa; nem delle queria algũas das merces que me tinha mandado oferecer; só lhe pedia que desse audiencia por espasso de hũa hora, e que então lhe descobriria a causa de minha vinda, e não de outra maneira; mas que estiuesse certo, que lhe seria de gosto. Auida a licença, nos recebeo com beneuolencia, estando somente com elle hum seu cunhado; seruia de lingua hum Mouro Queiximir, pello qual lhe dei conta da pretenção com que viéra á sua corte e os muitos trabalhos que a esta conta tinha passado; e saber pera me certificar das nouas, que me tinham chegado de ser Christão, e seguir 9,v

com seus pouos a verdadeira ley; e que se era seruido, alli me tinha pera declarar e mostrar os erros da sua; e que desejos de sua saluação somente me fazião desterrar de minha patria, deixar irmãos e amigos, e passar tantos trabalhos; que se aproueitasse da ocasião, que Deos lhe metia nas mãos, lembrandolhe, que
10, r por tantos (*)annos atras a não tinha dado a seus antepassados, que se não fizesse indigno das merces que o Ceo lhe offerecia, etc. O Mouro como ouuio esta pratica, entendendo nossa pretenção, procurou quanto pode desfazer nella, segundo se conjeituraua do seu fallar; de modo, que com eu não entender aquella lingoa, me parecia a mim claramente, que usaua elle de engano; e fuy forçado ao ameaçar algũas vezes, que o faria castigar seueramente, não sendo fiel em referir a el Rey o que se mandaua dizer, assi que logo auia de tomar outro lingoa Gentio, e de nouo praticar a el Rey, o que lhe não queria dizer. Bastou porem o que elle disse a el Rey, pera el Rey se deixar entrar, e lhe irmos parecendo melhor, que na primeira entrada. A Raynha, que tudo estaua ouuindo na outra casa, detras de hũa guarda porta, mandou dizer a el Rey, que nos queria ver, e nos fallou de pé; mas tornados ao Rey, quiz ella estar presente, e disse entre outras cousas que sentia grande pezar de eu não saber sua lingoa, porque muito lhe agradara o que tinha ouuido de nossa ley. He esta Raynha tida por molher prudentissima, e assi o pareceo em seu trato, e nas perguntas e repostas da pratica; mandaram por então ser já tarde, que nos recolhessem, mas que folgarião de fallar comnosco deuagar naquellas materias da ley e saluação. Ao dia seguinte fui chamado bem cedo, porque já aquelle pequeno grão da mostarda Euangelica hia lançando raizes, e causando grandes effeitos nos corações del Rey e da Raynha; neste dia, como nos demais, seruia hum Gentio de lingoa; pratiquei deuagar de nossa santa ley, declarando-

lhe algũs misterios principaes, com tanto gosto do bom Rey e da Raynha, que dahi por diante não podiam estar sem nós outros, não se fartando de ouuir as nouas do Ceo, e mais sendo tão certo, que o menos do que se lhe dezia, podia ser entendido, pois era necessario falar por tres lingoas differentes, (*)entendendo cada 10,v
qual dellas muito pouco da materia que se trataua. Ordenou el Rey, que pera nós não ouuesse porta fechada em sua casa, e que a todo tempo entrassemos e saissemos, como em effeito se fez, ainda nos tempos que se não deixaua entrar no Paço; quasi todos os dias tinhamos presentes do Rey e da Raynha, daquellas cousas que hauia na terra, a saber, carneiros, arrós, farinha, manteiga, jagra, passas e vinho de uuas em grande abundancia, de maneira que não só bastaua pera os da casa, mas dauamos continuas esmolas, abrangendo a muitas charidades. As passas são de duas castas, hũas pretas muito meudas, mas muito boas e doces, outras muito grandes e brancas, mas muito secas e azedas; todas vem dez ou doze dias de caminho doutras cidades do mesmo Rey, como tambem o vinho de uuas. Passauãose já muitos dias, e passauase o tempo em que era necessario voltarmos antes de se fecharem as serras; pedi licença ao Rey, dilatandoa de dia em dia, não acabaua de a dar; até que claramente me disse, que não me deixaria vir de suas terras, sem primeiro lhe dar palaura firmada com juramento, de logo voltar no seguinte anno, pera ficar com elle de uagar, já que por então não era possiuel, conforme ás razoens, que lhe apontaua: eu quando o vi tão desejoso de nossa ficada, lhe respondi, que lhe daria a palaura, que me pedia de voltar logo, sendo contente o meu lambà mayor, cujo subdito eu era, como sem falta seria, mas com as condiçoens, que eu lhe daria por escrito, como dei. Foi a primeira, que me auia de dar plenario poder, pera em suas terras poder prègar a santa Fé sem ninguem

me ir á mão; a segunda, que me daria lugar, e sitio pera fazer Igreja e casa de oração; terceira, que me não auia de ocupar em cousas proprias de mercadores, se por ventura pretendesse algũas de nossas terras, pois era contra o que professauamos; quarta, que sendo caso, que pello tempo em dian(*)te, fossem algũs mercadores Portugueses a suas terras, nós não assistiriamos em compras e vendas de suas peças, nem a semelhantes materias, como se nunca ouuesse tais mercadores; quinta, que não daria credito a cousa algũa que lhe dissessem os Mouros Queiximiris contra nós, pois eram mui contrarios á nossa santa ley. A isto acudio logo a Raynha que os Mouros era má gente, qual era a ley que professauão, e de todo encontrada com a sua, por a qual rezão nem das portas da cidade pera dentro os deixauão viuer, como na verdade não deixão, e só vem á cidade a seus tratos. Ouuidas as condiçoens pello bom Rey e a Raynha, fez logo passar hum papel selado com suas armas reaes na forma seguinte.

Nós el Rey do Reyno do Potente, recebendo grande alegria com a vinda do Padre Antonio Frangim ás nossas terras, pera nos ensinar a santa ley, ao qual tomamos por nosso mestre lambà maior, e lhe damos toda a autoridade pera liuremente poder prègar e ensinar aos nossos pouos a ley santa, nem consentiremos que alguem lhe dé por isso molestia, e lhe mandaremos dar sitio e toda a ajuda que quizer, pera fazer casa de oração, e somos contentes que sendo caso que venhão a nossas terras mercadores frangues, o dito Padre e seus companheiros não entreuenhão em cousa algũa na materia de compras e vendas, pois são contra o que professão; assi mais não daremos credito a cousa que contra os ditos Padres quiserem intentar os Mouros, porque bem entendemos, que como não tem ley, assi encontrão aos que seguem a verdadeira; e pedimos em tudo encarecidamente ao Padre grande, nos enuie logo o dito

Padre Antonio, pera remedio de nossos pouos. Dada em Chaparangue firmada com nossas armas, etc.

Passou mais outro papel em Parseo, por via dos Mouros, firmado com suas armas, em que manda a todos os Queixi(*)mires de Agrà, ou Laòr, que tem co- 11,v
mercio em suas terras, que sendo chamados por mim, ou por qualquer Padre, fação tudo o que lhe mandarem, e por sua via leuem nosso fato ao Tibet, como se fosse do proprio Rey; tudo isto ordenou pera na viagem não termos molestias com direitos e outras vexaçoens semelhantes. No primeiro dia que fallamos com el Rey, e vio o fato que leuauamos, como costumaua fazer sempre, que logo parecia de pobres, entre outras cousinhas, achou hũa fermosa imagem de nossa Senhora, em lamina, com o menino Jesu dormindo, cousa muito perfeita; ficou pasmado de a ver, e a Raynha ainda mais, sem embargo de muitas pinturas muito boas; e quando lhe declarei, o que representauão, se lhe dobrou o gosto, em que por grande espaço esteue vendo a santa imagem. Achou mais algũas cruzes de Salsete, algũas nominas, e varonicas, e hũs selicios e disciplinas; perguntou meudamente por cada hũa das cousas, e pera que seruião; o que se lhe declarou quanto foi possiuel; calou-se por então; mas passados algũs dias, quando já estaua, e se nos mostraua tão affeiçoado a nossas cousas, como fica dito, me pedio com muita instancia algũas cousinhas pera si, e pera a Raynha, Principes, e seus sobrinhos; não lhas dei logo por lhe acrescentar os desejos e reuerencia áquellas cousas; por muitas vezes mas tornou a pedir, auendo que com ellas lhe faria Deos muitas merces, e que lhe ficarião como boas armas contra hũs e outros imigos. Dous dias antes de me dar licença, lhes leuei sete, pera sete pessoas nomeadas, e lhas offereci todas juntas em hum papel; mas elle não nas quiz receber assi, dizendo que desse eu a cada hum a sua, como fiz, dando a primeira

a el Rey, que a recebeo desbarretado, e com summa reuerencia, pondoa sobre os olhos e á cabeça, e logo a lançou ao pescoço preza por hũa cadea de ouro; o mesmo fez a Raynha, que se seguio, Principe, cunhado,
12,r e sobrinhos, a cujas pessoas lancei (*) as santas Cruzes, que lhe ficarão parecendo mui bem. O cunhado, que naquella tarde se partia por General de hũa bem arriscada guerra, me disse, que hia com a sagrada Cruz cheo de confiança, e segurissimo de nosso Senhor por meo della os liurar dos perigos da guerra, como liurou, dandolhe vitoria com muita facilidade e honra sua. Era muito pera ver a grande deuação de todos, e a reuerencia com que tratauão as santas reliquias. Dei mais a cada hum hũa nomina que lhe lancei ao pescoço, e ao outro dia aparecerão todos com as nominas em bolsas de seda pera mais resguardo. O dia ultimo me deteue o Rey consigo por mais tempo; e eũ por despedida lhe offereci aquella lamina em que estaua a imagem da Sacratissima Virgem, e o menino Jesu, de que assima fiz menção, dizendolhe que por nenhũa via auia de largar de mim aquella sagrada imagem, mas por estar certo, que elle lhe tería todo o respeito e acatamento, lha deixaua como hum riquissimo thesouro, e como hũa fortaleza inexpugnauel, a quem poderia e deuia recorrer no meo de todos os perigos e trabalhos dalma e corpo; e estiuesse certo de remedio e socorro; elle estimou a imagem quanto se não pode crer, e posto de joelhos lha puz sobre a cabeça e da Raynha; e porque estaua presente muita gente, me pedio lha mostrasse, o que fiz com grande alegria e consolação de todos, que desbarretados e os joelhos em terra, e com as mãos leuantadas adorarão a sagrada imagem, com estranha deuação e reuerencia; e querendolha deixar, logo me pedio a tornasse a leuar pera nossa casa, em quanto mandaua aparelhar lugar decente pera a recolher, como se fez. Indo eũ ja com ella nos braços,

encontrei em outra sala de baixo ao Veador da fazenda, acompanhado de muita gente, o qual me pedio, lhe mostrasse a imagem, de que já tinha noticia; porem hum dos que o acompanhauão, [disse] em lingoa Parsea, de que eu sabia algũas palauras, que a desejaua ver por coriosidade de cousa tão boa e perfeita.

(*)Ouuida esta palaura, tornei a recolher e cobrir a imagem, que já lhe hia mostrando, dizendo, que aquellas cousas tam diuinas e santas não se vião por coriosidade, se não pera lhe fazer a deuida reuerencia e adoração. O Veador da fazenda reprendeo asperamente a palaura de que o outro tinha usado, pedindome que lha mostrasse, porque elle não por coriosidade, mas pera a adorar de todo o coração a desejaua ver. Vioa com todos os presentes, com tanta deuação e reuerencia, que não podia homem reter as lagrimas de consolação, vendo o diuino Jesu nos braços de sua mãy santissima, assi adorado e reconhecido por quem he, de gente tão remota e apartada, e nunca vista. Não bautizei logo o Rey e a Raynha, por não ter tempo bastante pera os catechizar, e não os deixar arriscados a retroceder. 12,v

Do que mais sucedeo até sairmos da cidade.

Bem se deixaua ver o sentimento em que ficauão o Rey e a Raynha, e toda sua corte, quando nos partimos, dizendo á despedida que voltassemos com toda a breuidade possiuel, porque comnosco lhe leuauamos o coração; mandou gente que nos acompanhasse, não só por suas terras, mas até passarmos o deserto; e secretamente tinha dado ordem, pera que das aldeas vezinhas nos fossem cada dia dando carneiros, arrós e manteiga. Passados tres dias de caminho, mandou tres homens á posta, com seis sestinhos de pexegos pequenos, mas muito bons, em que viriam mais de dous mil; mandandonos dizer, que aquella fruta lhe viera doutra

cidade, doze ou quinze dias de caminho, que nola mandaua em sinal de amor; e que lhe mandassemos nouas de como hiamos; agradecemoslhe quanto pudemos a lembrança, que sem duuida era sinal de affeição que
13,r mostra(*)ua; assi fomos caminhando até entrar nas serras do deserto, donde despedimos a gente, que nos acompanhaua, posto que com repugnancia sua por algum medo que tinhão de el Rey, em nos deixar tão cedo sem sua ordem.

Grandes foram os trabalhos que sobreuierão a el Rey, pouco depois de sairmos de sua terra; e foy o caso, que além de tres Rajàs seus vassalos unidos entre si, se leuantarão contra elle com grande poder, tendo o dito Rey auocada sua soldadesca pera esta empreza, que distaua muitos dias de caminho; succedeo que o Rajà de Siranagar moueo tambem de repente guerra contra o mesmo, parece que confederado com os outros tres; e foy com tanto segredo, que se não soube nada no Tibet, se não depois de seus exercitos estarem bem á porta, porque não se temendo o Rey do Tibet deste Rajà, foy deixando a soldadesca das terras a elle vezinhas contra os tres leuantados, e o de Siranagar em todo o segredo, tomou tres caminhos, que das suas terras vão dar nas do Tibet, não deixando passar quem podesse leuar nouas; por hum destes caminhos mandou hum exercito de cincoenta e dous mil homens, com quinze mil espingardas, e vinte peças de artelharia meudas; por outro caminho foi outro exercito de dezaseis mil homens; e por o terceiro, outra soldadesca em menor numero; aquelle corpo maior do exercito chegou primeiro a certa fortaleza do Tibet, em que só auia trinta soldados, os quaes na primeira noite se resoluerão a dar no exercito imigo, e matarão perto de trezentos homens, chegando á tenda do Capitão a quem buscauão, e lhe tomarão hũa insignia real; porém como o numero era tam pequeno, recolhidos ou-

tra vez á fortaleza, a forão despejando do que poderão, acabo de algũs dias a largarão; ficou o exercito imigo sobre maneira atemorizado; e na verdade os do Tibet he gente muy valerosa, e muy exercitada nas (*)armas; 13,v e os de Siranagar são serranos, que não sabem mais que de lauouras; succedeo mais, que nestes dias choveo muita neue, com a qual morrerão muitos do exercito. As espias do exercito, que hião por outro caminho, forão tomadas com algũa gente, os quaes fingindo hũa carta do Pagode Badrid, disserão que hião tratar pazes, e assi evitarão o castigo que lhe auião de dar; estes nos disserão, quando depois voltarão pera a sua aldea, que a primeira cousa por que o Rey do Tibet lhe perguntara, forão nouas nossas, como e donde ficauamos, se nos tinham deixado passar; e dizendolhe as espias que ficauamos bem na sua aldea, mostrou disso particular prazer. O outro exercito chegou por outra parte, e não fez mais, atemorizado de muita gente de cauallo, que sobre elle se hia ajuntando, de maneira que o Geral de Siranagar cometeo pazes, vendose já em aperto, porque se lhe tinhão tomados os caminhos nas serras por onde lhe auia de vir mantimento, de sorte que com difficuldade poderia voltar atras, e ir por diante não lhe era menos difficultoso pella muita gente que hia recrecendo cada hora, e pelo grande medo, que no seu exercito auia dos Tibetenses. Estauamos nós neste tempo em Manà bem afligidos, temendo algũa grande ruina áquelle bom Rey, que de tão grossos exercitos estaua rodeado, e fizemos as oraçoens, e votos que nos pareceo; foy Deos seruido que as pazes se effeituassem em breue tempo com o de Siranagar, e os outros tres fossem vencidos e sojeitos; e por agora neste estado fica o Rey do Tibet.

(*)*Da calidade da terra do Tibet, e de sua gente.* 14,r
As terras do Tibet são muito grandes, segundo a

informação que dellas tiuemos, e parece que mais pello ser tão frescas e abundantes, pois nellas ha muito mantimento de trigo e arrós, etc. De frutas, como uuas, pexegos, e outras, como atras fica dito, e assi nolo certificarão muitas pessoas praticas naquellas terras; porém a cidade real, a que chegamos, que tambem he a primeira desta banda, he a mais esteril que tenho visto, porque nella sómente se dá algum trigo, nas partes que se podem regar com o rio; tem muito gado de carneiros, cabras, cauallos, e nada mais, de sorte que nem hũa só aruore se achará em muitas legoas, nem erua nos campos, mais que donde chega algũa agoa das fontes, ou do rio; e isto por rezão das neues continuas, ou por falta de chuua, que naquellas partes he muy pouca; porém em tres meses do anno que as neues faltão, no campo cresce logo a erua, e concorre o gado, que nos de mais tempos anda em outras terras; não ha assucar, nem jagra, nem fruta algũa, nem ortaliça, nem legumes, nem galinhas, e assi do mais; vemlhe porém muito mantimento de fora, assi carne, trigo, arrós, manteiga, não lhe falta. Costumão e dizem os Mouros Queiximiris, que o inferno está debaixo daquela terra, pela grande esterilidade que nella ha.

A gente pella maior parte he bem affeiçoada, valerosa, dada a guerras, em que de contino anda exercitada, e sobre tudo, muito pia, e inclinada ás cousas de nosso Senhor; rezão certas orações, principalmente nas
14, v madrugadas; trazem todos (*)infalivelmente, assi homens, como molheres, como meninos, grandes relicarios de prata, ouro, e cobre; e o que dentro anda por reliquia são certos papeis escritos com palauras santas dos seus liuros, que lhe dão os seus lambás, a quem tem grande respeito; trazem estas reliquias, não ao pescoço, mas a tiracolo; vestemsé de pannos finos de lam, trazem barretes, como os dos nossos soldados, cabayas de differente feitio destas do Indostam,

todos usão de botas muy bem feitas e de muito bom couro.

Os Lambàs são os seus sacerdotes, muitos e em grande numero; hũs viuem em comunidade como os nossos Religiosos, outros em suas casas particulares, como clerigos entre nós; todos porém professão pobreza, e viuem de esmolas; he gente de muito bom viuer, não se casão, ocupãose a maior parte do dia em rezar, e pello menos o fazem pellas manhãas, por espaço de duas horas, e á tarde outro tanto; cantão a nosso modo suauemente, como cantochão entre nós. O pay que tem dous filhos, faz hum desta profissão dos lambàs. O proprio Rey tem hum irmão tambem lambà, com não ter outro; parece gente muito mansa, e até nos seculares se ouuirá raramente hũa palaura mal soante; tem casas de oração, como as nossas Igrejas, mas muito limpas, pintadas pellos tectos e paredes; e com serem em suas pessoas e vestidos pouco limpos, geralmente no que toca ás Igrejas, as tem sobre maneira limpas; as imagens são de ouro, e hũa que vimos em Chaparangue, estaua assentada com as mãos leuantadas; representaua hũa molher, que elles dizem ser a Mãy de Deos; e assi reconhecem o mysterio da Encarnação, dizendo que o Filho de Deos se fez homem; tem mais o mysterio da Santissima Trindade, muy distinto; e dizem que Deos he Trino e Uno; usão de confissão, mas em certos casos sómente com o seu lambà mayor; tem vasos de (*)agoa benta muito limpos, da qual leuão os 15,r
particulares pera sua casa; usão certos lauatorios, que parece representão o sagrado Baptismo; tem a ley dos Mouros por abominauel, e zombão muito da do Gentio; quando hiamos passando o deserto, chegamos a certo lugar, em que estaua hum Pagode, ao qual costumauão os Gentios sacrificar sempre que passão algũs carneiros; e fazem muitas cerimonias, como fizerão quando agora passamos; fingem sempre entre outras

muitas cousas, que sempre nestes actos entra o diabo em algum delles, que lhe faz fazer cousas muito extraordinarias. E esta vez entrou em hum, que tomando hũa espada nas mãos como doudo, daua muitos golpes em si; arremetia a quem achaua; depois se foy carregar de pedras bem de vezes, dizendo que o diabo lhe fazia obrar semelhantes cousas; daua grandes gritos escucumando pella boca. Estiuerão presentes a este acto os dous homens, que el Rey do Tibet nos tinha mandado, e fizerão grandes zombarias das cerimonias dos Gentios, dizendo por muitas vezes, que nellas mostrauão qual era a sua ley; porém os mesmos Tibetenses tem algũas cousas que parecem bem fora de proposito e muito semelhantes ás dos outros Gentios, como a seguinte. Todos os meses se ajuntão os lambàs no primeiro dia, e depois de estarem a maior parte do dia cantando a seus instromentos, ordenão hũa procissão, em que leuão muitas bandeiras, atambores, trombetas; e elles assi ordenados cantando ao som de seus instromentos, saem pella cidade fora, indo no meo desta procissão tres figuras horrendas dos diabos; o fim desta procissão, segundo dizem, he ir lançar fora o diabo, e sombras más, como quem faz exorcismos, pera que não fação aquelle mes mal algum á cidade; pera este efeito leuão estas figuras; depois de feitas algũas cerimonias, tornão pera suas casas muy contentes e seguros, que
15, v naquelle mes não suc(*)cederá cousa de mal algum. Da mesma seita que segue a gente deste Reyno, e da mesma lingoagem, são outros muitos Reynos que se seguem ao diante, que confinão com a China. Estando nós presentes vierão a esta cidade passante de duzentos homens mercadores, com varias cousas da mesma China, que elles dizem comprauão lá em suas terras aos Chinas, e as trazem a vender cá; e vem estas cafilas todos os annos; as fazendas mais ordinarias são algũas sedas grossas, muitas porcelanas, e chá de que ha grande uso no

Tibet, e por isso he carissimo, e outras semelhantes. Pello que sendo esta a calidade da gente e terras do Tibet, e tão estendidos os Reynos, bem se deixa ver quam grande porta nos abrio o Senhor pera a promulgação do seu sagrado Euangelho; e como V. R. e os mais Padres amantissimos dessa India, tem tanto nos olhos e coração o bem das missões, como vemos naquellas, que inda promettem de si menos fruto, como o Massalagem, S. Lourenço, os Rios de Guama, e outras muitas no Sul, onde os Padres não são bem recebidos, antes lançados de fora; com tudo isto instam hũa e outra vez por tornar, passando mil dificuldades, por ganhar algũas almas pera o Ceo, claro fica o muito que V. R. meterá de cabedal pera estroutra missão, que tanto de si promette; tomar pé não duuido que o tome, por meo das oraçoens e sacrificios de V. R., nos quaes e em sua benção muito me encomendo, etc. — Agra 8 de Nouembro de 624.

Antonio de Andrade.

LAUS DEO

LICENÇAS 16, r

Podese imprimir. Lisboa, 22 de Setembro de 626. — *O Bispo Inquisidor Geral.*

Podese imprimir, a 26 de Setembro de 626. — *Eugenio Cabreira.*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio e Ordinario, e não correrá sem ser taxado. Em

Lisboa, a 28 de Setembro de 626. — *D. de Mello.* — *Misquita.*

Está conforme com seu original a 9 de Octubro de 626. — *O Bispo Inquisidor Geral.*

Taxão esta Relação em hum vintem a 19 de Octubro de 626. — *Misquita.* — *Cabral.*

CARTA SEGUNDA

ANNUA DO TIBET DO ANNO DE 1626.

1.ª Via

(*)Muito Reuerendo em Christo Padre
Pax Christi

Nesta pretendo dar a V. P. hũa breue relação desta missão do Thibet em que temos entrado sinco da Companhia; e porque athe gora nada tenho escrito, sobre uarias couzas, que della se podem apontar; diuidirej breue mente a materia desta, em breues capitolos, pera major clareza.

Da entrada que fizemos nestas terras.

Mais de uinte e sinco annos correrão depois que tiuemos as primeiras nouas destas vastissimas nações por uia dos mouros Caxmeris, que ás mais uizinhas do Industane, pouco antes tinhão vindo com suas mercansias, e affirmauão, que o Grão Thibet era todo de Christãos polla semelhança que auia entre os nossos, e seus templos. Por este nome de Thibet grande nomeão os Parçeos estas terras, (a que os Industanes chamão Potente) pera distinção de outro Thibeth pequeno, que córre alem do Reyno de Caxmir, que he todo ia de mouros, os quais sendo ha poucos annos gentios receberão a infame seita. Ouuidas estas nouas, que forão de grande alegria, pretenderão os Padres, que residião na corte del

Rey Mogol, tomar inteira noticia do que na uerdade passaua, e pera isso partio hum Padre do mesmo Caxmir em descobrimento destas nações; forão porem tantas as difficuldades, que se offerecerão na passagem, que não foi possiuel ir muito adiante, particular mente por rezão das grandes neues, que de contino cursão nestes caminhos, e assim foi forçado uoltar pera o Industane.

Depois de alguns annos residindo eu na corte del Rey Mogol, tiue uarias informações desta jornada, assim por uia dos mouros Caxmiris, como de pessoas graues, que della tinhão noticia, e achej que todas conformauão entre sy, pollas quais parecia ser a gente toda Christã, e ter recebida a uerdadejra fee, nos tempos antigos; mas por muito (*)que se desejaua tomar perfeita, e certa noticia, do que auia, não se achaua modo pera passar, particular mente pollas grandes difficuldades que representauão os mouros nesta uiagem. Socedeo pois, que no principio de Abril de 624, partindo me de Agrâ com o Irmão Manoel Marques com intento de assistir a el Rey Mogol, que hia caminhando pera Lahor, oito dias depois de estarmos a caminho encontramos hum grande numero de gentios, que hião em Romaria a hum famoso Pagode por nome Badrý, que está 40 dias de caminho alem do Industane, ao pee de hum grande dezerto, que corre entre elle e o grão Thibet. Vista a occazião, que sem se esperar nos offerecia o Ceo, pera em companhia destes gentios poderemos passar ate o dito Pagode, nos resoluemos a fazer esta jornada em sua companhia, a qual depois de encommendada a nosso Senhor, como podemos nos pozemos a caminho.

Forão uarias, e grandes as difficuldades, que tiuemos no caminho, porque sem embargo de irmos em trajo do Industane, como nos uião de cores differentes nos impedião a passagem os regulos, que senhoreão as serras, que correm entre o Industane e Thibet; o me-

nor destes impedimentos era o caminho aspero e fragoso, sobre quanto se pode encarecer, cheio de grandes riscos nos continuos precipicios, que nelle ha; porem com muj particular fauor do Ceo, se facilitarão todos quantos impedimentos o Diabo inuentou pera impedir esta jornada, e entre todos não foi pera mim o menor adoecerme o Irmão antes de teremos chegado á meyo caminho tão graue mente, que me persuadi, o queria o Ceo leuar pera sy no meyo daquellas serras, em todo o desamparo, que podia ser; porem foi elle seruido, que de repente sarasse no dia, que se esperaua ser o ultimo de sua uida; animados com esta merce de Deos, e com a experiencia, que ia tinhamos da facilidade, com que aplainaua as difficuldades, que se entrepunhão, no tempo, em que parecião ser majores, fizemos o mais do caminho até o Pagode Badry, onde depois de chegados recrecerão mais e mais as difficuldades na passagem até (*)que aplainadas ellas, como podiamos desejar, e chegando ia perto do Thibet, auizamos ao primeiro Rey de nossa chegada; festejoua elle muito e nos mandou receber quatro dias antes ao caminho com mostras de amor, imaginando que eramos merçadores, e que trariamos muitas perolas, e couzas ricas, como lhe tinhão dito os Caxmiris, que estauão na sua primejra cidade, informados de outro que de Badry, onde estaua, passou o deserto em nossa companhia; porem tanto que chegamos a este Chaparangue, que he a sua primejra cidade, e em que elle reside mais de ordinajro, por estar na boca de dous caminhos por onde podem ser entradas suas terras, de dous Rajaz gentios muito poderosos; e sabendo dos seus, que nem eramos mercadores, nem tinhamos o que elle imaginaua, nos mandou fazer varias perguntas sobre nossa vinda a suas terras, tendo nos por alguns dias fechados, como em tronquo, donde não podiamos sahir; por uezes respondi a estes recados, que eu tinha certas couzas graues, que lhe di-

zer, de que elle sem duuida receberia muito gosto, porem que as não diria á outra peçoa, senão a elle, que lhe pedia me fizesse merce de dar audiencia só por espaço de hũa hora, pois só esta queria delle. Passados seis, ou sete dias, mandou dizer, que nos ouuiria; foi o lingoa certo mouro, que ou por medo, que de nossa ficada nesta terra se lhe diminuirião seus proueitos, imaginando que fariamos mercansias como elles, ou por zelo de sua ceita, se ouue de maneira que muito pouco referia ao Rey do que lhe diziamos; mas logo o entendi, e lhe fiz grandes medos, se não referia fiel mente o que se lhe encomendaua. Enfim foi necessario tomar logo por lingoa a hum gentio, que muito nos seruio no tempo que quâ ficamos. Neste primejro dia fomos muj pouco aceitos por cauza do mouro interprete, porem logo adiante se foi o Rey mostrando mais fauorauel, e lhe parecião muito bem as couzas de nossa santa fee, de maneira
4 que em breues dias não se fartaua (*)ia de falar comnosco, e de fazer uarias perguntas acerqua dellas. Como o vi assim entrado, lhe disse, que nós auiamos de uoltar pera o Industane; mas que depressa uoltariamos a suas terras se nos daua licença de prêgar nellas a uerdadeira ley de Deos. Bem sentio o Rey auermolo de deixar, e nós o sentimos muito mais: porem duas rezõis nos forçauão a uoltar ao Industane; a primejra termos vindo sem ordem dos superiores de Goa, por se não poder esperar por ella; a segunda por nos faltar o necessario pera dizer missa, que nos foi tomado nas terras de Xiranagar, por onde passâmos: demos com tudo palaura ao Rey de uoltar o anno seguinte, tanto que as neues dessem lugar, mas com uarias condiçõis. Primejra que teriamos liberdade de prégar a ley de Deos, sem alguem nos ir á mão, que nos daria sitio para Igreja; que não daria credito a Mouros, se de nós lhe dissessem algũas couzas falças, como costumam; que nos não occuparia em fazer uir, e comprar couzas das

nossas terras etc. porque nem eramos, nem sabiamos ser mercadores. Todos estes partidos aceitou muito de boa vontade, e mandou que se firmassem com suas armas como se fez.

Despedidos delle partimos pera o Industane, depois de estarmos nesta cidade uinte e sinco dias, e chegamos á de Agrâ a cabo de sete mezes, que nesta jornada gastamos, e informados os superiores da India do que passaua, e de como não erão estas terras de Christãos, mas que parece o tinhão sido algum hora, assentarão, que eu em companhia de outro Padre voltasse no anno seguinte pera o Thibet, e que tomando mais plena informação, do que a terra podia dar de sy, os auizasse pera prouerem de operarios, como fosse mais conueniente, e gloria do Senhor; assim se fez, e partimos dous Padres de Agrâ em principio de Junho de 625. E posto que tiuemos algũas difficuldades, não forão com tudo como as primeiras, á melhor parte do fatinho, que traziamos nos foi tomado, sem embargo (*)de trazermos tambem carta del Rey Mogol pera os regulos das serras nos darem por ellas passagem pera o Thibet; a cujas terras chegamos no mes de Agosto do mesmo anno de 625. Tanto que teue nouas de nós este bom Rey, foi grande a alegria que recebeo, e nos mandou buscar alguns dias ao caminho. Chegamos a este Chaparangue, mas dahi a tres dias se partio elle pera certa guerra, em que andou mez e meyo; tanto que della uoltou, tratou logo mui de proposito, de saber as couzas de nossa santa fee; mas como ainda não sabiamos nada da lingoa Thibatense, foi necessario esperar athe ter della o cabedal necessario pera o cathequizar. E neste estado o deixaremos athe seu tempo tratando primeiro de outras couzas.

Da qualidade das terras do Thibet, e diuersidade de Reynos que nelle ha.

O Thibet ou Potente, que de ambos estes modos se nomea como ia disse, comprehende o Reyno de Coquê, que he este em que de prezente estamos, o de Ladaca, o de Mariul, o de Rudoc, o de Utsang, e outros dous, que lhe ficão pera o Oriente, e todos estes com o grande Reyno do Sopô, que confina por hũa parte com a China, e por outra com Moscouia, fazem a grão Tartaria. He este imperio do Sopô grandissimo, e segundo dizem tem mais de cem regulos tributarios; o que chamão Catayo não he Reyno particular, mas hũa cidade grande, por nome Katay, cabeça de certa prouincia muj perto da China, de que dizem ser senhor este monarcha dos Sopôs. Em todos estes Reynos corre esta mesma seita Thibatense sem differença algũa de momento, e com pouca na linguagem nos mais delles. He gente polla major parte de boa natureza, pia, e inclinada as couzas da saluação; tem grande auersão e odio á seita Mahometana; não se tem por gentios, e na uerdade são mui differentes de todos aos de que tiuemos noticia ate gora.

6 (*)Mas decendo ao particular deste Reyno em que ia estamos, e que he a porta unica pera todos os demais; ha nelle muitos ecclesiasticos a que chamão Lamaz; os quais se diuidem em dez ou doze sortes, mas todos professão a mesma crensa, posto que em uarios ritos tem differença entre sy. Todos estes Lamaz uiuem sem cazar, e na uerdade a fama de sua uida he mui boa; huns delles uiuem em communidade com superior em seus mostejros; outros em suas cazas particulares; todos porem de esmolas que pedem, e por mais que alguns são ricos, não deixão porem de as pedir, e receber as que lhe dão; sua profissão he rezar grandes lendas, e ler pollo seu liuro; á qual lição tem pera sy ser tão boa como a oração, e este nome lhe dão, e que por ella per-

doa Deos muitos peccados: o trajo he de panos de lan; nesta forma trazem hũa como roupeta nossa, mas sem mangas, e assim os braços andão nuz; polla cinta cingem outro pano, que chega aos pees; a capa he de duas ou tres uaras de comprido, e pouco mais de hũa de largo; todo este trajo he uermelho, soo a capa ou de uermelho, ou de amarello; tem duas sortes de barretes, hum a modo de capello de frade, que so lhe cobre a cabeça e pescoço, e não o peito; outro de que uzão os Lamaz majores sómente, este he da forma de hũa mitra, mas fechado da parte superior.

Varios costumes dos Lamaz.

Tem estes Lamaz uarios costumes, dos quais apontarej breue mente algũs neste lugar. Em certo dia do anno jejuão, e chamão ao tal jejum Nhunâ, que quer dizer jejum de grande aperto, porque nelle não comem mais que hũa so uez, nem bebem o seu Cha, que pera elles he de grande mortificação. Neste dia não falão palaura, que formem com a lingua, mas por assenos se declarão; quando adoecem os animais, como caualos, vacas, e carnejros, etc. hũa casta destes Lamaz rezão sobre os ditos animais certas orações polla menhã e a tarde, mas com os dentes fechados e na mesma forma falão com a gente sem os abrir em quanto dura a doença nos animais. Tem alguns outros dias de jejum, e que chamão Nhenâ, que quer dizer jejum ordinario, neste almoção duas (*)vezes polla menhã; comem ao meyo dia carne, e tudo o mais que tem; da hi por diante comem doce, passas, leite, etc. e tudo em quanta quantidade querem, e achão que jejuão por não comerem carne, mais que hũa so uez; e bebem muitas o seu Cha, como nos outros dias, e dão por rezão, que o beber do Cha muitas vezes he couza muj agradauel a Deos, porque com elle se lhe fazem as linguas mais expeditas e promptas pera rezar. 7

Quando rezão costumão a tanger com trombetas de metal, mas entre ellas, uzão cada dia de outras feitas de braços e pernas de homens mortos; uzão tambem muito de contas feitas de cauejras, e perguntandolhe eu a rezão deste costume, respondeu o Lamâ Irmão del Rey, que uzauão das ditas trombetas quando fazião oração a Deos, pera que ouuindoas a outra gente, viesse em conhecimento do que muito cedo auia de uir a ser, e que polla mesma rezão rezauão por contas de ossos de mortos, e bebião por cauejras como por copos, posto que não tão de ordinajro, pera que não fosse menos frequente a lembrança da morte, que costuma concertar, e ordenar a uida, do que era o rezar pollas contas, que lha representauão de contino trazendoas entrè mãos; e o beber pollas cauejras lhe seruia de gostarem menos das couzas da uida, antes lhe ficauão assim seruindo mais de triaga spiritual pera as almas contra os vicios e paixões da carne, que de sostentação corporal pera os corpos.

Não costuma a gente secular frequentar as suas Igrejas, que quasi sempre estão fechadas, sómente concorre a ellas em dous dias do anno, em que estão abertas, e então as correm tres uezes em roda, e no cabo entrão a fazer reuerencia ás Imagens: os Lamaz as frequentão mais, porque no tempo dos frios por espaço de quatro ou sinco mezes, estão de contino nestes templos rezando hora em huns, hora em outros, por muitas horas, e nelles comem, e dormem; fazem grandes reuerencias neste tempo de sua oração, ajoelhandose (digo debruçando-se) muito a miude: o Canto he bem entoado, mas não aleuantão muito as uozes. No cabo
8 concluem (*)estas suas juntas com disputas solemnes, em que ha presidentes e defendentes, e tratasse sobre as cousas de seu liuro; ellas acabadas se recolhem a suas particulares estancias; mas primeiro fazem uarias dansas polla terra uestidos com Quimões da China, com

coroas na cabeça, toalhas nas mãos, ou campainhas, que tocão todos a compasso. O dansar he muito composto, e modesto; não entrão porem nestas danças, senão alguns Lamaz moços com outros, que aprendem pera o ser. Hũa uez disse eu ao Lamâ Irmão del Rey, que estranhaua entrarem Lamaz em danças ainda que mancebos, e que os nossos erão tão graues, que por nenhum cazo da uida se uerião nelles acção menos composta e indigna de seu estado: respondeu, que os seus Lamaz mancebos naquelle acto erão figura dos Anjos, que por isso leuauão coroas nas cabeças, e trajo differente; e que assim como nós os representauamos cantando e dançando (porque nesta forma os tinha uisto em certo painel do nacimento de Christo Senhor nosso), assim entrauão estes seus Lamaz em figura de Anjos.

Pintão aos Anjos, a que chamão Lâs, de uarias manejras; huns muito fermosos como mancebos; outros em figuras horrendas pelejando contra os demonios; e dizem, que os representão nesta forma, não porque a tenhão; mas pera exprimir os uarios effeitos que tem contra os Espiritos malignos. Crem, que são sem numero, e que todos se reduzem a noue ordens, todos spiritos, sem corpo, huns majores, outros menores. Entre outras pinturas destes Lâs ui por uezes hũa, nesta forma; tinha a figura de mancebo com peito de armas, espada na mão direjta, com que ameaçaua ao diabo que tinha debaxo dos pees, e dizem deste Lâ que he o principal de todos, e grande medianejro entre Deos e os homens. A quem não parecerá ser este Lâ o Archanjo são Miguel, posto que o não pintem com azas e balança na mão? E as noue ordens, ou castas delles, os noue Coros que temos na escritura?

Pouco tempo ha que fui com el Rey a hũa cidade que (*)dista deste Chaparangue meyo dia de caminho, pera uizitar a Raynha sua mãy a primeira uez, a qual tinha uindo a esta terra em Romaria. Ha nesta cidade

muitos templos, e perto de quinhentos Lamaz, porem naquelles dias concorrerão de outras partes, e estauão juntos dous mil; quando chegamos perto, os achamos ia todos esperando a el Rey, postos em ordem, como costumão os nossos religiosos em procissões, occupauão assym em pee hum grande tracto, e os principais com certas insinias nas mãos, cantando a seu modo; logo el Rey se apeou; e sobre hum pano de seda que lhe estenderão diante fez tres reuerencias a toda aquella communidade de Lamaz com a cabeça, e mãos no chão; acabada ella fizerão todos ao Rey seis reuerencias na mesma forma. Este respeito tem os Reys aos seus Lamaz quando estão em forma de communidade, não o tendo nehum aos particulares, saluo ao Lamâ grande cabeça de todos que hora he seu Irmão.

No principio de cada mes fazem os Lamaz certa procissão, em que uão fora da cidade, leuão nella uarias bandeiras negras, e algũas figuras de diabos: dos Lamaz huns leuão toalhas nas mãos, outros certos modos de atambores, a cujo som cantão suas prosas: leua mais cada hum delles hum pano pello rosto que amarrado detras da cabeça lhe fica cobrindo a boca, a fim que por ella lhe não entrem as sombras más, que então uão lançar fora da terra, porque nella não sucedão males, nem desconcertos no tal mes: e depois que estão fora fazem grandes esconjurações contra os espiritos malignos, e se tornão a recolher. Da mesma maneira no principio de cada mes poem uarias bandeiras em certa casa que está no alto deste monte dedicada ao Lâ padroeiro, cercãona toda de espadas, escudos, peitos, murriões, etc. e no alto della tangem trombetas, bradando pello Lâ, repetindo por muitas uezes estas pallauras Sango, Sango, perfumão a casa de contino, e no cabo de tudo deitão do alto della pera baixo certa offerta de pão amassado com manteiga, que tinhão offerecida ao Lâ em sinal de execração; os pobres a reco-

lhem, e fazem esta cerimonia, (*)pera que o Lâ lhes dê uitoria contra os inimigos. Tambem no principio de cada mes uão certos Lamás incensando as casas do Rey inuocando muitas uezes ao Lâ, pera que nellas não entre mal nenhum. Doutra cerimonia uzão algũas uezes entre anno, e he que certos Lamâs benzem agoa, sobre que rezão por grande espaço o seu liuro, e lhe dejtão dentro coral, ouro, e grãos de arros; e depois disto feito, a uão lançando pollas cazas, como nós agoa benta, e dizem que os diabos não podem empêcer a quem nas ditas cazas uiuer. Socedeo que adoecendo eu em hũas em que primejro estaua por serem muj expostas ao frio, me quis este bom Rey leuar pera as suas dandome nellas bõa parte; não consenti neste offerecimento por mais instancias que me fez, e deixo as cauzas, porque facilmente se deixão uer. Disseme então, que junto das suas, pera as quais eu não queria ir, estauão as de seu pay muito boas, e abrigadas do frio; porem que não ouzaua a mas offerecer, porque se tinha por certo andarem os diabos nellas, de maneira auia ia annos estauão sem gente, e só estauão ocupadas com fato; a isto lhe respondi, que se dellas me fazia merce, me passaria logo pera lá, e que dos diabos não auia que ter medo; pois onde estaua a Santa Crux, não tinhão elles lugar, e fogião della muito longe. Ainda arreceaua de mas dar temendome alguma desgraça, mas depois de o assegurar deste ponto as mandou despejar; e uendo que uiuiamos nellas com muita quietação e segurança sem sombra algũa das molestias antigas, disse a muitos dos seus Lamaz o seguinte: Vós andais lançando da uossa agoa santa pollas cazas, prêgoando della grandes uirtudes, mas nunca lhe achamos algũa pera deitar fora e impedir, que os diabos não entrassem em tais casas, fálando daquellas em que estauamos; e o Padre tanto que entrou nellas, não ouue mais diabos, ou sombras más; o certo he que a uossa agoa

benta, tem pouca differença da que corre lá por aquelle rio.

Quando tiue nouas dos Padres que este anno uierão pera quâ, os fui receber alguns dias ao caminho; antes de os encontrar, chegamos a certa serra, no alto da qual estaua hum monte de pedras com frechas e bandeirinhas em syma, como costumão em muitas partes; disserão os que me acompanhauão, que era necessario
11 offerecer algũa (*)quantidade de ouro ou outra couza ao Lâ daquella serra, pera que nos desse bom dia, porque estaua mais carregado pera chouer; respondilhes, que chouer, ou não chouer dependia de Deos somente, e assim que eu não offereceria nada ao Lâ, mas que estaua confiado que o Senhor nos daria bom tempo. Embora, Padre, dizem elles, mas uos uereis quanta neue, e agoa, hoie choue sobre nós; passamos a serra sem chuva, e sem neue, antes com muito bom tempo, atribuindo elles tudo ao santo liuro que eu leuaua, que por este nome chamão ao breuiario.

Cada anno em certo dia trazem os lauradores algũas uacas pretas, carnejros, e cauallos da mesma cor, e juntos muitos Lamaz, lhe fazem muitas cerimonias, rezando sobre os tais animais, e incensandoos muitas uezes; e perguntando eu a rezão, me disserão, que os diabos gostauão muito de uiuer naquelles animais tão negros, e pera não entrarem nelles lhes faziam as tais cerimonias, com que ficauão sem poder algum de lhes fazer mal. Ha entre estes Lamaz muitos, que são tidos em grande respeito, particular mente se tem ido a Vtsang; a todos estes quando passão pollas ruas concorre a gente secular desbarretada, e com as cabeças baixas, sobre as quais lhe poem os Lamaz as mãos, e crem todos, que com isso ganhão perdõis. Certo dia perguntei a algũs delles diante do Rey, e Raynha, que uirtude tinhão as suas mãos postas sobre as cabeças da gente, e quem lha communicara, pois sendo hoie secu-

lares, e uestindo o habito de Lamaz, logo ao outro dia punhão as mãos sobre as cabeças do pouo; não sabião responder, e o Rey os apertaua que dessem rezão de quem lhe santificára as mãos, e da uirtude que de nouo nellas tinhão pera dar predõis.

Tambem costumam curar os doentes assoprando muitas uezes, e muito rijo sobre a parte enferma, e rezão algũas oraçõis, entre outras ui hũa uez a hum dando estes assopros, e porque o Rey o uio tambem, fiz que o chamassem, e lhe perguntei de que seruião os assopros, pois não erão mezinha, nem tinhão em sy força pera dar saude: as palauras, digo, que uos rezais, se forem santas e de Deos, (*)poderão ser de effeito 12
pera Deos communicar saude ao enfermo; mas dos assopros, que rezão me dais? Não soube elle que responder mais que ser costume dos Lamâs curarem nesta forma aos enfermos; acodio então o Rey zombando, e dizendo assoprão pera curarem (dizem os nossos Lamâs) porque como com a boca rezão muito fica ella santificada pera estas obras. Todas as uezes que hão de cometter algũa cousa difficultosa, ou que desejão saber, o que passa em lugares distantes, consultão a estes Lamâs, e he isto tão ordinario, e recebido, que até este Rey com dar muito pouco credito a seus ditos, e a nós grande no que lhe dizemos, e estar informado da pouca força, que tem a concurrencia dos Planetas, e respondencia das letras, e figuras, que applicão pera saberem o que ha de uir, que não depende de cauzas naturais, contudo neste particular rara mente os deixa de consultar. Socedeo hũa uez, que desejando elle saber o que tinha socedido ao seu exercito, que tinha mandado a certa empreza, mandou chamar a hum Lamâ, que aqui tem grande credito de letrado, e bom homem, e na uerdade parece tal; fez elle suas figuras, e tirou dellas, que tal dia vencera o exercito del Rey ao contrario; e uinha ja por caminho com muitas prezas; eu

que ui a segurança com que o Lamâ falaua, fiz hũa pratica a el Rey mostrandolhe a falcidade do que se lhe dizia; e como o dito Lamâ não podia saber o que passaua, pollas figuras e letras de que usaua, saluo por feitiçaria e consulta do diabo, e isso ainda em couzas que estauão ia extra cauzas. Respondeo o Lamâ que elle não uzaua, nem sabia de feitiçarias, nem consultaua o diabo, (o que tudo he mui abominado nesta terra), mas que so se gouernaua pollo que dizia o seu liuro, e que se o que então dizia não era uerdade, o não era tambem o liuro por onde o lia; socedeo pois, que em breues dias chegou noua certa do que passaua no arraial, e foi que nunca se tinha encontrado com o imigo, antes se andaua desuiando por ser mui inferior no poder; ficou com esta noua o Rey mui triste dizendo mil males dos seus Lamaz, que não sabião mais que enganar o pouo com estes ditos, pera se autorizarem, e receberem delle esmolas.

13 (*)Os juramentos de que uzão pera saberem da uerdade he sobre imagens, que dizem serem de Deos, feitas de barro, e pó de ossos de mortos, e dizem que o fazem, pera que os que juram se lembrem que hão de morrer, e dar conta a Deos sobre cuja imagem jurão se o não fizerem com toda a uerdade; deste modo de juramento tem grande medo, e contão uarios cazos e desastres, que aos quebrantadores delle tem socedido. Quando lhe morrem os parentes mais chegados uzão de certo dôo, que he uirarem os uestidos com o de dentro pera fora; não uzão de barretes, destranção os cabellos, e os trazem assim soltos, e descompostos por espaço de hum anno. Os corpos dos defuntos no que toca á sepultura pertence aos Lamaz, os quais segundo a estrella em que morrerão lhe dão a sepultura que achão ser mais conueniente; e esta he em tres manejras, a huns enterrão como nós, e se são gente graue uzão de pyramides altas, e fermozas nos lugares das

sepulturas com remates dourados, que parecem muito bem. Outros queimão, e das cinzas misturadas com barro fazem as imagens em que jurão como ia disse; outros leuão os Lamaz a certa parte alguns dias de caminho, e os lanção a hum genero de passaros brancos, do tamanho de grous; e estes são os mais ditosos. Este he o modo de que uzão em sepultar os que morrem se uiuerão bem, e sem escandalo; porem se a uida foi roim, e como não conuinha, despedação o corpo do defunto, e o botão aos cãis, com que atemorizão o pouo grande mente.

Quando adoecem costumão os fizicos, que polla major parte são Lamâs, acabando de vizitar o enfermo, fazer certo modo de comer de farinha e mantega em mui pequena quantidade, o qual offerecem ao diabo, pera que não faça mal ao doente, nem lhe impida a saude; tem pera sy que ha certo genero de diabos, que andão diuididos pollas serras mais uizinhas ás cidades, e que estes fazem adoecer a gente, pollo que lhes offerecem o que ia disse pera os contentar.

(*) Hũa uez estando este Rey mal disposto uzou hum 14
Lamâ seu phizico desta cerimonia; pergunteilhe então porque fazia aquella offerta ao diabo, sendo tão grande peccado. Respondeu que pera o contentar, e não uir mal ao doente; pois digo, o diabo pode fazer mal, ou bem, sem ordem de Deos e contra sua uontade? Respondeu, que não; pois logo que monta contentardelo, ou não com a tal offerta, pois de qualquer maneira fica impossibilitado pera uos empêcer ou fazer bem. Alem disto, se elle tem tanta força, e he tão senhor que pode fazer os bens ou males, que dizeis, como se satisfaz com tão pouca couza como he o comer de um gato, ou rato? Mais se o diabo he espirito como pode comer o que lhe offereceis? Vistes algũa hora, de quantas lhe destes de comer, que algũa o recebesse: não he certo, que assim está e estará a tal iguaria sem elle a uir bus-

car, pois pera que uos deixais leuar de hũa ignorancia, e cegueira tão crassa? El Rey instaua a que me respondesse o fizico ao que lhe eu perguntaua, mas como não tiuesse rezão que dar, respondeu, que este era o costume dos seus Lamás, mas que eu tinha rezão. Sim tem, diz el Rey, e he mais claro, que a luz do sol o que o Padre diz, pollo que nunca mais uzeis em minha caza de tal offerta ao diabo; lá por fora se o fizerdes dareis conta a Deos se o fizerdes. Por rezão deste medo que tem do diabo poem aos mininos quando nacem uarios nomes baixos desta maneira. Se a hum pay lhe morre o primeiro ou segundo filho, dizem os Lamãs, que o diabo lhos mata, e assim aos filhos, que se seguem poem nomes baixos, como de cãis, ratos, ferrejros (que quá he gente baixa), de ventos frios, etc. E dão esta rezão, que o diabo uendo nos tais mininos nomes tão baixos, faz pouco cazo delles como de couza que pouco importa, e assim os não mata; e he este medo tão uniuersal, que por elle tem muita gente os nomes, que assima disse. Hũa uez fiz a pergunta seguinte a hum Lamã principal, estando (*)prezentes outros muitos: Quando o diabo mata os mininos como uós dizeis, que pretende nisso? fazer mal ao minino por ser quem he, ou fazer mal ao nome que tem? Respondeu, que fazer mal ao minino; pois logo o nome alto, ou baixo pouco importa pera o intento do diabo; nem os nomes fazem altos ou baixos a quem os tem; alem disto por uentura aquelles a que pondes nomes baixos, nenhuns morrem em mininos; todos uiuem? Respondeu que huns morrião, outros uiuião; pois logo, digo, de que seruem os nomes baixos, se tanto morrem assim como assim. A doutrina que sobre isto lhes dei, lhes pareceo muito bem, e acrecentou hum dos prezentes: Padre, nós não fazemos discurso nestas e em outras couzas semelhantes, que se o fizeramos, sem falta cahiriamos em muitas ignorancias, que temos.

Fazem grande cazo, e estimão muito, antes o tem por sinal euidente da saluação, se quando morrem os seus Lamâs ficão os corpos assentados sem cahir: sobre o que se deue aduirtir que as camas ordinarias dos Lamâs he hum modo de colchão que tem de grossura dous ou tres dedos, de comprimento e largo só tres palmos; e assim o seu dormir he estarem assentados nestas caminhas sem nunca se estenderem, donde quando morrem na mesma forma estão assentados; pollo que se os corpos ficão direitos sem cahirem pera hũa nem outra banda, he grande sinal da bondade, e grande uirtude do defunto; e em muitos acontece ficarem assim direitos; e tenho por certo soceder isto polla rezão seguinte: Em seis ou sete mezes são os frios grandes nesta terra, não tanto por rezão da altura em que está, que he soo de trinta e hum pera trinta e dous graos pera o norte, quanto pollas muitas e altas serras de que por todas as partes está rodeada, em que a neue dura todo o anno sem nunca se acabar; de maneira que ainda pera dizer missa temos trabalho pera conseruar o uinho que se não congele, e costumamos aquentalo antes de fazer o calix; polla mesma rezão do frio grande, costuma esta gente matar os carneiros e uacas em principio de nouembro pera os sete mezes seguintes, em que o gado por não ter pasto emmagresse notauel mente; e esta carne assim morta, sem lhe deitar sal algum nem pôr ao fumo nem fazer outra couza, se conserua todos os sete mezes, e todo o anno sem sombra de corrupção algũa congelandose toda por (*)dentro nos neruos e ueas, conuertendose a humidade 16
que nella ha em caramello com que fica muito teza. E esta mesma parece ser a cauza de alguns dos seus Lamâs ficarem assentados sem cahirem pera nenhũa parte ficando os corpos entezados com frio, e sem se corromperem, do que elles fazem tanto cazo, e tirão tantas conjecturas de sua uirtude e santidade.

Algũas disputas com os Lamâs.

Não se pode encarecer a Vossa Paternidade o grande amor, e respeito que nos tem estes bons Reys, e as praticas que de contino ha sobre nós em grande credito da fée, e nosso, e em grande menos cabo dos seus Lamâs: tanta affeição mostrou sempre a ley de Nosso Senhor, e tão pouca a sua seita, que ia o tinhão todos mais por christão, que por professor della. Não ha neste Reyno pessoa a quem el Rey e Rainha tenhão egual respeito como a nós, tirando ao Lamâ seu Irmão. Menos ha de dous mezes, que uindo el Rey de fora, e em sua companhia, porque o fui receber ao caminho, quando foi á noite, posto que auia outras tendas de campo, quiz que eu ficasse dentro da sua propria, pera que mandou deitar pollo meyo hũa diuizão, com que elle ficou com a metade, e eu com a outra, o que não pude deixar de asseitar por mais, que o recuzej, e com tudo estando em sua companhia o principe de Ladaca, que he outro Reyno, e outras pessoas das mais graues deste, nem por pensamento lhe passou fazerlhe esta honra; porem major foi a que se seguio logo ao outro dia. Vinhamos ia perto desta cidade, donde o sahio a receber a mais da gente, sahio tambem pera o mesmo o principe seu filho, e a Raynha uelha molher de seu auô; he costume nestes encontros assentarse el Rey ficando toda a mais gente em pée, como se fez neste, assentouse elle em hũa alcatifa, e mandou assentar o principe, e logo a mim a sua mão direjta, o que não fiz, dizendolhe a Raynha está em pée, não parece conueniente, que eu me assente. Respondeu assentaiuos, que uos sois Padre, e pay nosso, e ella não; e como ainda eu repugnasse a mandou assentar a ella, e então eu me assentej tambem; destes cazos podera apontar muitos, e não acabaria nunca, se o quizesse fazer dos mimos, que cada dia me faz e a Raynha tão bem.
17 Quando uem (*)a nossa cãza o que faz muitas uezes,

não indo a nenhũa outra, o primejro caminho he a Igreja a fazer oração, no principio da qual se debruça tres uezes adorando as sagradas Imagens, e não se farta de perguntar pollas couzas de nossa santa fee; o mal he, que lhes não posso ainda declarar como conuem, porem muitas uézes me tem dito, que em sendo cathequizado bastante mente se ha de fazer christão. Vendo pois estes Lamâs, que são os seus ecclesiasticos, e podem tudo com a gente secular como ia escreui, que elle, e a Raynha dauão tanto por nossas couzas, e que lhe faltaua muito pouco pera deixarem sua seita, e tomarem nossa Santa Ley, feitos em corpo, tratarão com os Lamas majores, tio e Irmão do mesmo Rey este ponto com intento de atalhar estes bons desejos, temendo que em se fazendo elle christão, ficarião elles perdidos, e sem o remedio que agora tem uiuendo de cantar e tanger nos seus templos, e proposerão aos dous majores os inconuenientes, que disto podiaõ soceder, e o menos credito que a elles ambos redundaua, se com a chegada de hum estrangeiro a esta terra dentro em sinco ou seis mezes deixasse el Rey a ley de seus auós, e tomasse a nossa. Tratando pois o tio, e Irmão com elle este ponto, pretenderão meterlhe grandes medos, e entroutros, que sem duuida punha seu estado em euidente perigo, pois estando actual mente como estaua em guerra com tres regulos, daua de nouo occazião a se leuantarem estes Lamâs, que como são muitos e podem com o pouo quanto querem, seria facil auer desconcertos grandes; e a este tom lhe disserão tantas couzas que seria muj largo referillas. Porem uendo, que el Rey nem comtudo isto se dobraua, antes lhes respondeu zombando delles, que em se fazendo christão não auia que ter medos, nem arreceos, pois ficaua então tendo a Deos de sua parte; uzarão de outra inuenção mais diabolica, e foi persuadiremlhe, que se ocupasse alguns dias em ler seus liuros, dos quais poderia

uir em conhecimento do que deuia fazer, acerqua de mudar ou não sua seita, porque não conuem, dizem, que em materia de tanto porte, uos ajais senhor com tanta facilidade. Ponderai deuagar o que fazeis, pois alem de assim o pedir toda boa rezão, pedeo sobretudo
18 a obrigação que temos (*)a Deos e a nossas consciencias, e não queirais parecer arremeçado, e que uos tenhão os homens por menos considerado, do que sois, nem a nós, que somos uosso sangue nos estará bem deixaruos pricipitar em materias que ambos entendemos, e em que nos deuieis dar intejro credito. Não he de uossa profissão saber o que em ponto de religião, e saluação temos obrigação de seguir, da nossa sim, e a nós pertence declararuos a uerdade, do que nisto passa, e ia deueis estar bem intejrado, que zelamos só uosso bem. Tanto lhe souberão dizer, que o persuadirão a deixar sua caza, e se ir pera a do Lamâ seu Irmão, e lá o tiuerão mais de dous mezes, estando de contino com elle alem do dito Irmão, outros dos seus mais letrados, buscandolhe e dandolhe a ler lugares uarios de seus liuros, que mais fazião pera seu intento. Em todo este tempo só duas uezes ueyo a sua caza, mas de maneira que nem dormio nella, uoltando logo pera a do Irmão. Bem entendi a traça do demonio por meyo destes seus instrumentos os Lamâs, e o perigo em que o bom Rey estaua de ser enganado. E pera que o diabo não saisse com seu intento, offereci ao Ceo todas as missas, pera que o Senhor tiuesse por bem de aceitar o presso dellas em troco do remedio deste arriscado Rey, e não senti pouca confiança no sangue de Jesu Christo, e nos rogos de alguns innocentes que aqui tenho, ajuntamos jejuns, e algũas outras deuações. Neste tempo tratej de uizitar o mesmo Rey, e mui de proposito armej questõis com os seus Lamâs diante delle, pera que uendo sua ignorancia lhe ficassem seruindo de lasso a elles mesmos, e de meyo pera o Rey

se liurar melhor do que lhe armauão. Em todas estas disputas ficarão sempre corridos, e enuergonhados, e quando mais não sabião, dauão em zombar, mas tudo isto lhe arguia diante do mesmo Rey. Por muitas uezes tendo entrado em disputas fingirão, e tratarão uarias couzas pera o diuirtir; outras uzauão na practica de palauras, que eu não podesse entender, e como de feito as não entendia, ajuntauão que era necessario primeiro saber a lingoa thibatense, e então ficarião elles, e eu satisfeitos. Seria mui largo referir a V. P. o socedido nestas praticas; só direj algũa couza do que passamos em tres dellas, foi a primejra sobre este ponto. Que couza era Deos; dizem elles que Deos he trino, e uno, porem no modo de explicar ajuntão couzas (*)ridiculas. Chamão a Deus, Lamâ conjoe, que he como a primejra pessoa; a segunda Chô conjoe, que quer dizer Liuro grande; a terceira Sanguyâ conjoe, que quer dizer, uer, e amar na gloria; perguntej se esta segunda pessoa, que chamão Chô conjoe, Liuro grande de Deos, era o liuro por onde lião, e que trazião entre mãos, responderão que sim. Pois, digo, este liuro que aqui tendes, e está emburilhado neste pano he Deos? Como pode ser se elle não tem uida, e he como hũa pedra ou pao, e se o botardes na agoa ou fogo se desfará breue mente, sendo Deus uiuo, eterno e inmutauel? Mais a este fez o escriuão que o escreueo, e não consta de outra cousa, que de papel e tinta, sendo Deos o que tem de sy o ser, e o dá a todas as couzas; nem este que me pode fazer de mal, ou de bem, pois não tem sentido, nem poder, botado no caxão, ahi está e estará sem bolir consigo, em quanto uós não bolirdes, sendo Deos uiuo, eterno, que a tudo está prezente, tudo entende, e gouerna, e tudo socede por ordem e governo seu. Ficarão olhando huns pera os outros sem saberem que responder; e não estranhe V. P. estas rezõis e outras de uarias materias, que adiante aponta-

rej; porque pera esta gente as palpaueis, e ordinarias são as melhores pera os persuadir, e conuencer, que outras theologicas, e especulatiuas, nem as entendem, nem lhe armão seus termos, porque sabem muito pouco; uendoos assim sospensos lhes declarej, que couza era Deos trino, e uno, pollo melhor modo que me foi possiuel, pois ainda não achej nesta lingoa uarias palauras necessarias como pessoa, natureza, processão, fee, graça, etc. e lhe disse, que o seu Chô conjoe era o filho de Deos, que era liuro; eterno, nacido do entendimento do eterno Padre, e que esta palaura e liuro era uiuo, e não morto e sem sentido, como a elles fazião; que as palauras, que estauão no liuro escriptas, erão differentes destoutra, e que a esta chamauamos filho de Deos, e tambem liuro com elles, em que o mesmo Deos se tinha escrito, e dibuxado a sy mesmo; e descendo mais ao particular, lhe declarej, como esta palaura eterna o filho de Deos se fizera homem, morrera por nós, subira aos Ceos etc. Elles dizem o mesmo, mas com muitos erros de mistura. Quanto a terceira pessoa, a que chamam Sanguiâ conjoe .s. uer e amar na gloria, lhe declarej como era o diuino spirito, que procedia de ambas as primeiras pessoas amando infinitamente entre sy, iguais em tudo, poder, (*) saber, e eternidade, etc. Porem tudo muito somenos do que deuia ser por me faltar o cabedal necessario pera semelhantes materias, que requerem perfeito saber na lingoa; bastou porem o que ouuirão pera ficarem admirados, e lhe parecerem estas couzas muito bem; no modo da morte do filho de Deos tem algũas couzas differentes, dizem que morreu dando o sangue, que a força de pregos mettidos pollo corpo sahia delle; porem da Santa Cruz pouco ou nada sabem; he uerdade que no seu liuro está, e a pintão tambem com hum triangulo no meyo e certas letras misteriosas de que elles não sabem dar rezão. Nesta cidade residem tres ou quatro ho-

mens, que são ourioeis deste Rey, porem naturais de outras terras de que são senhores outros dous Reys cada hum delles mayor que este, segundo dizem; e que professão esta mesma seita. Estes ourioeis, fazendome aqui hũa crus, affirmarão que hauia muitas nas suas terras, que distão destas dous mezes de caminho; e acresentarão que as fazião muito grandes, hũas de madeira, outras de varios metais as quais tinhão dentro das suas igrejas; e que em sinco dias do anno as aruorauão nos caminhos, ás quais concorria toda a gente, e lhe fazião grandes adorações, offerecião flores, e acendião muitas lampadas, e que se chamaua a dita Crus em sua lingoa I amdar. Eu pera mais me certificar do que dizião os fiz chamar diante deste Rey, e Raynha, em cuja presença lhe fiz a sobredita pergunta; dizendolhe que tendo respeito aos Reys em cuja presença estauão, dissessem na verdade o que auia nesta materia; todos elles retificarão com muitas asseuerações o que tinhão dito.

A segunda pratica que tiue com os Lamâs foi sobre a transmigração das almas; dizem que dos homens huns são muito bons, e sem peccado, estes morrendo se uão direitos ao Ceo; outros muito maos, e cheyos de uicios, e peccados, se uão ao Inferno; porem que ha outros entre estas duas sortes, que fazem peccados, mas que tambem fazem boas obras, e que estes morrendo tornão suas almas a entrar em corpos de outros animais. Perguntejlhe se entrauão em todos os animais, elefantes, bois, leões, tigres, e se tambem em moscas, formigas, e outros desta qualidade. Responderão que sim, que em toda a sorte de uiuente segundo a qualidade das culpas que tinhão feito, os muito peccadores em animais peores, como tigres, cobras, ratos; os (*)me- 21
lhores nos animais de mais estima, como em corpos de homens etc. e junta mente segundo os estados, que antes tiuerão, v. g. os Reys tornauão a ser Reys, os La-

mâs, lamâs, os pobres, pobres, os ricos, ricos, como as contas infiadas no cordão circular, que se uão socedendo hũas as outras in infinitum, sendo sempre as mesmas; isto ouuido, perguntej pera que tornauão a nacer nesta forma, e junta mente se destes tornando a morrer hião alguns ao Ceo; responderão que os muito maos ainda, que do Inferno tornauão á uida, era depois de muitas centenas de annos la penarem, porem que os outros tornauão muitas uezes, pera que fazendo mais peccados se fossem ao Inferno a penar; perguntej no terceiro lugar se todos nós tinhamos ia nacido outras uezes, e parecia que sim, pois Deos, segundo dizião, não criaua de nouo, mas aquella criação que no principio fez, se hia renouando ou reuezando de huns em outros como tinhão dito. Derão por reposta que assim era. Ora uede agora, digo, quam euidentemente estais enganados; primejra mente se Deus tornasse a introduzir as almas em outros corpos afim de fazerem mais peccados, e se irem ao Inferno, elle se poderia chamar causa primeira, e autor dos tais peccados, e em Deos nem sombra delles pode auer; e que culpa tem nos peccados aquelles que, afim só de os fazerem Deus fez de tal qualidade! Mais se os que tornão a uida são pera fazerem mais peccados, e se irem ao Inferno outra uez, e nehuns ao Ceo; logo dos que agora uiuem nenhuns podem ir ao Ceo, pois conforme ao que tendes dito, todos temos nacido ia outras uezes, e agora uiuemos pera fazermos mais peccados, e na morte irmos ao Inferno, ou tornarmos a uida a nacermos em outros corpos; porem eu ouçouos cada hora dizer, que esperais de ir ao Ceo, e que os Lamâs em morrendo quasi todos vão ao Ceo; e assim aconselhais aos seculares que morrem, que fação grandes esmolas aos Lamâs, porque fazendoas se saluem, e a esta conta lhe dizeis que as fação grandes, ainda que fiquem seus filhos sem nada, a conta de segurarem a saluação; logo ou lhe

não falais verdade, e os enganais, ou podem elles ir ao Ceo se fizerem o que conuem. Responderão que alguns hião ao Ceo, mas poucos, e que os que tinhão ido ao Inferno (*)ia não tinhão esperança de tornar lá. Digo 22
mais se quando morremos entrão nossas almas nos animais pera fazerem mais peccados; logo ha nelles perfeito conhecimento pera discernirem que fazem mal ou bem quando obrão, pois não pode auer peccado, aonde não ha conhecimento do mal que se poem por obra. Respondeu hum que auia pouco tinha chegado de Usang, (que como ia escreui he cabeça, e como vniuersidade onde se uão graduar e aprender, e os que della uem, depois de alguns annos são os estimados e tidos por sabios) disse este, que os animais todos entendião, e que por isso peccauão como o tigre, quando mataua o carnejro, o gato ao rato, o mosquito ou mosca quando mordião etc.; e que bem se uia ser isto assim, pois trazendo o comer ao caualo, logo acodia, mostrando a erua uerde ao carnejro uinha correndo, e por outra parte fogia o passaro por temor de lhe fazerem mal, e outros animais dos desconhecidos, por entenderem o mal que lhe podia uir delles; e que isto não podia ser sem entenderem; e assim quem tinha entendimento pera estas operações, não lhe faltaria pera poder peccar ou não. Quando ui este discurso tão fora do que deuia ser, me pareceo fazerlhe outro, que dissesse com semelhantes entendimentos. Pois, digo, se isso he entender nos animais, e elles tem capacidade pera poder peccar, porque não lanção mão das pedras preciosas, do ouro, da prata, das peças mais ricas, e preciosas, antes deixando tudo isto arremetem a erua que tem diante, ainda quando a fome os não aperta? Porque fazem operações diante dos homens, que se as fizera qualquer delles fora tido por mais que doudo, porque se não pejão dellas? E porque lhas não estranhamos, sem falta, porque uemos serem brutos como são, e in-

capazes de entenderem o que conuem, e pede o juizo. Mais como podem ter entendimento pera o que dizeis, e que não tenhão memoria pera se lembrar do que fizerão outras uezes, quando andarão cá na uida. Se el Rey, que aqui está presente, ja ueyo outras uezes ao mundo, porque se não lembra em que animal apareceo, e de algũa das couzas, que então fez, ou elle, ou outros, e de algum successo daquelle tempo, dos com que uiueo, dos filhos, ou pays, que então teue; e deuia de se lembrar, pois a memoria he potencia da alma, que sempre em toda a parte a acompanha. Alem disto tanto que aqui morre hum em Chaparangue, onde uai buscar o corpo em que ha de entrar, como o acha logo
23 prestes e (*)aparelhado; e se isto se faz por uirtude e força de Deos, porque não direis antes, que quando se forma o homem cria Deos sua alma de nouo, pois lhe he tão facil como tornarla a meter em outro corpo. Como pode caber em nehum entendimento que Deos misericordiosissimo, que pera dar remedio a nossos peccados fez seu filho homem, e que morresse por nós todos a força de tantos tormentos; ande por outra parte metendo as almas dos que morrem em uarios corpos, pera os lançar no inferno carregados de mais peccados, e obrigados a maiores tormentos. Neste ponto foj hum largo discurso; mas o que por remate de tudo se colheu, foi responderem a el Rey, que os apertaua com estas, e outras rezões, que eu tinha rezão, mas que o seu liuro dizia que as almas tornauão cá outra vez; e que o liuro não podia ser errado. Estâ bem, digo, se o uosso liuro isso diz sendo tanto contra o entendimento, logo deueis de crer que não he de Deos, porque o liuro de Deos não contem nem ensina couzas contra a rezão; e se este uosso algũa hora foi liuro de Deos, agora uaj fora de caminho; sem duuida muitas couzas destas se uos pegarão dos gentios uizinhos, porque elles dizem que ha esta transmigração das almas pera uarios

corpos como uos, e que matar animais he peccado; e tudo se uos pegou delles, porem com esta differença, que elles assim como tem por peccado matarem animais, assim crem que comerem a carne o he tambem; mas uós discrepais, porque tendo o primeiro por peccado, comeis a carne sem escrupulo; achando que o peccado fica so com o criado, que matou o tal animal pera uolo dar a comer, como se não fosse igual peccado o do senhor quando o manda fazer, que o do criado pondoo por obra; hũa couza sinto daqui muito, e he que uós os Lamâs sois occazião de se fazerem immensos peccados, porque não o sendo matar animais, fazeis crer que o he, e por conseguinte, que pequem os que tal fazem, pois sem embargo de cuidarem, que he peccado matar animais, o não deixão de fazer pera comerem. Deos nosso Senhor todas estas cousas criou pera ô homem, e lhe deu poder pera uzar dellas; assim como criou ao mesmo homem pera o Ceo. E como podeis crer, que carreguem tantos peccados sobre el Rey, que estâ prezente quantas são as uacas e carneiros que se matão em sua caza, em que (*)elle consente; isto he conuerter em peçonha mortal as merces de Deus, mas não ha que espantar pois tambem dizeis que ir o Rey á guerra ou mandando sua gente, pera se defender de quem lhe entrar as terras he peccado, e quereis, que se deixe estar com as mãos amarradas, ou que lhas uenhão amarrar, sem elle as bolir. Festejou elle este modo de fallar, e disse aos que estauão presentes, que bruto se deuia chamar quem tal dissesse, e que o Padre em tudo o que tinha dito tinha muita rezão. Forão uarias as praticas desta materia, e de outras semelhantes; e el Rey tornou a sua caza tão affeiçoado a nossas cousas, como primeiro, zombando e menos cabando em publico os custumes e ritos dos seus Lamâs; principalmente referia algũas couzas, que eu tinha dito aserca delles, como estas que contarej.

(*) 24

Perguntei ao Rey hũa uez que fazião os seus Lamás pera alcansar o Ceo; respondeume, uós não o uedes; rezão, e dizem que jejuão, mas o seu jejum he pera engordarem: está bem, senhor, repliquei eu, he bem que pondereis a forma de sua reza, e das obras que fazem, e por ellas podereis entender qual seia o seu liuro, que tal insina; uós não uedes, que quando rezão parecem cegos, contando grandes lendas, diuirtindosse pera uarias couzas sem consideração algũa que fallão com Deos, e cometendo mil descortezias; pois o seu jejum não que he so de nome e zombaria, almoçando duas uezes muito bem polla menhã, e commendo ao meyo dia carne, e outras couzas athe não poder mais, e a tarde fruta, nozes, passas, doce, e outras couzas, bebem leite, daim, etc. e no cabo achão ser jejum, que quer isto dizer? Jejum pera que se coma? claro está que pera hum homem ter fome, fraqueza, e assim satisfazer pollos peccados feitos, como pera se armar contra outros enfraquecendo a carne que he fonte delles: fazem grande fundamento em trazerem ao hombro hum certo pano com uarias listras por ser uestido do filho de Deos, como elles dizem, e de trazerem á ilharga hum frasquinho de agoa pera enxaguarem a boca quando comem, ou bebem Cha, e descalsarem as botas pera o mesmo, e cuidão que com isto uão ao Ceo muito direitos sem tratarem do arrependimento dos peccados, e de fazerem boas obras; não uedes senhor, o engano em que uiuem! Sim uejo respondeo elle, antes uos digo que uzão de mil traças, e modos pera uiuerem á larga como (*)uiuem, sustentandosse do trabalho da outra gente. Esta practica repetio elle por uezes em publico, e outra historia que em sua presença passou, e he a seguinte. Perguntei a hum seu Lamâ, que remedio tinha hum homem pera se pôr bem com Deos depois de peccar; respondeu que dizer estas palauras: Óm máni patmeónri; e que com as dizer por mais peccados que hum homem

fizesse hia ao Ceo. Se assim he, digo, tomaj essa faca que tendes, e trauessai com ella a foão, furtai aquelles aljofres que tem el Rey, e outras couzas semelhantes, e no cabo dizei: Om mani patmeonri, e logo uos saluareis; vós não uedes quão fora de caminho uaj esse uosso dito, e quão enganada está uossa confiança nessas palauras? Sem bõas obras ninguem vaj ao Ceo, diga as palauras que disser. Ficou o Lamâ corrido e o Rey com os circunstantes zombando delle, e de suas rezas, e dizendo mil louuores do que o Padre ensinaua; porém por me não malquistar com estes Lamâs, sem embargo de lhe falar com muita liberdade, pedi ao Rey, que tiuesse por bem de me não nomear, quando referisse semelhantes couzas, que lhe eu dizia. Perguntej mais a este Lamâ, que queria dizer este: Om mani patmeonri, nem elle soube, nem outros a quem fiz esta mesma pergunta; e so dizem que são palauras de Deos, e sem duuida ou não tem sentido algum, ou totalmente o não sabem; porem não ha pessoa que de contino as não repita, e he a reza mais ordinaria de suas contas. Pareceome então conueniente darlhe o sentido, que ellas não tem, porque he moral mente impossiuel deixarem de as dizer pollo muito habito e costume. Estando pois hũa uez em caza do Lamâ Irmão do Rey, perguntei a outro polla significação, e não sabendo elle, fui perguntando a uarios o mesmo sem auer nehum que respondesse. Pois como assim rezais como papagaios sem saberdes o que dizeis? ora ja que não sabeis eu uolo direj: Om mani patmeonri, quer dizer: Conjô sumbo ga dipâ ta e Rô. Senhor, perdoaime meus peccados; e quando as disserdes seja sempre neste sentido, e com esta consideração. Acodio o Irmão del Rey, assim he como o Padre diz, estas palauras querem dizer: perdoajme, (*) Senhor, meus peccados; dahi por diante a todos fui dizendo o que sinificauão, e assim lhe ficara a peçonha dellas em medicina do Ceo, e hoje em dia as

dizem muitos, e junta mente lhe digo outras, que tenhão as mesmas syllabas, por serem a ellas muito inclinados, e muitos as rezão hoje como estas, Verbum caro factum est; Jesus Santa Maria, etc.

Vendo os dous Lamâs Tio e Irmão, que a traça que tinhão tomado pera diuertir ao Rey de nossas couzas, leuandoo pera sua caza, e dandolhe a ler seus liuros, não socedera, pois o vião tão affeiçoado a nós, como primeiro, inuentou o Irmão outra diabolica, posto que não sou certo, que o fizesse por este intento, mas tiue pera o cuidar circunstancias mui probaueis. Por uezes me ouuio dizer este Lamâ, que os Christãos não podião ter mais que hũa so molher, nem podião repudiar a que primeiro tinhão, e tomar outra, ainda que fossem Reys; e como este não tem filhos desta molher, fez o Lamâ muito por lhe persuadir, que tomasse outra. Foi isto de grande perturbação pera muitos; pera mym no primeiro lugar, porque esta Raynha he bonissima couza, e muito affeiçoada ás couzas da saluação, e ás nossas como logo direj; pera a mesma Raynha que logo soube deste conselho, e persuazão do Lamâ, que ficou perturbadissima, e com ella hum seu irmão pessoa mui principal, e sobre tudo pera o mesmo Rey, que notauel mente se deixou entrar deste mao conselho, e logo se uio no exterior, porque foi mostrando pouca affeição assim a ella, como a may, e Irmão; e chegou a dizer á mesma Raynha, o que determinaua fazer; porem a mym nada me falou nesta materia. Hum dia me contou tudo a mesma Raynha, e de como estaua em grande perturbação; porem que tambem estaua resoluta a lhe não ficar em caza tomando elle outra molher; e que pera lhe sair das mãos lhe não faltaria modo, e força; logo os criados de parte a parte se perturbarão tambem, porque não pode isto ser tão occulto, que se não conhecesse no de fora; durou isto alguns mezes; e depois de
27 encomendar (*)a Deos este negocio como pude me re-

solui em falar nelle ao mesmo Rey. Veyo hum dia a nossa caza, e depois de fazer oração e reuerencia as sagradas imagens, dentro na Igreja nos assentamos ambos soos; e lhe fiz hũa breue pratica que em substancia he a seguinte. Vejouos senhor, hum pouco triste ha tempo e differente do que primeiro; o mesmo acho na Raynha vossa molher; não deixo de entender a causa, posto que ma não tendes dito; bem sabeis que uos tenho grandissimo amor e a todas uossas couzas; e que ainda que sou como uosso captiuo e seruo, no amor porem e no bem que uos desejo sou Pay, e uos por uezes me tendes dito que nessa conta me tendes; e por conseguinte que os bens que uos uierem os estimarei mais que proprios, e os males me cortarão o coração e a uida; ponderaj que ainda sois mancebo, e posto que Deos uos tem dado tão bom entendimento, contudo não tendes ainda chegado aos annos em que a experiencia modera os descontos desta idade que se deixa muitas uezes leuar mais do que apetece, que do que dita a rezão; peçouos quanto posso que em negocio de tanto pezo, uos não aremeceis; ponderaj no primeiro lugar a offença que a Deos fareis tomando outra molher, o castigo que uos dará, pois tão injustamente e sem rezão deixais a que elle uos tem dado de tanto ser; e se della não aueis filhos, como estes dependem de Deos, nem doutra uolos dará tambem. Além disto estaes em guerras por tantas partes, como não uedes que aleuantaes outras de nouo muito mais ariscadas, e outros males que podem e moralmente deuem soceder tendo effeito esta uossa pretenção, o que Deos nunca permitta. Tudo o que me dizeis, respondeo o Rey, entendo ser assy, e tenho bem conhecido quanto me amais, e zelais o que conuem a minhas cousas. Meu Irmão he o que me tem aconselhado e persuadido com summa efficacia que tome outra molher; e posto que entendo lhe nace isto de ter rancor e opposição

com a Raynha, (*)contudo confessouos que me tem entrado muito, e se uolo não disse foi por entender que de feito me auieis de aconselhar muito ao reues do que eu desejaua. Pois senhor, uos não uedes que conselho nacido de tal raiz não pode ter bom sucesso, e que uosso Irmão he de menos idade e experiencia que uós? não duuido eu que uos terá muito amor e a uossas couzas como Irmão que he; mas neste conselho que uos dá, tende por certo que uai muy errado e fora do que uos deuia aconselhar; pois mais uos direj ajuntou elle, não tenho muita confiança em meu Irmão, e duuido muito do coração que tem pera comigo; antes tenho certas conjecturas que me não tem o amor deuido, e que tem suas pretenções. Está bem senhor, e pois que bom conselho esperais de pessoa dessa qualidade? Como uos deixais leuar do que uedes que nace de pouco ou nenhum amor, antes de respeitos particulares, entereçados, e por uentura a uós mesmo bem contrarios! Como não temeis algũa grande queda e ruina? Por conclusão uos torno a pedir quanto posso que dezistaes desta pretenção, e que torneis a tratar a Raynha com as mesmas mostras de amor e confiança que primeiro, e não deis orelhas a maos conselhos, que hão de seruir de grandes males e nenhuns bens. Por conclusão desta pratica me prometeo que nada faria sem mo dizer primeiro. Tambem pedi ao mesmo Rey por uezes que trouxesse pera caza ao filho principe, que tinhão leuado pera a do Irmão com titulo de aprender lá a ler melhor, e quanto entendo não foi senão pera o diuertir de aprender algũas cousas nossas como ia fazia. Por uezes me respondeo o Rey que logo o mandaria uir, mas nunca acabou; e porque lhe eu fazia muita instancia me disse, que não uinha pera sua caza o menino principe, porque lhe tinha dito seu Irmão, que se o tiraua da sua, se auia de ir pera outra terra muito longe; e prouuera a Deos que se fosse, e desapressasse a este

bom Rey, e nos deixasse liberdade pera ensinar a este menino, que na uerdade he principe em tudo, e muito nosso affeiçoado, e ia de quatorze annos. Elle mesmo me disse que estaua muito triste em caza do Lamâ seu tio; mas que não podia uir sem licença de seu Pay, e que esta lhe negaua elle, por o tio Lamâ não querer. O outro Lamâ tio del Rey, quando as couzas andauão mais reuoltas morreo bem depressa, e já deste Jebuseu estamos liures; nem falta modo a Deos Nosso Senhor pera nos liurar tambem do Irmão, que confio no mesmo Senhor será dandolhe conhecimento (*)da sua 28
diuina ley, e não o castigando como elle merece. Alguns dias depois que tiue com el Rey a pratica sobredita me disse a Raynha que as cousas se hião pondo muito bem, e tornando ao estado primeiro, e que muito me agradecia o que nisso tinha feito. He esta Raynha natural doutro reino desta mesma seita, muito prudente, e que o anno passado foi causa de tornaremos a esta terra, muito pia, e affeiçoada ás cousas de Deos: por mais de dez uezes a uj chorar muitas lagrimas em uarias praticas de Deos, que se offereçerão, queixandosse ella sempre do pouco que entendia das cousas do Ceo, e do caminho da saluação. Ha mezes me mandou chamar, e me pedio mui encarecida mente a ensinasse, porque desejos de se saluar não lhe faltauão, mas que não sabia o modo; ueja V. P. se asseitaria eu de boa uontade tão iusta petição; assy o faço a todos opportunè et importunè, e tenho achado que estas praticas de Deos rendem muito; por hũa de que aqui apontarey algũa cousa, se poderá colligir. Os dias passados vindo este Rey a nossa caza, como faz muitas uezes, se deteue até noite bem fechada; á ida o fui acompanhando; entrou elle em certa caza em que a Raynha estaua ao fogo por ser no tempo dos frios; e posto que eu queria uoltar logo, mandoume ella assentar; não sey com que ocasião meti a pratica do Inferno, dos tormentos

que lá se passauão, do caminho por onde pera lá se hia, que era o peccado, dos remedios pera não ir lá, pois quem lá hia hũa ues, não tinha mais remedio pera sair fora. Todos ficarão grandemente compungidos, o Rey pondo os olhos no chão ficou triste como a noite, a Raynha chorando, os criados que serião mais de vinte, huns dizendo que bemauenturada era a terra a que Deos nos trouxera, pera a ensinarmos, outros offerecendosse, e prometendo de ajudar na fabrica da nossa Igreja ainda acarretando ás costas a pedra, e materiaes necessarios, pera que lhes perdoasse seus peccados. Eu que os ui assy entrados e compunctos me aleuantey, e por muito que me pedirão que esperasse mais, não dei por isso, e me fui sem dar reposta, nem fallar hũa só pallaura, pera assy os deixar ainda mais suspensos. Daqui pode V. P. colligir a bondade da gente e a disposição que tem (*)pera receber todo o bem. Prouuera a Nosso Senhor que ouuera em nós ia o cabedal necessario da lingoa Tibetense pera a cathequizar como conuem, como creo muy depressa receberão nossa santa ley; e digo que he esta gente muy aparelhada pera depressa a receber, porque sem embargo disto ser obra sómente de Deos, e guardada pera aquella hora e tempo que elle só sabe e tem determinado, comtudo a mesma gente está bradando por ella, por ser muito pia, inclinada a rezar, a trazer reliquias e cousas santas, a bem obrar. Ha mezes que viuo nesta terra, nunca ate oje soube de hũa so briga, nem desauença, nem que pessoa algũa esteja em odio com outra: os homens de contino andão com as contas nas mãos, não se ouuirá de sua boca hũa pallaura menos decente; folgão muito de ouuir praticas do Ceo, e da saluação; viuem com muita chaneza: as molheres de contino trabalhão fiando, ou tecendo seus panos de lam, e noutras ocupações, como de cultiuar a terra, que ellas são as que o fazem. Esta Raynha de contino a uerão ou rezar, ou fiar; os homens

pouco trabalhão, porque no uerão de contino andão em guerras, e quando não, todos os dias se occupão em tirar com arco e frecha á barreira; e são muy destros neste exercicio. Hum so mal achará alguem nesta missão, e he ser a gente menos que noutros reynos, como no Industane, onde não tem conto; porem bem ponderado tudo he cousa clara que as terras de menos trato, e por conseguinte de menos gente, são as mais accomodadas pera a conuerção, de menos enganos, e embaraços, e de custumes menos depravados; bem nos tem a experiencia mostrado a certeza disto; quanto mais que neste reino não falta gente, e he porta pera outros muitos em que ella he sem numero, e da mesma ceita com pouca diuersidade na lingoagem; de maneira que parece está homem ouuindo da boca de Jesu Christo respicite quia alba sunt iam ad messem.

Desta piedade e inclinação ás cousas de Deos nacem serem continuas as petições que fazem por cruses, e nominas, que lhe parecem muito bem ao pescosso. A may del Rey que rezide noutra terra distante desta dous dias de caminho, aindá antes (*)de fallar comigo, 31
me mandou pedir algũa cousa santa destas; e eu lhe mandej hũa Cruz e hũa nomina com que muito se allegrou; o mesmo Rey traz aõ pescosso alem de hũa Cruz de ouro, contas nossas tambem com a Sancta Cruz, hum relicario de ouro, e nelle duas nossas reliquias, do qual lhe tirej e queimei as suas, posto que quando estes mezes passados esteue em caza de seu Irmão lhe tornou a dar das suas, e de feito as tras a tiracolo, mas ao pescosso só as nossas que assyma disse; e espero que hum dia destes lhe queimarey as suas: a Raynha traz tambem ao pescosso a Santa Cruz, e tres relicarios, hum com o santo Euangelho de S. João, os outros com varias reliquias, e posto que trazia outros a tiracolo com suas reliquias, me disse hum dia destes que as queimasse, e metesse nelles das nossas, que só erão reli-

quias uerdadeiras. O principe tras a Santa Cruz, e contas nossas ao pescosso, e uarias reliquias santas; porem ainda tras dos seus relicarios a tiracolo; porque como esteue ategora em casa do Lamá seu tio, não tiue tempo pera lhas tomar; antes socedeo que hũa uez lhe ui a Santa Cruz a tiracolo entre hũs relicarios das suas reliquias; mostreime muy sentido, e lhe pedi que ma desse, pois a não trazia como conuinha; elle com muita pressa a poz ao pescosso, dizendo que o dia dantes lhe quebrara o cordão, e por isso a puzera naquelle lugar; os sobrinhos da Raynha que são tres, e duas sobrinhas com outras pessoas nobres, e outra gente do pouo, trazem ao pescosso só a Santa Cruz e contas nossas. Desta mesma piedade e boa inclinação nace tambem a reuerencia que fazem ás nossas imagens, de que temos varias nesta Igreja, que está muito bem concertada; tem concorrido a ella toda a gente principal, e muita da outra; todos debruçados por terra tres uezes a seu modo adorão as santas imagens, e pedem que lhes ponha sobre as cabeças o santo liuro, e com isto temos muita ocasião de lhes declarar os mysterios da fee. Não ha ainda muitos dias, que estando el Rey nesta Igreja, e com elle muita gente, tratandolhe de
32 Christo crucificado por rezão (*)da imagem que aqui temos, e como era filho de Deos, e o que elles sem saberem chamauão liuro grande de Deos, e a segunda pessoa da Sanctissima Trindade: disse o Rey, uede como isto que ensina o Padre he conforme á rezão, que o nosso liuro a quem tambem chamamos Deos he liuro viuo, e a segunda pessoa, e não o liuro por onde lem os nossos Lamás, que o não he, nem pode ser. Estauão entre a mais gente muitos Lamás, e todos elles disserão que sem duuida assy era como o Padre dizia; quando se lhe pratica que Deos he hum e trino, Padre, Filho, Spirito Santo, e que o filho se fez homem, e morreu na Santa Cruz pellos peccados do mundo, e

outros mysterios desta sorte todos o aprouão, e lhes parecem muito bem. Todos geralmente dizem que nunca uirão nem ouuirão cousas tão boas, e imagens tão deuotas; alguns naturais de Utsang, onde os templos são muitos, dizem que tem muitas imagens como as nossas, e o aparato delles como o desta Igreja, quererá o Ceo que todos se consagrem muito sedo em honra do uerdadeiro Deos. Neste anno succedeo que este Rey mandasse pedir ao de Utsang hũa filha pera casar com este principe, o que nunca ategora tem sucedido; e diz elle que com esta liga ficão os caminhos muy seguros; e eu tenho pera mim que foi traça do Ceo pera os facilitar aos ministros do Euangelho, e pera lhe dar naquelle reino franca entrada, que espero no Senhor será este anno que vem, em que os Padres que agora nos chegarão terão bem aprendido a lingoa, que agora estudão com grande feruor e consolação minha. Todos os dias cantamos na Igreja a santa doutrina, e se dizem as ladainhas em voz alta: a uelha may da Raynha as uinha ouuir muitas uezes antes de nos mudarmos pera estas cazas nouas, não á propria Igreja por ser ia de muita idade, e não poder, mas a hũa varanda que corre ao longo da Igreja; e diz ella que se consolaua muito com ouuir aquellas uozes do Ceo, posto que as não entendia. Quando os nossos meninos fazem reuerencia ao Rey, a seu Irmão, e a outras pessoas graues, he tirando o barrete com as mãos iuntas e inclinação da cabeça dizerem, Louuado seja o sanctissimo sacramento, e outras pessoas á sua imitação fazem o mesmo.

Já o Lamâ Irmão del Rey no tempo em que esta escreuo (*) se mostra menos zeloso de sua ceita, e mais 33
bem afecto ás couzas de nossa santa lei. Pouco tempo ha que veyo uizitar a nossa Igreja, trouxe pera ella sete uazos de latão pera nelles se offerecer agoa a Deos, que como ia escreui offerecem elles algũas uezes entre dia, cuidando que nós faziamos o mesmo. Eu lhe disse

que não auia entre nós tal custume, mas que benziamos agoa, que lançada sobre os christãos, cauzaua nelles uarios effeitos santos; e o que offereciamos a Deos era hũa cousa sanctissima, e admirauel, e pello melhor modo que me foi possiuel lhe declarey o sacrosanto mysterio da Missa; mostrousse muy dezijozo de me uer na forma em que faziamos a tal oferta, e as couzas que offereciamos; então me reuesti e preparei todo o mais necessario; começou elle a estender a mão pera tocar o santo calix, mas com mais pressa que eu lho impedio o Rey seu Irmão dizendo que não tocasse nelle, porque só o Padre o podia fazer, por lho eu ia ter feito a elle outra uez. Com esta occasião me disse o Lamâ, que o seu Lamâ grande que rezide em Utsang custumaua offerecer a Deos pão e vinho de vuas, mas tudo em muito pouca quantidade, e depois elle comia, e repartia com algũs Lamâs, e os burrifaua com aquelle vinho offerecido a Deos, mas que só elle podia fazer isto, e não outro; e ajuntou que tambem este Lamâ tinha coroa na cabeça como eu, mas mayor que a minha.

Perguntou uarias couzas, entre outras pera que batiamos nos peitos? Custumão estes Tibetenses bater com pedras, e com as mãos nos peitos em ocasiões de grande tristeza, como nas mortes de parentes, perdas grandes, etc. Então lhe respondi que assy como elles pera mostrarem a tristeza, e magoa de coração, batião nos peitos, assy o faziamos nós em sinal do pezar que tinhamos de auer offendido a Deos, e prepositos de mais não peccar. Estaua prezente outro Lamâ principal ia de idade, e quadrandolhe esta reposta disse, ah Padre que boa cousa he essa; nós batemos nos peitos por sentimento de cousas temporaes, e dos peccados que fazemos nenhum sinal damos de magoa e pezar, deuendo ser muito ao contrario; hũa cousa uos digo com ser Lamâ, e he que todos sabemos muito pouco, e fazemos muito menos (*)polla saluação; todo o tempo

se nos passa em comer, beber e dormir. Por occasião do que uio el Rey que se offerecia no santo sacrificio da Missa, vindo daly a dias a esta caza, pedio que queria tornar a uer as hostias, mostraeilhe hũa, e quebrandoa lha meti na mão dizendo, agora, senhor, não he isto mais que pão, mas quando se offerece a Deos por força das pallauras que elle mesmo ensinou, se conuerte em seu corpo; ora ja que agora não he mais que pão, respondeo elle, daime licença pera comer delle, e tomou hum pequenino, repartindo o mais com os criados que estauão prezentes, como quem tomaua hũa reliquia cousa muita sancta; e porque lhe disse que a campainha que se tanje ao leuantar a Deos era pera effeito da gente estar naquelle santo acto com tento e reuerencia; indosse pera caza mandou hũa maior dizendo, que a nossa era pequena, e que folgaria se uzasse da que elle offerecia na Igreia, pera que a pudesse ouuir e saber quando se celebraua o sacrosanto mysterio, ia que lhe não era ainda licito estar prezente. São isto hũas meudezas que não faltará quem estranhe escreuelas eu sendo taes; porem se ponderar que esta missão he nouissima, e ainda nada cultiuada, terá estas meudezas por flores do Ceo em terra tão seca, e mato tão inculto, como esta de que escreuo a V. P.; e tambem não faltará quem pergunte pello fruito destas a que chamão flores do Ceo; digo que apos ellas se seguirá o fruito, que ainda não hé tempo. Esta missão paruula est adhuc vbera non habet, quanto mais que estas flores são tãobem fruita muy temporã, e quem não terá por tal a franca liberdade que temos pera pregar a ley uerdadeira, e a tomarem quantos quizerem apezar de todo inferno, e não só licença e liberdade, mas iunta com gosto vniuersal de quasi todos; o pregão que se dá do Santo Euangelho, e ser o sancto nome de Jesu ia reconhecido e estimado, adoradas as sagradas imagens, e reuerenciados os sinais de nossa redempção, trazida

a Santa Cruz com muita deuação e gosto, e se isto em tão poucos mezes não he fruito, creasse que não he por culpa da terra, mas por não ser cultiuada, por nos faltar o cabedal da lingoa necessario.

Ao primeiro de Abril ueyo o Rey a nossa caza acompanhado de seu cunhado, e outra gente, e me disse: Padre, he tempo de começar a Santa Igreia e cazas pera os Padres. Fomos todos com officiais ao sitio destinado, e logo se tomarão as medidas pera Igreia e
35 cazas, que ficão no melhor lugar (*) da cidade, iunto das suas, abrigadas do frio, e em paragem que logo polla menhã lhe dá o sol, e o tem quasi todo o dia; mandou quebrar muitas cazas, e dar outras aos que nellas morauão; e dizendolhe eu que se algum dos ditos moradores tiuesse sentimento de largar sua caza, eu o teria muito mayor de lha tomar, e que por nenhũa uia consintiria que o botassem fora. Respondeo, á cada hum delles mando dar cazas muito melhores que estas, e todos estão muy contentes, e se algum o não estiuesse seria ia homem do inferno, pois pera Deos não larga de boa vontade sua caza; e pera que ficassemos mais recolhidos, fez que o caminho da cidade se lançasse por outra parte, e assy se tomou hum pedaço do sitio da Raynha uelha molher de seu avó. Mandei dizer á dita Raynha, que eu tinha muito sentimento de el Rey mandar lançar o caminho por aquelle seu sitio; mas que soubesse de certo, que por muitas vezes lhe tinha pedido de merce, que o não fizesse; porem que não fora ouuido. Respondeo ella que não tinha disso sentimento, senão muito gosto por ficar assy tão iunto da Igreia, pera a qual se fosse necessaria toda a sua caza, ella se sairia, e ficaria na rua. O mesmo Rey mandou quebrar duas das suas cazas pera ficar o terreiro da Igreia mayor; e dizendolhe eu que não era necessario porque tinha campo de sobejo; respondeo que naquelle terreyro se auia de fazer hum jardim de flores pera a

Igreia, e assy conuinha que fosse mais capaz. As cazas ficarão muito bastantes e accomodadas pera esta terra, e as melhores que nella ha, tirando as do mesmo Rey.

Ao primeiro de Abril, como ia disse, se poz a mão na obra no que toca a derrubar cazas, e preparar o sitio pera a Igreia; e logo ao outro dia lhe chegarão duas nouas ambas de grande estima, a primeira que hum exercito seu tinha desbaratados a dous regulos muy poderosos, que contra elle andauão em campo; a segunda que o de Xiranagar grande seu inimigo era morto, e com elle dous capitães principais. Hum delles nos fez o anno passado quando uiemos grande força e uexação; ao Rey parece derão peçonha, por que morreo em tres dias, nacendolhe pello corpo muitos inchaços; no ponto que elle acabou, derão neste que nos avexou, e o fizerão em pedaços; e o mesmo a dous irmãos seus com molher e filhos; foi o tal filho de hum oleiro, e ueo por uia da may que deu o leite (*) ao Rey morto 36
a crecer tanto que gouernaua todo o reino tiranizando com uexação de muitos; era este grande inimigo do nosso Rey, o qual me trouxe a noua, e entrando só comigo na Igreia, deu graças a Nosso Senhor, ponderando melhor do que lho eu podia fazer; como no ponto em que começara a preparar o lugar pera a Igreia lhe chegarão nouas de duas merces que lhe Deos tinha feito, as melhores e mayores que das temporaes podia dezejar.

Quando lançamos a primeira pedra na Igreia foi polla maneira seguinte: estaua no dia precedente que foi aos onze de Abril aruorada ia a Santa Cruz no sitio da Igreia, a qual era de pao conforme ordena o ritual, mas toda forrada de damasco; e aruorouse com tanger de trombetas e atabales, e presente muita gente: ao outro dia que foi o de Paschoa saimos da casa del Rey leuando elle só a primeira pedra, no meyo da qual estaua hũa fermosa Cruz dourada toda de pedras uarias,

que com ser de pouco preço, parecia que o tinha grande; todo o mais campo da pedra hia cuberto de muitas flores de prata; chegamos ao lugar e sitio em que estaua aleuantado hum altar, e nelle se depositou a pedra pera se benzer: ella benta com todo o aparato e authoridade que nos foi possiuel, a pusemos em seu lugar deitando elle primeiro debaixo della boa quantidade de ouro; uistiräose vinte pobres que foi de edificação pera a gente; puzemos o titulo, e dedicamos esta Igreia á Virgem da Esperança pollas grandes que temos em Nosso Senhor, que por intercessão desta Raynha trará muito depressa toda esta gente a sua Sancta fee. A madeira pera ella se começou a negocear noutra terra longe desta polla não auer aqui; porém quis Deos que tomasse elle outra traça melhor, e foi resoluerse a derrubar as cazas de seu Pay, e auo, que erão grandes, e fermosas, e a madeira muito boa; assim como o imaginou, o poz por obra, sintindo alguns quebrar cazas tão boas por respeito da nossa Igreia, particularmente certos Lamâs, ainda que poucos, que verem o feruor com que el Rey se applica a estas couzas lhe serue de boa cruz. E porque ainda não tinhamos aruorado nehũa cruz, pareceu ao mesmo Rey que posessemos a primeira no mais alto deste monte; he elle notauelmente aleuantado; nem a cidade chega mais, que até o meyo; de todas as quatro partes se estende a vista muito longe.
37 E quem uem de fora (*) a primeira couza que ue hé a Santa Cruz aruorada naquelle alto, que parece está conquistando de lá todo este Reyno; he de pao, mas toda cuberta de latão. A segunda Cruz poremos logo sobre a Igreia, que tambem está em hum alto, donde he uista de mui longe.

No tempo que esta escreuo, se uaj pintando a Igreja, a qual no que toca á demais fabrica está acabada, a qual não me pareceo que fosse muito grande, assim pera se acabar mais de pressa, como porque ao diante

conuertendosse esta gente, não faltão templos grandes, que se podem consagrar em nossas Igrejas; na capella desta se pintão oito paineis da uida de nossa Senhora, não falando do retabolo, que tem sinco, afora o santo cruçifixo, e a imagem de nossa Senhora e do minino Jesus ambas de vulto; no corpo da Igreja pintaremos uarios paineis da uida de Christo Senhor nosso; e assim espero, que acabada saya muito fermosa. Em toda esta fabrica da Igreja, cazas, e pintura não gastamos couza algũa, porque nunca este bom Rey o quiz consentir; elle mandaua pagar aos officiais, e fez uir a madejra das cazas de muito longe. Pera esta Igreja mandarão os Lamâs de certo templo, que está fora da cidade, hũa boa quantidade de tejollo, que muito estimej, por concorrerem elles pera tão santa obra; e mostrarem nisso boa vontade; elles mesmos o fizerão, e o acarretarão ás costas não consentindo que os obrejros destas obras o fizessem: a Raynha uelha de que atras falei, mandou outra boa quantidade de tejollo, e outras pessoas da terra fizerão o mesmo; outros uinhão trabalhar na Igreja acarretando agoa, terra, e o mais necessario por sua deuação sem ninguem lhes falar palaura; e não ouue homem principal, que não mandasse seus filhos e filhas a trabalhar na Igreja; e depois de uinte ou trinta dias, e outros de dous mezes, se hião a suas occupaçõis; e este tempo bastaua pera mostrarem sua deuação, e não sei eu que mais podião fazer christãos mui antigos e pios do que fazem estes ainda gentios; imagino que he isto sinal de uirem a ser muito bons christãos. Varias pessoas desta terra mais principais mandarão por uezes seus banquetes a estes trabalhadores, que passauão de cento, e sincoenta. Pozemos a primeira pedra em dia de Pascoa, (*) como fica dito 38
por ser dia tão sinalado, e logo a primeira oitaua ueyo el Rey estar em nossa caza, e nella jantou, como tem feito outras uezes; mandou dar hum banquete a todos

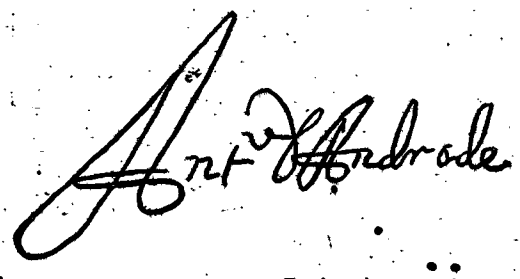
os que auião de trabalhar, quẽ durou por muitas horas; e em quanto as obras durarão, todos os dias mandou dar de comer duas e tres uezes a todos os que nellas trabalhauão, e de quando em quando lhe mandaua fazer banquetes extraordinarios; e porque hum pedaço de monte, que nos ficaua uizinho, e por ser muito alto se caisse nos poderia fazer algum ainda que pouco perjuizo, o mandou cortar, e pera isso mandou uir das minas quinze gastadores, e pera que acabassem esta obra mais de pressa, mandou depositar boa quantidade de ouro, de alambre, e de coral pera estes trabalhadores. Muitos dias continuou em uir assistir a obra por sua muita bondade; e esta lhaneza, e muita facilidade que tem no tratar, anda junta com grande respeito, que todos lhe tem, e daqui nace não auer ladrõis por uia nehũa, nem outros malfeitores. Auerá sinco ou seis mezes que intercedendo eu por hum, que estaua no tronco por ladrão, natural das terras de Xiranagar; por meu respeito o mandou soltar; fiz eu a este prezo indo ao tronco a melhor exhortação que pude, pera que não tornasse a continuar seu mao custume; e posto que forão grandes as promessas, que fez de se emmendar, passados dous, ou tres mezes tornou elle a continuar em suas ladroisses; prenderãono de nouo, o qual no tronco com outros dous tambem doutra nação tiuerão modo pera fogir hũa noite; mas pera não serem sentidos primeiro matarão a outro seu companheiro do mesmo troaco; ao outro dia foi gente de caualo a lhes tomar os caminhos, e logo os prenderão, a dous fizerão em pedaços, ao ladrão trouxerão á cidade, e logo lhe cortarão o pé direito, e tirarão hum olho, e dahi a dous dias porque não morreo, lhe cortarão o outro pé, e tirarão tambem o outro olho, e auia ordem que se não morresse lhe cortassem tambem as mãos. Estas são as justiças desta terra, freo muy grande de peccados, e não ha nellas dilaçõis, mas em se aueriguando a uerdade se

executão. Não faltou quem diante do Rey dissesse, que terem soltado a este por meu respeito, fora cauza (*) do homicidio e nouos furtos que fez; porém foi bem 39
reprehendido dizendo el Rey, o Padre fez officio de Pay, que os nossos Lamâs não fazem, mas o ladrão não se soube aproueitar. Muitos me tomão por terceiro, e o sou seu de boa uontade no que me parece licito, e serue isto de os attrahir e beneuolear; ate a Raynha uelha me tomou tres ou quatro uezes por terceiro em cousas que lhe importauão; e daqui se pode colligir o credito em que estamos com esta gente. Quando ueo a quaresma me persuadia el Rey e a Raynha com muita efficacia que não iejuasse, porque sem falta auia logo de adoecer grauemente, como ia me tinha sucedido outras uezes; e depois que uirão que eu não deixaria o iejum, procurarão que pello menos bebesse o seu chá algũas uezes entre dia, como elles fazem; porem nem este chá, nem as consoadas ordinarias quiz tomar por me parecer que os seus Lamâs em o sabendo auião de dizer que iejuauamos como elles. Pasmão todos do nosso modo de ieuar, e de ser tão comprido, e auer em cada mes tantos dias em que não comiamos carne. Tinha eu dito ao Rey que não temia adoecer com o iejum, antes esperaua em Nosso Senhor de me achar com mais forças e saude, que no outro tempo; e assy foi que com adoecer duas uezes pezadamente no outro tempo, e ter outras indisposiçõis, no da quaresma estiue muito bom por merce de Deos, nem me lembra que passasse algũa com tanta facilidade como esta; e posto que nesta terra não aja peixe, nem ouos, nem eruas uerdes, porque tudo está congelado, onde quer que ha humidade algũa, nem outros legumes de grãos, lentilhas, etc., comtudo uzão nella secar os bredos quando a terra os dá, que he em tres ou quatro mezes do anno, e nabos; e guardão isto seco pera o tempo dos frios; as eruas cozidas parecem tão frescas como se naquelle dia as colhessem da horta,

e os nabos pizados e tãobem cozidos são muito bons: de tudo isto me prouerão bem a caza, com que se ficou suprindo muito bem a falta de peixe, e de legumes que nella não ha. Hum dia socedeo, que estando eu em casa deste Lamâ principal se tratasse do nosso iejum, do seu rigor, e de não comer nelle carne; por fim da pratica disse o dito Lamâ que não comer carne no iejum era cousa muito boa, (*) e que assy se vzaua em Utsang; e quanto a comeremna aqui era por abuso introduzido de muitos annos, mas que algũs destes seus Lamâs, quando iejuauão ou totalmente a não comião, ou era em muito pouca quantidade, e por não auer na terra outra couza; e na uerdade sempre nesta terra será o iejum pezado por esta cauza. Isto he o que me pareceo por hora escreuer breuemente a V. P. pera lhe dar hũa breue noticia desta noua missão, que esperamos no Senhor seja mui rendosa e copiosa, e será o mesmo Senhor seruido que muito depressa mandemos a V. P. as nouas da conuerção deste Rey, e de muitos dos seus, segundo a proxima disposição que uemos. E com isto nos santos sacrificios e benção de V. P. etc. Em 15. de Agosto de 1626.

De V. P. filho indigno

Antonio de Andrade.



FACSIMILE DA ASSINATURA DO P. ANTÓNIO DE ANDRADE

APÊNDICE

LIBRARY
OF THE
BOMBAY
BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.

APÊNDICE

A seguinte carta, em que o P. António de Andrade refere brevemente os sucessos da sua segunda viagem desde Agrà a Chaparangue, provavelmente dirigida ao P. Provincial da Companhia de Jesus em Goa, foi impressa na *Relaçam geral do estado da Christandade da Ethiopia... e do que de nouo socedeo no descobrimento do Thybet, a que chamam Gram Catayo*, composta, e copiada das cartas que os Padres da Companhia de Jesu escreueram da India Oriental dos Annos de 624. 625. e 626, pelo Padre Manoel da Veiga da mesma Companhia. Lisboa, 1628 (fl. 105, *v.* a 107 *v.*).

CARTA DO PADRE ANTONIO DE ANDRADE 105, v.

Partimos de Agrà pera este Reyno de Tybet aos desasete de Iunho, e tomamos polo mais breue caminho que ha, de sorte que, quando veyo ja dia de santo Agostinho vintoito de Agosto, entramos na primeira cidade do Tibet, nam passando a viagem de dous meses e meyo. Nam faltaram algũas molestias, que sofremos o melhor que podemos, que em caminhos compridos, sempre ha descontos. O principal foy em Syrinagar, onde nos tomarám a melhor parte do pobre fato que traziamos, sem embargo de me ter prouido em Lahor de hum formam del Rey pera este Raya de Syrinagar, e de hũa carta de Nauabo Assafean pera o mesmo, que nos aproueitaram pouco. E tudo isto naceo de mexericos falsos de Baneanes, que disseram, que como eramos Portugueses, traziamos comnosco peças de grande valor. E como este Raya he moço, e gouernado

por outro moço seu colaço, e o que peor he, que anda sempre desgouernado, polo muyto vinho que continuamente bebe, e assi nam he muyto de espantar que se façam em suas terras desordens e injustiças semelhantes, e ainda ha de vir a dar cedo em algum fim muy desestrado.

El-Rey Iahangir, a quem elle paga hum grosso tributo, e he como vassalo seu, o deue sentir muyto quando
106, r. o elle vier (*) a saber, e lho estranhará muy pesadamente. Chegados ao principio do deserto, que neste tempo he mais bem assombrado de todo o anno, me sobreuieram em continente hũas cezoens dobres e bem rijas, mas por nam perder tempo com ellas, me pús ao caminho, e quiz nosso Senhor, que no quarto dia parassem; e assi cobrei em breue forças, com que melhor que outros atrauessei o deserto a pé, e atégora me continuou esta força e saude por merce e graça de Deos.

Tanto que o Rey teue nouas de como já nos vinhamos chegando, com muyta alegria e aluoroço nos mandou logo dar as boas vindas, e que nos fossem tomar ao caminho o mais longe que nos podessem encontrar, que foram só quatro jornadas, com tres cauallos e hum delles de singular andadura, e dous homens pera nos seruirem; estes nos offereceram varios zauguates do Rey, Raynha, e Principe, a modo da terra, em que entraua hũa capa sua, ou pano grande de lãa muyto fina, bordado de tafetá, pera eu o vestir logo onde quer que me encontrassem, em sinal do muyto amor que me tinha. Após estes veo muyta gente pera nos acarretar o fato, trazendo juntamente consigo, muytos carneiros, arròs, manteiga e leite, etc. e ordem pera nas aldeas se nos dar abundantemente todo o necessario.

Tanto que chegamos á cidade, passados quatro dias, mandou que o nosso fato nam entrasse na Alfandega, nem se visse, nem bulisse, nem pagasse algum direito per nenhum modo, cousa nunca jamais vista nesta terra:

porque todo o fato se vee, e se repreza por muytos dias, e depois paga seus de(*)reitos de dez hum, sem 106, v.
exceiçam algũa. As casas que pera nós estauam aparelhadas, eram pequenas, e entendendo que nam escusauâmos outras mayores (de que eu ja tinha noticia) nos mandou dizer, que se queriamos outras casas mayores, aly estauam aquellas prestes, e apparelhadas pera nós: porem, como no inuerno passado auia arruynado muyto boa parte dellas, as mandaria logo refazer, e juntamente concertar pera nellas morarmos muyto á nossa vontade, nam obstante ficarem longe do Paço, e ser de muyto seu gosto ternos mais perto, pera vir muy frequentemente a nossa casa.

Em fim, pera melhor se accomodar a sy e a nós, mandou despejar as casas do Principe, que estam contiguas ás suas, e nellas ficamos muyto bem agasalhados, com ordem dada por el Rey a dous homens de nos prouerem de todo o necessario.

Chegando nós a sexta feira, ao sabbado o fomos visitar, e nos recebeo com grande beneuolencia, e mostras de amor, dizendo que já estaua triste por lhe dizerem que este anno nam auiamos de vir, e nos deu muyto larga conta como estaua de caminho pera hũa guerra de muyto grande risco, pedindonos que o encomendassemos muy grandemente a nosso Senhor. Ao outro dia em que se partia, nos mandou chamar, e depois de larga pratica, se pós de joelhos, pera lhe eu rezar o santo Euangelho, tendo elle o Missal sobre a cabeça, e beijandoo depois com muy grande reuerencia e deuaçam. Leuaua ao pescoço hũa fermosa Cruz e nomina, que (*) lhe eu tinha dado da primeira vez, e me disse, 107, r.
que por muitas vezes usará do cilicio e disciplinas que lhe deixara. Pediunos que polo menos hum dia, e outro nam, fossemos falar com a Raynha, porque depois de Deos, nos tinhã ho primeiro lugar e em conta de Pays; e que voltando, que esperaua ser muyto em breue, se

applicaria a saber o que lhe era necessario pera sua saluaçam; fomolo acompanhando juntamente com a Raynha atee o sair da cidade, e estando já pera se pór a cauallo, se despedio ultimente de nós, com a cortesia que a nenhũa outra pessoa das que estauam presentes fez, sendo delles muyto Caxmerins, e outra gente forasteira. Offerecime pera o acompanhar nesta jornada; respondeome com agardecimento, que me nam queria dar mais trabalho por estarmos cansados, que por ora nam esperaua mais de nós, que encomendarmolo a Deos.

Alguns dos soldados principais vieram a nossa casa, a nos pedir com muyta instancia Cruzes, as quaes postas sobre as toucas, lhe pareciam muyto bem, e ainda melhor a muyta deuaçam com que as elles recebiam e venerauam, e as traziam continuamente.

Até aqui a Carta do Padre.

NOTAS

NOTAS

CARTA PRIMEIRA

A transcrição e explicação das palavras da língua Tibetense, dadas adiante, pertencem a Mr. Sylvain Lévi, Professor no Colégio de França, em Paris, e sábio indianista.

Fol. 1, v. (p. 46, l. 22). *Deli.*

Delhi, em sânscrito Dhili (*S. E. D.*, p. 1328), cidade do Industão, é situada em Lat. 28° 40′ N, e Long. 77° 12′ E. G.

Fol. 1, v. (p. 46, l. 24). *Pagode.*

Nas duas cartas do P. António de Andrade a palavra pagode tem a significação de imagem de um deva ou ídolo; algumas vezes porém parece designar também o templo. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, p. 129-137).

Fol. 2, r. (p. 46, l. 34). *Caximir.*

Em sânscrito *Kaçmira*, é o nome do país, situado ao norte do Hindustão, e cuja capital é Srinagar (Lat. 34° 56′ N, Long. 75° E. G). Os habitantes de Kaçmira são designados pelo nome de Queiximiris (fol. 11, r; p. 64, l. 11, p. 65, l. 5).

Fol. 2, r. (p. 47, l. 2). *Laor.*

Lahore, cidade do Industão, situada em Lat. 31° 35′ N, e Long. 74° 18′ E. G.

Fol. 2, r. (p. 47, l. 12). *Mogores.*

Acêrca dos Mogores veja-se: *Storia de Mogor, or Mogul India* (1553-1708) *by Nicolao Manucci, venetian*, traslated by William Irvine, London, 1906; 4 vol.; Couto, Década IV, liv. X, cap. I e II.

Fol. 2, v. (p. 47, l. 20). *Indostan.*

Hindustan, em persiano, significa país dos Hindús. Êste nome é dado à parte da Índia situada ao norte dos montes Vindhya,

para a distinguir da parte situada ao sul dos mesmos montes, denominada Dekan. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 468).

Fol. 2, r. (p. 47, l. 21). *Rajà.*

Rajà significa rei, régulo, na Índia árica e dravídica. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, p. 242-244).

Fol. 2, r. (p. 47, l. 21). *Siranagar.*

Em sânscrito *Çrinagara*, cidade da Fortuna, é o nome de duas cidades, sendo uma a capital de Kaçmira, e outra no distrito de Kumaou, na margem esquerda do rio Alaknanda. É desta cidade que se fala nestas cartas do P. António de Andrade. *Çri* é o nome de Laksmi, devi da prosperidade e da beleza, mulher de Visnu.

Fol. 2, v. (p. 47, l. 22). *Rey Mogor.*

O rei dos Mogores era então Jahangir, que reinou desde 1605 até 1627. Veja-se *Storia do Mogor, or Mogul India, by Nicolao Manucci, venetian*, traslated by William Irvine, London, 1906, vol. I, p. 157-178.

Fol. 2, v. (p. 48, l. 13). *Ganga.*

Gangâ, em sânscrito, o rio Ganges. O P. António de Andrade atravessou o vale do Ganges em Harduar, caminhou ao longo do rio Alaknanda, grande afluente do Ganges, até à confluência do Visnu Ganga; seguiu depois ao longo dêste rio até à serra de Badrinat, cujas galeiras se despenham no Visnu Ganga. (Wessels, *Antonio de Andrade*, trad. port., p. 48).

Fol. 3, r. (p. 48, l. 34). *ye Bradinate ye ye.*

Bradinate, em sânscrito *badarînâtha*, nome do templo, situado em Badari, lugar santo, perto das nascentes do Ganges, muito concorrido dos peregrinos buddhistas. A palavra *nâtha* significa refúgio, asilo; e *badarí* é o nome da árvore jujuba.

Fol. 3, r. (p. 49, l. 10). *Iogues.*

O Jogue é o asceta hindú; e vulgarmente dá-se êste nome ao hindú penitente e mendicante, que anda peregrinando. Usa trazer o cabelo crescido e em desalinho, as unhas das mãos longas, e o corpo polvilhado de cinza; e o corpo coberto apenas com alguns farrapos. É considerado possuir o dom de fazer milagres. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 491-494).

Fol. 3, r. (p. 49, l. 18). *Agmir.*

Agmir, nas cartas inglesas Ajmere, é um distrito do Industão, no qual há uma lagôa (tanque), situada em Lat. 26° 25′ N, e Long. 75° 0′ E. G. No século XVI formava um dos reinos sujeitos ao sultão de Cambaya. «[Badur, sultaõ de Cambaya] se se descuidasse dos outros reynos, podiaõse rebelar os mais que tinha pera aquella parte como Uzem, Agará, Nagaor, Agimir, e outros». (Couto, Década IV, liv. VIII, cap. VIII).

Fol. 3, r. (p. 49, l. 19). *Tanque.*

Da palavra latina *stagnum*, água estagnada, derivam as portuguesas estanque, estanco e tanque. (Körting, *Lateinisch-romanisch Wörterbuch*, n.° 9009). Por isso estanco e tanque foram empregadas por alguns escritores portugueses no sentido de lagoa. «O ryo Nillo... nace de hũa fonte, onde logo se faz huũ grande estanco que se chama Nullidom». (Gomes Eannes de Zurara, *Cronica do descobrimento e conquista de Guiné*, Paris, 1841, p. 291 e 292). Veja-se adeante p. 52, l. 34 e p. 58, l. 6.

Fol. 3, v. (p. 50, l. 9). *Bom Jesu de Goa.*

A igreja do Bom Jesus de Goa está situada quási no centro da velha cidade de Goa, e do terreiro que antigamente chamavam *dos galos*. O seu frontespício, voltado para o ocidente, tem, além do socalco de 6 palmos (1m,32) de altura acima do plano da rua, 109 palmos (23m,98) na sua maior altura, e 105 (23m,10) na sua maior largura. Esta igreja começou a ser edificada em 24 de novembro de 1594; e nela está depositado o túmulo de S. Francisco Xavier. (Felipe Nery Xavier, *Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier*, Nova Goa, 1861, p. 275-277).

Fol. 4, v. (p. 51, l. 34). *Pontes de corda.*

Charles A. Sherring dá a seguinte descrição das pontes de corda: «A ponte, que liga as duas margens do rio, é composta de uma corda (um cabo dobrado). Os homens naturais do país atravessam o rio escorregando ao longo da corda com auxílio das suas mãos e pés, sendo impedidos de cair nas águas da torrente por uma cinta de corda passada em volta do corpo, e ao qual é ligada um barrote de madeira para impedir a fricção». Charles A. Sherring, *Western Thibet and British Borderland*, London, 1906, p. 22 e estampas, p. 23 e 24.

Fol. 5, r. (p. 52, l. 25). *Bazarucos.*

Bazaruco é uma antiga moeda da Índia portuguesa, feita de

cobre, estanho ou chumbo. O seu valor foi variável conforme as épocas. Pelo alvará de 4 de Setembro de 1619, o bazaruco valia um real da moeda portuguesa. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 109).

Fol. 5, v. (p. 52, l. 31). *(Fontes) de agoa quente.*

«Em Badrinath ha uma nascente de agua termal, que lança espesso vapor de forte cheiro sulfuroso; a agua é tão quente que mal se pode tocar com a mão. Esta agua, misturada com a de outra nascente de agua fria, forma o banho, em que os peregrinos de ambos os sexos se banham. O santuario é consagrado a Visnu; e desde antigos tempos gosa de grande reputação de santidade. O sitio é considerado como terra santa, e bem amada mansão dos devas. Krisna morou ali durante cem anos, permanecendo em pé com os braços erguidos, ou sobre um só pé, tendo despido os vestidos exteriores, e sendo magro e macilento». (Charles A. Sherring, *Western Tibet*, London, 1906, p. 38, 52 e 54).

Fol. 5, v. (p. 52, l. 33). *Boi de agoa.*

A palavra boi (leia-se bo-i) é um termo indiano, pelo qual são designados alguns homens que exercem baixos misteres, sendo empregados em transportar água, o sombreiro, etc. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 132-134).

Fol. 5, v. (p. 54, l. 7). *Comem carne crua.*

O impresso tem: *comem carne, erua*, evidentemente êrro tipográfico por: *comem carne crua*, como se lê abaixo l. 22.

Fol. 6, r. (p. 54, l. 23). *Lyra.*

É provável que Lyra seja êrro tipográfico por Lary. Em persiano Lâri é o nome dado ao país de Lari ou Guzerat. Como o P. António de Andrade residiu muitos anos em Agra, certamente êle ouviu êste nome aos mercadores mouros (persianos) do reino de Mogor.

Fol. 6, v. (p. 54, l. 27). *Olas de palmeira.*

Ola é uma palavra indiana de origem dravídica, que tem diversas significações, sendo a primordial *folha de palmeira*.

Na Índia as fôlhas de palmeira tem muitos usos; servem para cobrir pequenas casas, como papel em que se escreve com um ponteiro de ferro, etc. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, p. 117-120).

Fol. 6, r. (p. 55, l. 11). *Farinha de seuada assada.*

A farinha de cevada torrada, usada no Tibet para suprir o pão,

tem na língua tibetense o nome de *tsama*. (L. de Milloué, *Bod-Youl ou Tibet*, p. 23).

Fol. 6, v. (p. 55, l. 25). *Cafilas*.

A companha de mercadores viajantes tem o nome de cáfila, do árabe *káfila*, e de caravana, do persiano *karvân*. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 169-170 e p. 213).

Fol. 6, v. (p. 56, l. 9). *Cambolim*.

Cambolim, do concani *kamblim*, é termo indiano, pelo qual se designa uma espécie de manta de lã, grosseira, ordinàriamente de côr parda, muito usada na Índia. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 190-191).

Fol. 10, v. (p. 63, l. 14). *Jagra*.

Jagra é o açúcar mascavado, extraído da palmeira ou da cana sacarina, em torrões ou em pães. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, I, p. 475-476).

Fol. 15, v. (p. 72, l. 36). *Chá*.

O chá é de grandíssimo uso da gente do Tibet (veja-se *Carta primeira*, fl. 15, v., e *Carta segunda*, p. 6). Como se sabe, chá é o nome no dialecto mandarino da planta *Camellia thejfera*, Griff., das fôlhas secas desta planta, e da infusão das mesmas fôlhas. Os Tibetenses designam o chá pelo nome chinês; e tem um modo particular de o preparar, que é descrito por L. de Milloué (*Bod-Youl ou Tibet*, p. 87-88).

Fol. 15, v. (p. 73, l. 2).

No impresso está: *sendo esta a cidade da gente;* que é êrro tipográfico por: *sendo esta a calidade da gente*. Veja-se fol. 14, v. (p. 69, l. 34).

CARTA SEGUNDA

Pág. 75, l. 1.

O texto da *Carta segunda* foi reproduzido o mais exactamente possível pela cópia fotográfica, desfazendo sómente as abreviaturas, mas conservando os modos de escrita das palavras conforme se encontram no original, os quais mostram a indecisão do autor, e algumas particularidades da pronúncia da gente da província da Beira, donde o P. António de Andrade era natural.

Pág. 2 (p. 76, l. 23). *Pagode por nome Badry.*

Em sânscrito *badarî* é o nome da árvore jujuba *(Ziziphus Jujuba)*, e também o nome do sítio, em que é situado o templo de Badarînâthâ, consagrado a Visnu, e onde são as nascentes do Visnu-Gangâ, um dos rios que formam o curso superior do Ganges. Êste templo (pagode) é um lugar muito freqüentado dos peregrinos budhistas. (Sylvain Lévi).

Pág. 2 (p. 76, l. 27 e p. 77, l. 7).

No original está escrito *poderemos* em vez de *podermos*, e *teremos* em vez de *termos*. É provável que o autor lê-se e acentuasse *poderemos* e *téremos*. Veja-se ainda pág. 28 (p. 107, l. 18), onde se lê *tornaremos* em vez de *tornarmos*.

Pág. 5 (p. 80, l. 3-9).

Em duas das quatro cartas geográficas da Biblioteca Pública de Évora, que parece terem sido desenhadas no século XVIII, e que foram publicadas (Cristóvão Aires, *Fernão Mendes Pinto e o Japão*, Lisboa, 1906), é dada a divisão do Gram Tibet em reinos do modo seguinte: ao poente o Reino de Coque; ao centro os Reinos de Ladac e de Redoc; e ao oriente os Reinos de Utsang, de Moriul e de Lassa. No reino do Coque é situada a cidade de Chaparangue em Lat. 32° 30′ N, e Long. 101° 30′ O (da Ilha de Ferro). Nos Estados do Gram Mogol é indicada a situação de Serinagar, Mana, e Badrit Pagode. Todas estas indicações tem provàvelmente por origem as notícias dadas nas cartas do P. António de Andrade.

Pág. 5 (p. 80, l. 8). *Sopô.*

Sopô é certamente o tibetense *Sog-po*, pelo qual nome são designados os Mongoes; mas em um manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, que parece datar do ano de 900, *Sog-po* tem por equivalente chinês a palavra Hou, «gentes da Asia central», particularmente os Iranios da Ásia central. (P. Pelliot, no *Journal Asiatique*, 1912, II, p. 522 e nota 3).

Pág. 5 (p. 80, l. 11 e 13). *Catayo... Katay.*

Algumas províncias do norte da China foram desligadas do govêrno imperial, e governadas por príncipes estrangeiros; a primeira destas foi a dos Khitan, cujo govêrno subsistiu durante dois séculos, e de cujo nome se originou a designação de Khitai, ou Kathay, pela qual a China foi conhecida entre as nações da Ásia central, e por esta entre as nações da Europa nos séculos X a XIV.

(*The book of ser Marco Polo*, ed. Yule et Cordier, I, Introduction, p. 11 e 15; Bar Hebraeus, *Chronica syriaca*, 218, 6; cf. *Journal Asiatique*, 1889, I, p. 317 e nota 2).

Pág. 6 (p. 80, l. 22). *Lamaz.*

Em tibetense *Blama* (forma escrita), que se pronuncia *la-ma*, corresponde ao sânscrito *guru*, *acârya*, e designa o director espiritual, o mestre religioso (Sylvain Lévi).

Na carta segunda a grafia vacila entre *Lamâ*, *Lamâ*, plural *Lamâs*, *Lamaz*.

Pág. 6 (p. 81, l. 15 e 26). *Nhunâ... Nenhâ*

A primeira sílaba das duas palavras tibetenses é certamente *smyun*, que se pronuncia *nyung*, e significa jejum, jejuar. A palavra *smyun* combina-se com *gnas*, e pronuncia-se *nyung ne*, e designa o jejum religioso. (Sylvain Lévi).

Nhunâ, jejum de grande apêrto, isto é, jejum rigoroso; Nhenâ, jejum ordinário ou comum, menos rigoroso que o primeiro.

Pág. 8 (p. 82, l. 36). *Quimões da China.*

O quimão, do japonês *Kimono*, é uma sobreveste usada pelos Japoneses e Chineses, larga, talar sem abotoadura, de mangas largos na entrada e canhão revirado, com gola e bandas; ajusta-se ao corpo por meio de um cinto. (S. R. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, p. 237-238).

Pág. 8 (p. 83, l. 15). *Lâ.*

Em tibetense a forma escrita é *lha*, e significa ente divino, anjo. (Sylvain Lévi).

Pág. 9 (p. 84, l. 33). *Sango, sango.*

A palavra tibetense corresponde talvez à sânscrita *çantam* das imprecações: *dhik çantam* e *çantam papam*, may evil, or sin be averted! (Monier William, *S. E. D.*, p. 1064).

Pág. 11 (p. 86, l. 29). *Utsang.*

No tempo em que o P. António de Andrade entrou no Tibet, a cidade de Utsang, capital do reino do mesmo nome, tinha grande importância; era como uma universidade, onde os Lamâs iam fazer seus estudos; ali havia muitos templos, e era a residência do Lamâ grande (Dalai Lama). Nesse mesmo tempo o rei de Choque mandou pedir ao de Utsang uma filha para casar com o príncipe

seu filho (*Carta segunda*, p. 11, 22, 32 e 33). Nas Cartas geográficas, manuscritas da Biblioteca Pública de Évora, é situada ao oriente de Chaparangue, e distante dela cêrca de 10° de longitude (quarenta dias de caminho) (*Carta segunda*, p. 22).

Pág. 19 (p. 95, l. 15-19).

Os três elementos da Trindade buddhica são assim designados na língua tibetense:

Primeira Pessoa: *Lama Conjoe*, tib. *bla ma dkon-mchog*, que significa: «o respeitável precioso».

Segunda Pessoa: *Cho Conjoe*, tib. *chos dkon-mchog*, que significa: «a lei preciosa».

Terceira Pessoa: *Sanguia Conjoe*, tib. *sangha dkon-mchog*, que significa: «o sangha (comunidade) precioso».

Estes elementos são pois o *tri-ratna*, «três joias», do buddhismo (Sylvain Lévi).

Pág. 19 (p. 96, l. 9). *Chô conjoe era o filho de Deos.*

A explicação da Segunda Pessoa da Trindade cristã, dada pelo P. António de Andrade, é fundada nas palavras do Evangelho de S. João, cap. 1, v. 1 e 11, identificando *Verbum*, isto é, a palavra, com o livro, como palavra escrita.

Pág. 20 (p. 97, l. 1). *Ourives deste Rei.*

Os três ou quatro homens, ourives do rei de Tibet, que ao tempo residiam em Chaparangue, naturais de outras terras que distavam dois meses de caminho, e das quais eram senhores outros dois reis, eram sem dúvida do Nepal, ainda que o nome dêste país não é dado, não só em razão da profissão dos mesmos homens, da situação do seu país, mas também porque é sabido que desde o fim do século XV até ao princípio do século XVII, o Nepal era dividido em dois reinos (Sylvain Lévi, *Le Nepal*, 1, p. 79-80).

Pág. 20 (p. 97, l. 13). *Iamdar.*

Os objectos, a que o P. António de Andrade dá o nome de cruzes, e que eram designadas pelo nome de Iamdar, são próprios e exclusivos da religião do Nepal. A palavra Iamdar reproduz com suficiente exactidão o nome sânscrito Indra (vulgarmente Indar), em cuja honra os mesmos objectos eram fabricados. (Sylvain Lévi, *Le Nepal*, 1, p. 79-80).

Pág. 24 (p. 102, l. 15). *Daim.*

Daim, do concani *dahim*, sânscrito *dadhi*, leite coalhado e aze

dado, muito em uso na Índia entre os hindus. (S. R. Dalgado, *Glossario Luso-Asiático*, I, p. 343).

Pág. 25 (p. 102, l. 35 e p. 103, l. 4). *Om mani padme onri.*

Estas seis sílabas *(sadaksara)* são a fórmula sacrossanta do budhismo do Tibet; a sua história e sentido são enigmáticas, tendo sido propostas muitas interpretações. *Om* é uma fórmula de benção ou de santificação; *mani* significa pedra preciosa ou jóia; *padme* é talvez o locativo da *padma*, lódão; *hûm (omri)* é uma sílaba mística. (Sylvain Lévi, *Le Nepal*, II, p. 20).

E. Burnouf (*Introduction à l'histoire du Budhisme Indian*, p. 225) diz, que a fórmula *sadaksara* é atribuída ao Bodhisattva Avalokiteçvara; e que ela não se encontra nos escritos dos Buddhistas do Sul.

Pág. 25 (p. 103, l. 29).

Conjoe sumbo gà dipâ ta em Ro (Senhor, perdoai-me meus pecados). *Conjoe, dkon-mchog*, significa precioso; *sumbo, btsum-bo*, mestre; *ga, na (nga)*, eu; *dipa ta, sdigpa dag*, os pecados; *em* deve corresponder à palavra *perdoai;* será *dbyen* pôr de parte, separar? É mais do que duvidoso. *Ro* parece ser a palavra *rogs*, auxílio, que serve para formar o imperativo respeitoso de linguagem falada. (Sylvain Lévi).

Pág. 14, l. 8.

Pinho Leal (*Portugal antigo e moderno*, tômo VI, Lisboa, 1875, p. 222) diz, que em poder do Visconde de Oleiros existe um retrato do P. António de Andrade, no qual se lê a seguinte inscrição:

PATER ANTONIUS DE ANDRADE
SOCIETATIS JESUS, PROVINCIAE
GOANNAE XVII PROVINCIALIS
MISSIONIS THEBITENSIS PRIMUS
EXPLORATOR ET FUNDATOR.
OBIIT ANNO DOMINI 1634
14 KALENDAS APRILIS. AETATE
SUA 53.

Acêrca da missão do Tibet veja-se ainda: Le Rév. Père Adrien Launay, *Histoire de la Mission du Thibet*, 2 vol. grand in-8, avec carte et table analytique.

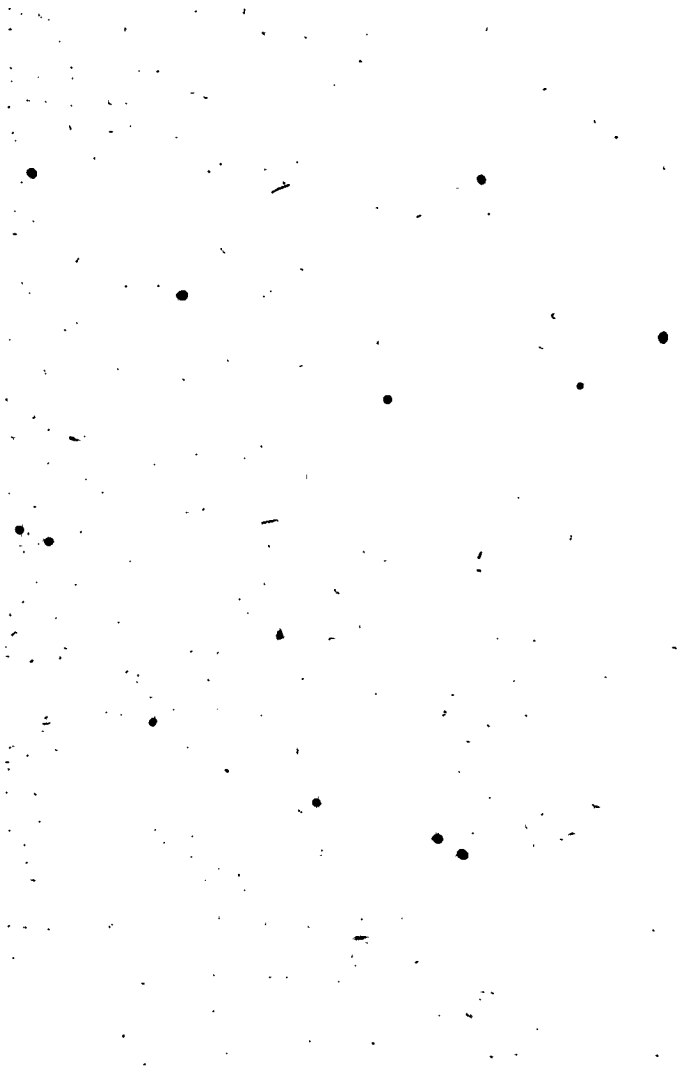
ÍNDICE

Pág.

Parecer da Classe de Letras da Academia das Sciências de Lisboa 5
Prefácio 7
Notícia biográfica do P. António de Andrade 9
O Tibet 17
Clima 18
População 19
Divisão política 20
Língua e escrita 22
Religião 23
Lamás 26
Notícias antigas 28
Notícias dos viajantes da idade média 31
Notícias dadas pelos Portugueses 33
Duas cartas do P. António de Andrade 39
Carta primeira 39
Carta segunda 40
Carta do Conde Almirante 42
Texto da Carta primeira 45
Texto da Carta segunda 75

APÊNDICE:
Carta do P. António de Andrade ao P. Provincial de Goa 123

NOTAS:
Notas à Carta primeira 129
Notas à Carta segunda 133



ERRATAS E CORRECÇÕES

Pág.	linha		
10	18.	Dehli	Delhi
11	10	Dehli	Delhi
25	16	*sangha*	*sangha,*
27	22	Tibatenses	Tibetenses
28	n. 3	Silvain Lévy	Sylvain Lévi
30	n. 1	*remarques*	*remarks*
31	2	Tibatenses	Tibetenses
31	n. 2	*additionel*	*additional*
31	n. 2	*remarques*	*remarks*
54	28-29	orelhao	orelhas
103	30	ta e	tã ẽ (?).

00085988

Digitized with financial assistance from

HT Parekh FOUNDATION

An Initiative by HDFC

WITH YOU, RIGHT THROUGH

on 28 December, 2018